

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE**

MAURICIO DOS SANTOS DE OLIVEIRA

**A MICROCULTURA DE UM GINÁSIO DE TREINAMENTO DE GINÁSTICA
ARTÍSTICA FEMININA DE ALTO RENDIMENTO**

São Paulo

2014

MAURICIO DOS SANTOS DE OLIVEIRA

A MICROCULTURA DE UM GINÁSIO DE TREINAMENTO DE GINÁSTICA
ARTÍSTICA FEMININA DE ALTO RENDIMENTO

VERSÃO CORRIGIDA

Tese apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de concentração: Pedagogia do Movimento Humano.

Orientadora: Profa. Dra. Myrian Nunomura

São Paulo

2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que a fonte seja citada.

Catálogo da Publicação

Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Oliveira, Maurício dos Santos de

A microcultura de um ginásio de treinamento de ginástica
artística feminina de alto rendimento / Maurício dos Santos de
Oliveira. – São Paulo : [s.n.], 2014.

183p.

Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e
Esporte da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Myrian Nunomura.

1. Ginástica artística 2. Microcultura I. Título.

Nome: OLIVEIRA, Mauricio dos Santos de

Título: A microcultura de um ginásio de treinamento de ginástica artística feminina de alto rendimento.

Tese apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovado em: ___ / ___ / ___

Banca Examinadora

Profa. Dra. Myrian Nunomura

Instituição: EEFERP/USP

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto

Instituição: FEF/UNICAMP

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques

Instituição: EEFERP/USP

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Profa. Dra. Laurita Marconi Schiavon

Instituição: IB/UNESP

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. Vinícius Demarchi Silva Terra

Instituição: UNIFESP

Julgamento: _____

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese de doutorado ao Prof. Dr. Alexandre Pereira Chahad e à Profa. Dra. Myrian Nunomura que foram essenciais ao longo dessa jornada.

Friends are angels who lift us up to our feet when our own wings have trouble remembering how to fly!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar aqui a minha gratidão a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte do caminho percorrido na elaboração dessa tese. Este trabalho é fruto de significativas contribuições que foram adquiridas durante a minha trajetória acadêmica e profissional.

Ao longo do tempo, foram muitas pessoas, bem como instituições, que subsidiaram de forma fundamental essa construção. O êxito desse trabalho não é resultado de um esforço individual, pois não teria sido possível desenvolvê-lo sem a ajuda e o apoio de todos que estiveram ao meu redor e que contribuíram com suas experiências, conhecimentos, ideias, apoio e amizade. Meus sinceros agradecimentos!

Gostaria de expressar a minha eterna gratidão à minha orientadora Profa. Dra. Myrian Nunomura que permitiu que essa jornada em busca do conhecimento fosse permeada por atos de amizade, confiança, paciência, compreensão, receptividade e críticas construtivas que, além de contribuir com a elaboração do trabalho no âmbito da pesquisa, contribui com a minha formação humana e profissional como docente.

Da mesma forma agradeço ao Prof. Dr. Marco Antônio Coelho Bortoleto (Marquinho), a minha eterna gratidão por ter me acompanhado até aqui desde as orientações na iniciação científica e no mestrado. Muito obrigado pela amizade, parceria, compreensão, receptividade e atitude crítica ao longo de todos esses anos. Sempre serei grato por todo o apoio e a sua generosidade em compartilhar comigo os seus conhecimentos e por ter me instigado a enveredar pelos estudos culturais da GA.

À Prof. Dra. Laurita Marconi Schiavon o meu muito obrigado por ter contribuído, significativamente, com o meu desenvolvimento acadêmico, pois esteve presente em momentos significativos e sempre serviu como referencial nessa jornada pelo conhecimento. Agradeço as contribuições e a receptividade em participar da minha formação desde o TCC até este momento.

Ao Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques, o meu muito obrigado pela disponibilidade em compartilhar os seus saberes durante o desenvolvimento desse trabalho. Agradeço por ter aceitado o convite em participar dessa busca por conhecimentos e pela colaboração, apoio, considerações críticas e a confiança ora depositados em mim. Espero que a parceria continue em trabalhos futuros.

O meu muito obrigado ao Prof. Dr. Vinícius Demarchi Silva Terra por ter acolhido o convite em participar desse momento importante da minha formação acadêmica e que atuou, de forma significativa, na minha formação na graduação.

Agradeço, também, aos demais professores da banca Prof. Dr. Alexandre Moreira, Profa. Dra. Eliana de Toledo Ishibashi, Profa. Dra. Paula Cristina da Costa Silva, Profa. Dra. Elizabeth Paoliello Machado de Souza e Prof. Dr. Odilon José Roble por comporem o quadro da banca como suplentes. Obrigado pela disponibilidade e apoio nesse momento.

À Profa. Dra. Michele Viviene Carbinatto sempre serei grato pela parceria e pelos incentivos desde o ingresso na USP.

Eu estendo o meu agradecimento aos docentes da EEFE/USP, principalmente, a Profa. Dra. Flávia da Cunha Bastos por ter me acolhido como monitor de sua disciplina de graduação e que contribuiu, sobremaneira, com o meu processo de formação como docente.

Sou grato à coordenação de pós-graduação da Escola de Educação Física e Esporte (EEFE) da Universidade de São Paulo (USP), pelo apoio fornecido no decorrer de todos esses anos, principalmente, com o auxílio CAPES/PROEX que permitiu o desenvolvimento do estudo com a participação em eventos internacionais.

Agradeço aos funcionários da secretaria de pós-graduação da EEFE/USP Ilza, Marcio, Mariana e Paulo que sempre me acolheram com paciência e me auxiliaram ao longo de todo o processo de doutoramento.

Aos indivíduos da pesquisa, os meus sinceros agradecimentos, pois contribuíram de forma fundamental para que este estudo pudesse ser realizado. Muito Obrigado!

Agradeço a todos os meus amigos que com sua amizade e afeto me apoiaram, incentivaram e compreenderam as minhas ausências e estiveram presentes nos momentos de alegrias e dificuldades.

Aos meus pais sou grato pelo esforço, dedicação e compreensão, em todos os momentos, e que nunca mediram esforços para que eu chegasse até aqui.

Aos meus irmãos, Paulo Francisco e Verônica, obrigado pela amizade, carinho e companheirismo.

Por fim, agradeço ao Prof. Dr. Alexandre Pereira Chahad por ter me acompanhado e apoiado durante este desafio. Obrigado pela compreensão e por ter agregado tanto, não só à pesquisa, mas à minha vida.

OBRIGADO

I dreamed of running and twisting and double somersaults and that nothing could tether me to the ground because I was born to fly.

Nadia Comaneci

RESUMO

OLIVEIRA, M. S. **A microcultura de um ginásio de treinamento de ginástica artística feminina de alto rendimento**. 2014. 183f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

No esporte podemos identificar microculturas constituídas por um grupo de pessoas que compartilham valores, crenças, padrões de comportamentos e um sistema de símbolos, verbal e não verbal, que os distingue do meio cultural dominante. O ginásio é o espaço no qual as microculturas de Ginástica Artística (GA) estão resguardadas e mantém a preeminência das tradições que constituem, em âmbito maior, a macrocultura da modalidade. Nesse ambiente há uma teia de significados, supostamente compartilhados, que emergem de suas estruturas de ação, comportamento e comunicação que apresentam características idiossincráticas. E, essas só podem ser compreendidas a partir dos significados atribuídos pelos seus próprios protagonistas, ou seja, ginastas e técnicos. O objetivo do presente estudo foi identificar, apresentar e analisar aspectos que constituem a microcultura de GA, em um ginásio de treinamento de alto rendimento, na categoria feminina. O caminho metodológico escolhido foi a abordagem de um estudo de caso do tipo etnográfico. No transcorrer do estudo, foi possível desvelar procedimentos, valores e comportamentos que elucidam a cultura de treinamento da GA feminina e que conformam a dinâmica de funcionamento do ginásio. Observamos no corpo e no desempenho das ginastas aspectos que refletem a cultura, assim como nos padrões de comportamento e na comunicação das ginastas e dos técnicos. Valores como a perseverança, a disciplina, a dedicação e a subserviência das ginastas aos técnicos emergiram durante as horas de treinamento. Ademais, observamos atributos inerentes ao universo simbólico do ginásio como a necessidade de sacrifício à dor e os atos ritualísticos. Essa cultura de treinamento, meio pelo qual as ginastas e os técnicos se adaptam e fornecem sentido às suas ações nesse ambiente físico e social de treinamento, expôs características peculiares da GA feminina e que continuam a ser transmitidas entre as gerações de atletas pelo processo de endoculturação.

Palavras-chave: Ginástica artística feminina. Microcultura. Relacionamento técnico-atleta.

ABSTRACT

OLIVEIRA, M. S. **The training gym microculture of women's artistic gymnastics at a high level sport.** 2014. 183f. Thesis (Doctor of Science) – School of Physical Education and Sport, University of São Paulo, São Paulo, 2014.

In the sport environment we can identify microcultures consisting of a group of people who share values, beliefs, patterns of behavior and a symbolic system, verbal and nonverbal, which distinguishes them from the dominant cultural milieu. The gym is the space in which Artistic Gymnastics microcultures are sheltered and preserves the preeminent traditions which constitute, at a larger scope, the macroculture of this sport. In this environment there is a web of meanings, supposedly shared, emerging from their structures of action, behavior and communication that have idiosyncratic characteristics. Moreover, that can only be understood from the meanings assigned by its own protagonists, in other words, gymnasts and coaches. The aim of this study was to identify, present and analyze aspects that constitute the microculture of Artistic Gymnastics at a high performance training gym in the woman's category. The methodological path chosen consisted of a case study of ethnographic type. In the course of the study, it was possible to unveil procedures, values, and behaviors that elucidated the Woman's Artistic Gymnastics training culture that configured the dynamic operation of the gym. We observed in the body and in the performance of the gymnasts aspects that reflect the gym microculture, as well as in patterns of behavior and communication of the gymnasts and coaches. Values such as perseverance, discipline, dedication and subservience of the gymnasts to their coaches emerged during training hours. Furthermore, we observed inherent attributes emerging from the gym symbolic universe such as the need of pain sacrifice and ritualistic acts. This training culture, the means by which the gymnasts and coaches adapt themselves and provide significance to their actions in the physical and social environment of training, showed peculiar characteristics of Woman's Artistic Gymnastics that continue to be passed down across the generation of athletes by endoculturization process.

Keywords: Woman's artistic gymnastics. Microculture. Athlete-coach relationship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Nadia Comaneci 1976	19
Figura 02 - A romena Andreea Grigore compete na trave no mundial de 2007	20
Figura 03 - A ginasta Liu Xuan no solo durante os Jogos Olímpicos de 2000.....	36
Figura 04 - Equipe da Holanda campeã olímpica por equipes em 1928	38
Figura 05 - As ginastas Vlasta Dékanová (direita) e Käthe Schnemann (esquerda) se apresentam nas barras paralelas nos Jogos Olímpicos de 1936	39
Figura 06 - Apresentação das ginastas Húngaras que receberam a maior pontuação na apresentação em grupos em Melbourne 1956	41
Figura 07 - Larissa Latynina na prova de solo nos Jogos Olímpicos de 1964.....	43
Figura 08 - A alemã Erika Zuchold na trave de equilíbrio	45
Figura 09 - Olga Korbut na capa da revista Sports Illustrated	46
Figura 10 - Ludmilla Tourischeva 1972	48
Figura 11 - A ginasta Vera Caslavcsa durante a série de paralelas assimétricas ...	49
Figura 12 - A ginasta americana Cathy Rigby, 15 anos, em 1968	53
Figura 13 - Cathy Rigby dos Estados Unidos pioneira no estilo “pequenas fadas” que receberia notoriedade com Olga Korbut	53
Figura 14 - Elena Mhukina.....	55
Figura 15 - Nadia Comaneci 1980.....	56
Figura 16 - Maria Filatova na trave de equilíbrio	58
Figura 17 - Mary Lou Retton compete na trave nos Jogos Olímpicos de 1984	60
Figura 18 - Svetlana Boginskaya 1989.....	61
Figura 19 - Shannon Miller nos Jogos Olímpicos de 1992	63
Figura 20 - A russa Svetlana Khorkina posa para a revista masculina no ano de 1997	65
Figura 21 - Oksana Chusovitina na trave de equilíbrio no mundial de 2013	70
Figura 22 - Chellsie Memmel na seletiva americana de 2008	71
Figura 23 - A campeã olímpica e mundial Catalina Ponor da Romênia	72
Figura 24 - A ginasta Alicia Sacramone compete no campeonato americano de 2012	72
Figura 25 - Trave de equilíbrio confeccionada em mogno laminado	73
Figura 26 - Mesa de salto	77

Figura 27 - Cavalo	77
Figura 28 - Barras paralelas assimétricas adaptada do aparelho masculino	78
Figura 29 - Barras paralelas assimétricas desenvolvida, especificamente, para a GAF	78
Figura 30 - A ginasta norte-americana Doris Fuchs Brause	79
Figura 31 - Mo Huilan nas barras paralelas assimétricas realizando o “Mo Salto” ..	80
Figura 32 - Laura Campos compete no Campeonato Mundial de 2007	84
Figura 33 - Daniele Hypólito nos Jogos Olímpicos de 2000	85
Figura 34 - Daniele Hypólito nos Jogos Olímpicos de 2004	85
Figura 35 - Daniele Hypólito nos Jogos Olímpicos de 2008	85
Figura 36 - Daniele Hypólito nos Jogos Olímpicos de 2012	85
Figura 37 - Daiane dos Santos na prova de solo dos Jogos Olímpicos de 2012.....	87
Figura 38 - Linguagem da GA	92
Figura 39 - A linguagem da GA como integrante da linguagem	92
Figura 40 - Detalhe das faixas e do caninho	93
Figura 41 - Elemento kip	96
Figura 42 - Elemento “Araújo” no CP	98
Figura 43 - Elemento “Araújo” explicitado no CP.....	98
Figura 44 - Duplo twist carpado (Dos Santos I)	100
Figura 45 - Amanda Borden dos Estados Unidos.....	107
Figura 46 - Oleg Ostapenko, técnico da seleção brasileira, auxilia a ex-ginasta Laís Souza	108
Figura 47 - Kerri Strug nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996	113
Figura 48 - Betty Okino na trave de equilíbrio no Campeonato Mundial de 1991...121	
Figura 49 - Detalhe da perna enfaixada de Dominique Moceanu nos Jogos Olímpicos de 1996 no qual a atleta competiu com uma fratura de estresse	124
Figura 50 - Mão da ginasta brasileira Jade Barbosa	127
Figura 51 - Mão da ex-ginasta Laís Souza da seleção brasileira com a proteção confeccionada com uma bandagem do mesmo tipo observado no ginásio	129
Figura 52 - Visão frontal e lateral, respectivamente, das barras assimétricas.....	139
Figura 53 - Daniele Hypólito arruma o barrote superior nos Jogos Olímpicos de Londres 2012	141

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Exemplos de elementos e símbolos	101
---	-----

LISTA DE SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa.
COI	Comitê Olímpico Internacional.
CP	Código de Pontuação.
CTF	Comitê Técnico Feminino.
DC	Diário de Campo.
EEFE	Escola de Educação Física e Esporte.
IMC	Índice de Massa Corporal
FIG	Federação Internacional de Ginástica.
GA	Ginástica Artística.
GAF	Ginástica Artística Feminina.
GAM	Ginástica Artística Masculina.
USP	Universidade de São Paulo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
1.1. Objetivo	23
1.1.1. Objetivo Geral	23
1.1.2. Objetivos Específicos	23
1.2. Justificativa	24
1.3. Questões Conceituais	25
1.3.1. Cultura	25
1.3.2. Microcultura	27
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
2.1. Natureza do Estudo	29
2.2. Técnicas de coleta de dados	31
2.3. Universo da Pesquisa	33
2.4. Comitê de Ética em Pesquisa	34
2.5. Limitações do Estudo	34
3. DESDOBRAMENTOS DA GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA CONTEMPORÂNEA	36
3.1. Das apresentações em grupo às disputas individuais	37
3.2. O advento das pequenas fadas	46
3.3. Em busca do equilíbrio artístico e acrobático	57
3.4. Jovens mulheres	63
3.5. Um novo século	67
3.6. Artefatos culturais: os aparelhos de ginástica artística feminina.....	72
3.7. Considerações.....	82
4. LINGUAGEM NA GINÁSTICA ARTÍSTICA: APONTAMENTOS SOBRE O “GINASTIQUÊS”	87
4.1. Linguagem oral	90
4.2. Linguagem escrita: simbologia em ginástica artística feminina	99
4.3. Considerações.....	102
5. A RELAÇÃO TÉCNICO-ATLETA NA GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA	104
5.1. O olhar da literatura	106
5.2. A relação técnico-atleta na microcultura do ginásio	111

5.3. Considerações.....	118
6. UMA COMPANHEIRA “FIEL”: AS GINASTAS DE GINÁSTICA ARTÍSTICA E A DOR	120
6.1. A dor na ginástica artística feminina	122
6.2. A dor na microcultura do ginásio	125
6.3. Discussão	130
6.4. Considerações.....	134
7. RITUAL E HÁBITO NA GINÁSTICA ARTÍSTICA: UM OLHAR SOBRE AS BARRAS PARALELAS ASSIMÉTRICAS	137
7.1. Particularidades das barras paralelas assimétricas.....	139
7.2. Ritual no esporte	142
7.3. Rituais de preparação individual nas barras paralelas assimétricas	144
7.4. Discussão	148
7.5. Considerações.....	152
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS	160

1. INTRODUÇÃO

No ano de 1819, o rei da Prússia mandou prender Friedrich Ludwig Jahn, um dos idealizadores mais proeminentes do Método Alemão, e ordenou o fechamento dos campos de ginástica. Assim, os pupilos de Jahn buscaram o refúgio nas salas e ginásios onde podiam praticar a modalidade longe dos olhos e da perseguição da classe feudal reacionária (BORRMANN, 1980).

Os ginastas viam nesses ambientes fechados a possibilidade de continuar a prática da ginástica, assim como manter o caráter revolucionário do movimento ginástico alemão. O fato sinaliza que o surgimento de ginásios para o treinamento de ginástica nesse período não teve, fundamentalmente, origem de ordem climática, mas política (BORRMANN, 1980).

Durante o Bloqueio Ginástico, nome pelo qual ficou conhecido esse período de perseguição (SOARES, 2004), os mentores esportivos continuaram a utilizar a ginástica para transformar os seus alunos em seres dóceis, submissos, prontos para obedecer e servir. Borrmann (1980) expõe que mesmo durante a perseguição, as técnicas e a metodologia do ensino da ginástica se desenvolveram rapidamente e constituíram a base sobre a qual nasceu a Ginástica Artística (GA).

O método preconizado por Jahn tinha como um de seus preceitos a preparação de indivíduos para a guerra de libertação nacional contra o domínio de Napoleão e a unificação da Alemanha (LANGLADE; LANGLADE, 1986).

Esta origem militar do Método Alemão conferiu a GA o seu caráter ordenativo, metódico e disciplinador e sempre com uma utilidade moral e civilizadora. Mas, no contexto atual, as batalhas são outras. Hoje os ginastas lutam diariamente para obter um corpo-máquina que seja capaz de articular a maestria técnica, o virtuosismo e o domínio das dificuldades com o objetivo de vencer no campo esportivo.

Para que isso ocorra, os ginastas passam longas horas no ginásio onde são submetidos a um processo de formação que visa conscientizá-los sobre a necessidade de organização, de disciplina, de alta capacidade de trabalho, de perseverança e do sentido de dever e da honra (BAKER-RUCHTI, 2011; BORTOLETO, 2004).

No decorrer da história, observamos a formação de uma sociedade ginástica que emergiu nos enclaves dos ginásios. Segundo Smoleuskiy e Gaverdouskiy (1996, p. 22), essa sociedade foi constituída nos países europeus que *“tienen tradiciones antiguas y a pesar de los diferentes niveles de logros de sus gimnastas siguen manteniendo estas tradiciones y colaboran en la sociedad continental y mundial de la gimnasia”*.

Essa sociedade, supracitada, possui características conservadoras, tradicionais e idiossincráticas que culminaram com a formação de uma cultura ginástica que foi disseminada pelo mundo. Bortoleto (2007) expõe que essa cultura emerge nas cerimônias e nos rituais onde os técnicos possuem o poder da palavra e os ginastas se limitam a escutar e a agir quando são solicitados. Ainda, de acordo com o autor, o funcionamento desse ambiente se fundamenta no respeito à hierarquia de comandos e no cumprimento da programação de atividades e das regras estabelecidas pelo Código de Pontuação (CP).

Desta forma, podemos compreender o ginásio como um espaço encarregado de preservar esse sistema de valores, de princípios e de ações que constituem a cultura da modalidade. Neste contexto específico há uma cadeia de significados que emergem das suas estruturas de ação, comportamento e comunicação (BORTOLETO, 2004).

Assim como qualquer outra microcultura, o ginásio possui particularidades, muitas vezes, compreensíveis somente a partir dos significados atribuídos pelos seus próprios protagonistas (ginastas e técnicos). Zulaika (1989) citada por Bortoleto (2004) considera esse espaço restrito e de difícil acesso para a maioria das pessoas e, por isso, poucos conhecem a sua dinâmica cultural. Em muitos ginásios, até mesmo os pais dos atletas não são autorizados a permanecer e acompanhar as atividades de seus filhos (BARKER-RUCHTI, 2011; NUNOMURA; OLIVEIRA, 2014).

Neste ambiente, os ginastas estão inseridos numa longa rotina de treinamento diário e somente aqueles que possuem certas qualidades físicas e psicológicas, associadas com o treinamento, terão maiores chances de sucesso (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2006). Trata-se de uma das modalidades esportivas mais exigentes devido às longas horas de treinamento, à diversidade de conteúdos e à intensidade da prática.

Ukran (1978) afirma que a característica que distingue a GA de outras modalidades esportivas está na quantidade de elementos distintos que estão

distribuídos em seus aparelhos nos quais os atletas devem alcançar a maestria técnica, a perfeição. A complexidade e as exigências rigorosas fazem com que a modalidade seja pouco acessível à maioria das pessoas na sua vertente competitiva.

O sucesso na GA está relacionado à sistematização do treinamento numa idade precoce que prima estimular as capacidades coordenativas no período ótimo para o seu desenvolvimento e aproveitar as vantagens do corpo mais leve e menor das crianças (NUNOMURA; PIRES; CARRARA, 2009). Este aspecto tornou-se hegemônico no treinamento de GAF, principalmente, após o sucesso de jovens ginastas como Olga Korbut (17 anos) e Nadia Comaneci (14 anos) nos Jogos Olímpicos de Munique (1972) e Montreal (1976), respectivamente.



Figura 1 – Nadia Comaneci 1976. Fonte: Allsport USA (2014)

A partir desse momento, observamos um declínio na idade das ginastas femininas que competiam na classe mundial e um aumento na complexidade dos elementos executados nas séries das ginastas.

Anteriormente, a grande estrela da modalidade era uma mulher madura, da antiga Tchecoslováquia, chamada Vera Caslavka. Essa atleta dominou as competições entre os anos de 1964 e 1968 e venceu o seu último título olímpico aos 26 anos de idade.

Com a popularização do padrão de ginástica personificado na figura de Nadia Comaneci, observamos que muitos técnicos que atuavam com a categoria masculina migraram para a GAF, o que alterou os rumos da categoria feminina da GA (KERR, 2003; 2006). A primazia do *ballet* e da Ginástica Moderna foi suplantada pela prioridade conferida aos elementos acrobáticos.

Embora aconteçam competições por equipes na GA, este é um esporte individual, em que a atleta compete sem que haja intervenção direta de companheiras de equipe ou de adversários, pois não há um confronto direto (BORTOLETO, 2004). Porém, as inter-relações estabelecidas no ambiente do ginásio são primordiais para o desenvolvimento e o desempenho das atletas. Além disso, o relacionamento entre ginasta e técnico possui características específicas e particulares.

No documentário *Gimnastele* (REPORTER SPECIAL, 2008) que aborda o treinamento das ginastas romenas para os Jogos Olímpicos de Pequim 2008, acompanhamos a dificuldade da ginasta Andreea Grigore (FIGURA 2) na execução do seu salto sobre a mesa e a submissão dessa atleta ao seu treinador.



Figura 2 – A romena Andreea Grigore compete na trave no mundial de 2007. Fonte: Schwall (2014).

O técnico Nicolae Forminte, após explicar o erro cometido pela ginasta Andreea Grigore, solicita que a mesma realize um exercício educativo no plano elevado. Ao olhar a altura do plano alto, a ginasta sabe que é improvável executar

sem a ajuda de um implemento, no caso um trampolim. Mas, mesmo relutante, a atleta obedece ao técnico e realiza o movimento negligenciando a sua integridade física. Consequentemente, Andreea Grigore finaliza o exercício com o apoio da cabeça no colchão e lágrimas nos olhos.

Este relacionamento de submissão, obediência e sem abertura para questionamentos, é um resquício da origem militar da GA, o qual foi citado anteriormente, que visa a um corpo habilidoso e disciplinado (BARKER-RUCHTI, 2011). Ao mesmo tempo em que a disciplina imposta no treinamento aumenta as forças do corpo, ela diminui as forças do pensamento crítico dos ginastas que, na maioria dos casos, estão inseridos neste contexto desde tenra idade. Este pensamento pode ser compreendido melhor nas palavras do psicólogo Joaquim, do Centro de Alto Rendimento de Barcelona:

Los gimnastas se preparan para ser máquinas. Para ser buenos gimnastas cuando más máquinas mejor. No hay que tomar decisiones, no hay que pensar, hay que reproducir un mismo patrón técnico de movimiento. Cuanto más exacto lo vas haciendo en el entrenamiento mejor, más parecido al patrón; siempre igual (BORTOLETO, 2007, p. 70).

Assim como na disciplina imposta ao soldado (FOUCAULT 2008, p. 119), a ginasta é submetida a uma formação esportiva que “dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita”.

O modelo impositivo de treinamento, no qual o poder de decisão está centralizado no técnico, vem sendo hegemônico na modalidade. A estrutura social do ginásio está organizada hierarquicamente e nessa todos sabem exatamente o papel que devem desempenhar, assim como seus poderes, deveres, direitos e responsabilidades. Percebemos que “o treinamento brinda diariamente uma homenagem à disciplina que envolve a ginástica desde seu nascimento, controlando o espaço, o tempo, os corpos e as condutas de forma estrita” (BORTOLETO 2007, p. 69).

Assim como na formação militar (FOUCAULT, 2008), a qual está imbricada na origem da modalidade, a disciplina presente na microcultura do ginásio funciona como repressora do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da maneira de ser (grosseira, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência),

dos corpos (atitudes incorretas, postura), do espaço (ginásio) e foi importante para consolidar a GA.

Essas características da instrução esportiva foram transmitidas ao longo dos anos por meio de uma reprodução acrítica, pois os atletas tornam-se treinadores e continuam a reproduzir as ações de seus antigos técnicos. Nesse contexto, podemos observar “certa resistência por parte de alguns técnicos que acreditam que o ginásio seja a única escola e que o conhecimento necessário para desenvolver atletas se esgote nesse ambiente” (NUNOMURA; TSUKAMOTO 2006, p. 355).

Todas estas características e particularidades da GA visam modelar os corpos dos ginastas e construir um homem-máquina que, ao mesmo tempo, seja elegante (BORTOLETO, 2004) e produza os resultados competitivos desejados.

Os aspectos idiossincráticos que permeiam o ginásio de GA criam uma dinâmica de funcionamento que requer um maior conhecimento e reflexão do meio acadêmico. Por isso, o objetivo desse estudo consistiu em desvelar fatores presentes na microcultura de um ginásio de alto rendimento em GAF por meio de um estudo de caso do tipo etnográfico.

Acreditamos que a abordagem específica dessa microcultura poderá auxiliar na compreensão dos significados que caracterizam atividades realizadas no seu interior, assim como os condicionantes presentes na preparação das ginastas e dos aspectos da estrutura social deste grupo em questão.

Inicialmente, nos propomos a apresentar os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento do estudo, os quais estão descritos no Capítulo 2.

Na sequência, no Capítulo 3, discutimos os desdobramentos da GAF no período contemporâneo com o intuito de compreender como os condicionantes históricos vividos pela modalidade influenciaram a GAF que acompanhamos nesse Século XXI.

No Capítulo 4 realizamos a análise do processo de comunicação observado entre os técnicos e as ginastas com o intuito de desvelar a linguagem específica da GA, o “Ginastiquês”. O objetivo foi conhecer os códigos que melhor representam os sistemas particulares de comunicação verbal e escrita que são utilizados nessa modalidade esportiva.

O Capítulo 5 contempla a dimensão social do ginásio ao discutir o relacionamento técnico-atleta na GAF o qual está subordinado às idiossincrasias

culturais que determinam condutas, mediadas por valores e princípios, que conformam essa relação.

No Capítulo 6 discutimos a relação existente entre as ginastas e a dor, a qual é entremeada pela relação de dominação dos técnicos sobre as atletas o que torna propícia a emergência de valores e de comportamentos que são aceitos e percebidos como normais no contexto do ginásio, como: o sacrifício à dor.

Subsequentemente, no Capítulo 7, apresentamos e discutimos rituais e hábitos de preparação individual na GAF, mais especificamente, aqueles observados no treino de barras paralelas assimétricas.

Por fim, nas considerações finais, analisamos de forma holística os resultados do estudo bem como os meandros do processo de elaboração da tese.

Compete ressaltar que, embora os capítulos possam ser lidos de modo independente, esses estão articulados e se complementam, pois emergem de um contexto em comum: a microcultura de um ginásio de GAF de alto rendimento.

1.1. OBJETIVO

1.1.1. OBJETIVO GERAL

O objetivo do presente estudo foi apresentar e analisar aspectos inerentes à microcultura de um ginásio de treinamento de GAF de alto rendimento.

1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Descrever e analisar aspectos relacionados aos seguintes domínios:

- Espaço-temporal.
- Relações sociais.
- Simbólico.

- Formação esportiva.

1.2. JUSTIFICATIVA

A microcultura de um ginásio de alto rendimento em GAF é um aspecto pouco conhecido pelo meio acadêmico. O caráter fechado do ginásio que inicialmente possuía a função de permitir a organização política dos ginastas, na conjectura atual tem a função de restringir as atividades que ocorrem nesse ambiente apenas aos seus envolvidos.

Barker-Ruchti (2011) expõe essa questão ao dizer que apenas os indivíduos que pertencem a esse contexto (ginastas, técnicos e fisioterapeutas) possuem acesso ao ginásio. Os membros da mídia, espectadores e até mesmo os pais das atletas são excluídos do espaço de treino e precisam de autorização para permanecer nesse ambiente. Este fato também foi relatado por pesquisadores, pois, conforme Bortoleto (2004), há dificuldade de efetuar observações no ginásio de GA, pois o pesquisador é visto como um intruso e é percebido com cautela pelos seus protagonistas.

Talvez, por isso, são escassos os estudos que caracterizam e discutem o treinamento de GAF em um ginásio de alto rendimento de modo a contextualizar este esporte em uma realidade concreta.

A escassez de informações disponíveis sobre a dinâmica de funcionamento do ginásio, nas suas diferentes inter-relações, parece dificultar a incorporação de novos profissionais nesta área, bem como o estabelecimento de indicadores que possam auxiliar na formação de atletas. Há uma série de elementos que interagem entre si e que precisam ser abordados e tratados de forma contextualizada.

Acreditamos que, ao expor traços da cultura de treinamento de um ginásio de alto rendimento, oferecemos informações importantes que poderão contribuir para o desenvolvimento da GAF, seja do ponto de vista do atleta como dos profissionais técnicos e pesquisadores.

Os fatores ambientais e as inter-relações entre os indivíduos têm impacto na trajetória esportiva e no nível de sucesso do atleta e os dados obtidos no estudo poderão contribuir tanto na identificação quanto na compreensão dos mesmos. E,

mais, acreditamos que ao descrever e discutir os fatores que permeiam o treinamento das atletas forneceremos subsídios para os profissionais que atuam ou que desejam atuar neste campo.

1.3. QUESTÕES CONCEITUAIS

Diante da abordagem do nosso estudo, acreditamos que seja pertinente, neste momento, iniciarmos uma reflexão sobre o conceito de cultura e de microcultura na tentativa de elucidar o referencial utilizado para discutir os aspectos que emergiram durante o desenvolvimento da pesquisa.

1.3.1. CULTURA

Cultura é um termo polissêmico que, no decorrer dos anos, recebeu uma multiplicidade de significados e que sofreu a influência de contextos históricos, epistemológicos, políticos e econômicos.

Clifford Geertz, um dos principais nomes do culturalismo, defendeu uma proposição na qual a cultura é a própria condição de vida de todos os seres humanos sendo a base de sua especificidade. Geertz (2011) cita que a cultura consiste na totalidade de padrões concretos de comportamento (costumes, usos, tradições, feixes de hábitos) e que funciona como um mecanismo de controle que ordena e governa o comportamento do homem. Na sua perspectiva, a cultura é um produto das ações humanas, mas, também é um processo contínuo no qual as pessoas atribuem/fornecem sentido às suas ações em uma teia de significados que elas mesmas teceram. A cultura é pública porque o significado o é. Também é universal, porque todos os humanos a produzem, assim como é local.

Marconi (2001) cita que a cultura pode ser analisada, ao mesmo tempo, sob vários enfoques, os quais contemplam:

“idéias (conhecimento e filosofia); crenças (religião e superstição); valores (ideologia e moral); normas (costumes e leis); atitudes (preconceito e respeito ao próximo); padrões de conduta (monogamia, tabu); abstração do comportamento (símbolos e compromissos); instituições (família e sistemas econômicos); técnicas (artes e habilidades); e artefatos (machado de pedra, telefone)” (p. 24).

De fato, a cultura se tornou uma maneira de falar e pensar sobre o homem e acerca de casos e instâncias particulares da humanidade (WAGNER, 2010). Quando dizemos que determinadas pessoas pertencem às culturas distintas, nos referimos a uma diferença básica entre elas, o que indica variedades específicas do fenômeno humano nas quais toda cultura pode ser compreendida como uma manifestação específica ou uma ocorrência do fenômeno humano.

No decorrer dos anos, Sands (2002) expõe que o termo cultura passou a ser utilizado para se referir a grandes segmentos (*western culture* ou cultura africana), consumidores ou gerações (geração X ou *the boomers*), estilos de vida alternativos (cultura gay), referências sociológicas (cultura da violência ou cultura da dor), uma atitude distinta (cultura pop) e, no caso do nosso estudo, a cultura de um esporte.

No âmbito da Educação Física, Daolio (2004) considera que a cultura se tornou um conceito principal, “porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural, desde os primórdios da evolução até hoje, expressando-se diversificadamente e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos” (p. 2).

O fenômeno esportivo converteu-se em um importante referencial simbólico e cultural para determinados grupos sociais, tornando-se uma das principais ocupações do tempo livre nas sociedades contemporâneas (MEDINA; MARTÍN, 2006). Prettyman (2006) ressalta que, mesmo que não estejamos engajados em uma prática esportiva, nossas vidas são influenciadas por esse fenômeno, pois estamos imersos em imagens, comportamentos ou preceitos esportivos.

O esporte se expandiu para além das fronteiras nacionais e culturais. Ele está conectado com conjunturas políticas, sociais, econômicas e históricas nos quais estamos presentes. Segundo Sands (1999), o fenômeno esportivo se tornou um símbolo nacional e cultural constituindo-se em um aspecto de orgulho para muitas sociedades e culturas e, nas palavras desse autor, "definindo etnias e identidades culturais, esculpindo fronteiras entre as pessoas e, ao mesmo tempo, construindo pontes entres culturas díspares" (p. 2).

Ao analisarmos as facetas do comportamento humano, que são universais na cultura humana, o esporte tornou-se uma ferramenta que permite a expressão de símbolos, comportamentos e características que estão presentes em microculturas, subculturas e na macrocultura. O esporte serve de espelho e reflete cultura. Nesse mesmo sentido, Medina e Martín (2006) elencam que

La actividad físico-deportiva —actividad social “total”, en palabras ya clásicas de Norbert Elias — refleja las problemáticas y los valores sociales específicos del momento histórico en el cual se enmarca (p. 7).

Os fatores centrais e importantes de uma microcultura, subcultura e/ou da cultura universal são expressos nas atividades esportivas e nos jogos (SANDS, 1999). Como podemos observar, o esporte tornou-se um veículo que possibilita a compreensão de nós mesmos e daqueles ao nosso redor.

Na opinião de Sands (1999), ao utilizar esporte como espelho capaz de refletir aspectos de uma determinada cultura, podemos observar a expressão de diferentes variações culturais que fornecem uma perspectiva holística de um grupo ou cultura e que permitem o estabelecimento de uma perspectiva do comportamento humano.

Desta forma, podemos compreender uma modalidade esportiva ou uma equipe como um microcosmo do comportamento humano e das interações entre os indivíduos, o que é pertinente para os estudos culturais.

O esporte é uma fonte rica de informações, pois assim como os demais aspectos da cultura, ele está inserido em sistemas socioculturais concretos e em sociedades específicas nas quais se definem as características que o constituem e possuem implicações políticas, econômicas e de identidade (MEDINA; MARTÍN, 2006).

1.3.2. MICROCULTURA

Na maior parte das culturas, Neuliep (2012) cita a existência de grupos de indivíduos que se diferenciam, em certos aspectos, da cultura hegemônica na qual estão inseridos e que culminam na constituição de microculturas.

As microculturas estão relacionadas às unidades menores de organização. Embora Miller (2012) sinalize que a microcultura se caracteriza de forma díspar das subculturas, pois essas são mais amplas. E, autores como Rees (2008) citam que a questão depende do referencial do pesquisador. Pois, uma equipe esportiva pode ser compreendida como uma microcultura inserida na subcultura de um conjunto de equipes de um determinado local. Mas, outro pesquisador pode definir o conjunto de equipes como microcultura, as quais estão inseridas na subcultura de uma modalidade esportiva. Isso expõe a complexidade da questão e dos estudos culturais.

Os indivíduos que compõe uma microcultura podem apresentar e compartilhar valores, crenças e padrões de comportamento, bem como um sistema simbólico verbal e não verbal que se distinguem da macrocultura (NEULIEP, 2012). Esses aspectos são aqueles responsáveis em proporcionar singularidade e força a essa unidade social.

Quando estamos envolvidos e participarmos de microculturas, essas contribuem com o estabelecimento do nosso modo de vida (MCCURDY; SPRADLEY; SHANDY, 2004). Mas, devemos ter em vista que as fronteiras entre macroculturas, subculturas e microculturas, nas quais estamos imersos, são porosas e incidem sobre os nossos comportamentos.

Cada esporte tende a possuir sua própria cultura e cada equipe pode ser pensada como uma microcultura a qual é influenciada pelos técnicos, atletas, fãs, pais e o programa esportivo (TENENBAUM; EKLUND, 2007).

Ressaltamos que clubes e equipes de um mesmo esporte, inseridos em uma mesma macrocultura, podem constituir microculturas distintas e podem apresentar variações na importância que atribuem a uma série de fatores, como: vitória, divertimento ou socialização (HANRAHAN, 2011).

O fato de estarem imersos em uma cultura de maior abrangência atribui traços culturais comuns às microculturas, ou seja, embora equipes de GAF possam ser compreendidas como microculturas particulares essas apresentam aspectos comuns oriundos da macrocultura da modalidade.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A palavra “metodologia contém a ideia de caminho a ser seguido” (DEMO, 1995, p. 61). Ferrater apud Gamboa e Santos Filho (2009, p.65) complementa esta frase ao definir método como “um caminho em direção do conhecimento ou como uma forma de procedimento segundo o qual realizam-se processos de pensamento e de ação”.

Neste estudo, optamos pelo caminho da abordagem qualitativa, pois esta abrange “[...] um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, p. 22).

A abordagem qualitativa permite analisar o fenômeno como um todo sem perder de vista sua subjetividade e, principalmente, a percepção e a visão pessoal do pesquisador, pois ele imerge-se no fenômeno de interesse (FIRESTONE apud GAMBOA, 2009). A obtenção de dados descritivos, mediante o contato direto e interativo do pesquisador com a situação e o objeto de estudo, é característico deste método.

Ao longo do processo, o pesquisador torna-se um instrumento primordial na coleta e na análise dos dados e procura compreender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes e da situação em estudo e, a partir daí, posiciona as suas interpretações sobre o fenômeno estudado.

2.1. NATUREZA DO ESTUDO

Para o desenvolvimento da pesquisa, optamos pela abordagem do estudo de caso. Yin (2009) cita que essa abordagem de pesquisa é utilizada em diferentes áreas e situações com o intuito de contribuir com o conhecimento acerca de indivíduos, grupos e organizações sociais e políticas. Ainda, de acordo com o autor, a abordagem permite uma visão holística do investigador acerca de eventos da vida cotidiana, tais como ciclos de vida, comportamento de pequenos grupos, processos

organizacionais e de gestão, desempenho escolar, relações internacionais, entre outros.

André (1995) relata, em meados da década de 1990, a emergência do estudo de caso do tipo etnográfico na área de Educação, o qual

fornece uma visão profunda, ampla e articulada de uma unidade social complexa, possui a capacidade de retratar situações vivas do dia-a-dia, clarifica os vários sentidos do fenômeno estudado e, com isto, é considerado relevante na construção de novas teorias e no avanço do conhecimento (p. 56).

Trata-se de uma abordagem de pesquisa que se utiliza de técnicas tradicionalmente atribuídas à pesquisa etnográfica (observação, entrevista, análise de documentos), mas sem perder a característica de um estudo de caso. Por isso, André (1995) sinaliza que nem todo estudo de caso é uma etnografia e tampouco toda etnografia é um estudo de caso. A autora elucida que no estudo de caso do tipo etnográfico certos requisitos da etnografia não são ou não necessitam ser desempenhados pelo pesquisador, como: a longa permanência em campo, contato com outras culturas, entre outras.

Bogdan e Biklen (1994) retratam o estudo de caso do tipo etnográfico como uma abordagem de observação em que o foco da pesquisa está centrado numa organização particular ou em algum aspecto singular dessa organização. Este tipo de estudo visa à descoberta e permite que novos elementos possam surgir ao longo do desenvolvimento da pesquisa, o que exige a busca por novas indagações e respostas sempre em consideração ao contexto em que o fenômeno está situado. E mais, o estudo de caso etnográfico deve revelar a multiplicidade de dimensões presentes e retratar a complexidade e as inter-relações existentes entre os seus componentes.

Acerca da aplicabilidade e da generalização dos resultados, Yin (2009) afirma que é possível fazer relações entre os resultados obtidos no estudo de caso para outros contextos por meio de generalizações analíticas. O autor explica que, nesse caso, o pesquisador busca no particular aspectos que possam ser aplicáveis em outras conjunturas. E, da mesma forma, busca dialogar com proposições teóricas observadas na literatura.

2.2. TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Para que a pesquisa cumprisse com os objetivos ora estabelecidos, utilizamos três técnicas de coleta de dados, as quais: a pesquisa bibliográfica e documental, a observação participante e a entrevista informal.

A pesquisa bibliográfica consistiu em selecionar, fichar e arquivar tópicos de interesse para a pesquisa a partir de informações, conhecimentos e dados que já foram coletados por outras pessoas, em pesquisas anteriores, e publicados em diversos formatos, tais como: livros, artigos, jornais, revistas e meios audiovisuais. Na pesquisa documental procuramos fontes denominadas primárias que ainda não receberam um tratamento analítico ou que ainda podem ser reelaboradas de acordo com os objetivos da pesquisa como: registros pessoais, documentos, manuais, vídeos, etc. (GIL, 1999).

A técnica da observação participante é assim denominada porque parte do princípio de que o pesquisador possui sempre um grau de interação com a situação pesquisada ao interferir e ser afetado pelo objeto de estudo (ANDRÉ, 1995). Segundo Coulon (1995) apud Martucci (2001), um dos grandes traços da observação participante consiste em observar o maior número de situações possíveis no decorrer da pesquisa de campo. O que permitiria não apenas a observação das ações, mas, também, a participação nas conversações naturais de onde emergem os significados das rotinas dos participantes.

No desenvolvimento do estudo foram realizadas 16 visitas com periodicidade semanal. Na primeira ocasião, realizamos uma reunião com o coordenador do ginásio.

O período de observação primou o período de preparação para os Jogos Olímpicos de Londres, nos meses de março, abril, maio e junho, das ginastas que pertenciam à categoria adulto. Esse período corresponde à preparação geral e específica para as olimpíadas. Após esse grande evento esportivo, as observações retornaram em setembro totalizando 85 horas. Nesse momento, as ginastas do adulto estavam no período de transição, pois as visitas ocorreram após a participação das atletas no Campeonato Brasileiro realizado na cidade de Goiânia.

No decorrer das observações, atentamos para o princípio de relativização, o qual André (1995) esclarece que a referência do olhar do pesquisador deve estar centrada no universo pesquisado e nos significados culturais de seus atores.

Seguindo os preceitos estabelecidos por Martucci (2001), durante cada sessão de observação redigimos notas de campo em versão preliminar que, posteriormente, foram retomadas para uma redação final. As notas foram constituídas por descrições das situações vivenciadas e abrangeram aspectos relacionados ao local, aos sujeitos, aos diálogos, às ações e aos acontecimentos. E, também, uma parte reflexiva composta por comentários do próprio pesquisador que entremearam o relato descritivo e que registraram as primeiras incursões interpretativas das ações e das verbalizações em busca de seu desvelamento. Os trechos extraídos do Diário de Campo (DC) foram destacados em parágrafo com recuo no decorrer da tese.

O tempo de permanência no campo foi determinado por diferentes fatores sendo um deles a saturação dos dados. Aspecto que Bogdan e Bilken (1994) explicam que seria o momento em que as informações tornam-se redundantes e a aquisição de novos dados diminui.

O outro fator foi a dificuldade de acesso ao ginásio posteriormente às mudanças nas normas de entrada de visitantes e de pesquisadores após alterações na diretoria do clube. Fato que gerou um impasse de vários meses que atrasou o cronograma das atividades. Corroboramos Wagner (2010) ao citar que, idealisticamente, todo pesquisador "gostaria de saber o máximo possível sobre seu objeto de estudo, porém, a resposta a essa questão depende do tempo e do dinheiro disponíveis e da abrangência e dos propósitos do empreendimento" (p. 30). Acrescentaríamos a essa fala de Wagner (2010) os fatores externos supracitados.

A técnica de entrevista foi utilizada com a finalidade de esclarecer e/ou aprofundar aspectos que foram observados. No decorrer da pesquisa de campo realizamos entrevistas informais que, segundo Gil (1999), ocorrem em conversações com perguntas abertas e que permitem uma liberdade tanto para o pesquisador quanto para o interlocutor exprimir ideias e sentimentos com o intuito de explorar o fenômeno estudado. Essa abordagem possibilitou que certos acontecimentos fossem esclarecidos no momento posterior à sua observação em circunstâncias corriqueiras como em cumprimentos e diálogos durante o início, desenvolvimento e o término das atividades. Essa abordagem contemplou os técnicos e as ginastas das

categorias: juvenil e adulto. As informações coletas com essa técnica foram registradas no DC.

2.3. UNIVERSO DA PESQUISA

Minayo (1994) afirma que o trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador com a realidade e possibilita o estabelecimento de uma interação com os seus “atores”. Por isso, a definição dos critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que comporão o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado (DUARTE, 2000). A autora relata que a delimitação da população base, ou seja, dos indivíduos a serem observados e entrevistados, assim como o seu grau de representatividade no grupo social em estudo, constituem um problema a ser imediatamente enfrentado, pois se trata da base sobre a qual grande parte do trabalho será estabelecida.

No caso da nossa investigação, o ginásio selecionado possuía equipes de treinamento, em GAF, atuantes nos Campeonatos Estaduais e Campeonatos Brasileiros no ciclo olímpico 2009-2012 em diferentes categorias, as quais: pré-infantil, infantil, juvenil e adulto. Compreendemos por atuante, aquela equipe que participou constantemente nas competições, ora elencadas, em suas diferentes categorias nos anos que constituíam o ciclo.

O foco da pesquisa ficou restrito às equipes de treinamento, as quais treinavam de segunda-feira a sábado. As ginastas do pré-infantil (n=1) e infantil (n=9) possuíam um volume de treino de 30 horas na semana. Em respeito às ginastas juvenis (n=3) e adultas (n=6), além das atividades realizadas no ginásio, possuíam o treino de musculação em outro ambiente. Ademais, algumas atletas realizavam um trabalho de fisioterapia para prevenir e se recuperar de lesões. Compete ressaltar que o ginásio possuía outras atletas que se enquadravam nessas categorias, mas, não faziam parte das equipes principais.

Outro fator que motivou a escolha desse ginásio foi o grau de importância e o renome de algumas atletas no cenário nacional e internacional. Quando

ponderamos sobre a carreira esportiva das ginastas inseridas nessa microcultura, encontramos resultados anteriores de grande expressão em Copas do Mundo, Jogos Pan-americanos, Jogos Sul-americanos, Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos.

O corpo técnico das equipes femininas observadas era constituído por 3 profissionais de renome e experiência nacional e internacional na modalidade. Ao analisarmos o currículo dos técnicos, observamos a relação das seguintes competições: Campeonatos Estaduais, Campeonatos Brasileiros, Jogos Sul-Americanos, Copas do Mundo, Jogos Pan-americanos e Jogos Olímpicos.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa receberam pseudônimos para preservar a sua identidade a fim de evitar possíveis constrangimentos ou implicações acerca dos assuntos abordados na pesquisa. Ademais, restringimos as informações relativas às atletas bem como do ginásio escolhido, pois acreditamos que estas poderiam indicar quem são os protagonistas do estudo. Corroboramos Sands (2002) que expõe que o pesquisador deve possuir uma postura ética e “fazer o certo” (p. 121) no momento da elaboração do texto minimizando o potencial de risco com o intuito de proteger os indivíduos da pesquisa de possíveis implicações.

2.4. COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

O estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Educação Física e Esporte (EEFE) da Universidade de São Paulo (USP) e recebeu parecer¹ favorável à sua realização.

2.5. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

¹Parecer número: 225.814.

Esta seção contempla as limitações relativas ao desenvolvimento do estudo. Apesar do rigor científico empregado na realização da presente pesquisa, ainda assim essa foi passível de delimitações que serão apresentadas a seguir.

A maior parte dos estudos possuem limitações, as quais, na maioria das vezes, não são de conhecimento dos autores no início do estudo. E, por essa razão, não podem ser previstas.

No planejamento dessa pesquisa, estava prevista a realização de pesquisa de campo no decorrer do ano de 2012. Contudo, após realizarmos a primeira etapa de observações, no período que antecedia os Jogos Olímpicos de Londres 2012, enfrentamos dificuldades para adentrar ao ginásio.

Na ocasião foi discutida a possibilidade de ingressar em outro ginásio, mas teríamos que alterar o projeto que havia sido apresentado na qualificação e aprovado no CEP. Ademais, ponderamos acerca dos dados já coletados e que possuíam relevância significativa visto que foram coletados em um ginásio proeminente no Brasil e que possuía atletas altamente expressivas no âmbito nacional e internacional da GAF, dentre as quais, havia ginastas em preparação para os Jogos Olímpicos de Londres no ano de 2012.

Com a impossibilidade de continuar a pesquisa de campo no ginásio, não foi possível realizar as entrevistas semiestruturadas previstas no projeto. Por essa razão, utilizamos os dados de observações e entrevistas informais/não padronizadas.

Acreditamos que as entrevistas semiestruturadas poderiam respaldar e complementar os dados ora apresentados. Mas, consideramos que os resultados da pesquisa lançam luz sobre aspectos da microcultura do ginásio de GAF de alto rendimento e contribuem para a área da Ginástica e da Ciências do Esporte.

3. DESDOBRAMENTOS DA GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA CONTEMPORÂNEA

Sands (2003) distingue a GA como uma modalidade esportiva singular, pois mescla esporte e arte, acrobacias e dança, voar e quadrupedia, rigidez e flexibilidade, maturidade e juventude. A ex-ginasta chinesa Liu Xuan (FIGURA 3) acrescenta que se trata de um esporte que vai além da beleza ou dos benefícios vinculados à saúde, pois envolve criatividade, inovação e o desenvolvimento de capacidades volitivas como a determinação (XUAN, 2000).

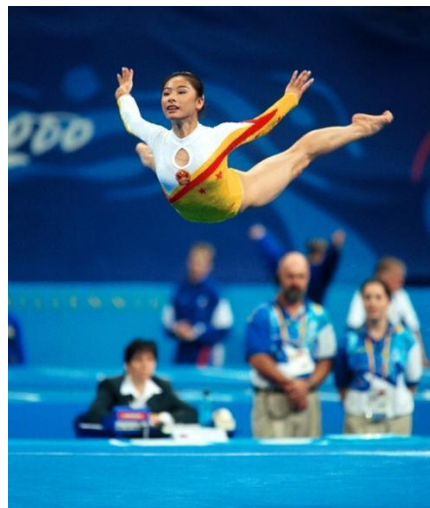


Figura 3 – A ginasta Liu Xuan no solo durante os Jogos Olímpicos de 2000. Fonte: Lange (2014).

A GA se distingue de esportes nos quais os atletas necessitam acertar um alvo ou executar uma tarefa em um menor tempo possível à frente de seus oponentes.

Nesse esporte, o auge ocorre quando o ginasta, através do domínio do seu corpo, retrata na sua série de elementos uma combinação de habilidades que foram adquiridas durante longos anos de treinamento. As quais devem evidenciar a maestria técnica e o domínio das dificuldades por meio de uma dinâmica e expressiva representação corporal próxima a perfeição.

Talvez, por isso, muitos poderão definir a GA como um esporte inspirador e harmônico no qual os atletas competem com virtuosismo e precisão sobre os diferentes aparelhos que constituem a modalidade (ADOLPH, 1965). Trata-se de um esporte cujas ações motoras são complexas e, segundo Sands (2003), essas requerem uma aptidão física surpreendente e uma ousadia excepcional.

Nos últimos anos, Arkaev e Suchilin (2004, p. 30) relatam que “a GA teve avanços colossais”. Na perspectiva dos autores, a modalidade apresentou um grande aumento na dificuldade dos elementos e na qualidade do desempenho dos ginastas. E, se compararmos os campeões de diferentes ciclos olímpicos, constataremos um progresso exponencial nos aspectos técnicos, físicos e psicológicos.

O intuito desse capítulo consiste em apresentar e discutir aspectos que auxiliam a compreensão do atual momento da GAF. Optamos por analisar a modalidade no decorrer da sua história olímpica devido aos fatos marcantes e a importância desse grande evento esportivo na sociedade. Estamos cientes de que as características da GAF no contexto atual possuem condicionantes que têm raízes no seu passado e, motivados por isso, não poderíamos simplesmente analisar a modalidade à luz das circunstâncias atuais.

3.1. DAS APRESENTAÇÕES EM GRUPOS ÀS DISPUTAS INDIVIDUAIS

Embora fosse permitido às mulheres praticarem a GA nos primórdios do período contemporâneo, a primeira participação competitiva nos Jogos Olímpicos da era moderna ocorreu em 1928 na Holanda (PÚBLIO, 1998).

Kerr (2003) afirma que a GAF, compreendida como esporte, surgiu com características suficientemente femininas, as quais eram consideradas adequadas para o corpo da mulher. Pois, segundo o viés médico daquele período, acreditava-se que as mulheres não eram fisicamente capazes de suportar a GA nos moldes da categoria masculina.

Esse aspecto se evidencia no relato de Hargreaves (1994, p. 129) ao expor o pensamento da época que dizia que “o trabalho nos aparelhos não eram adequados ao físico feminino”. Por isso, a GA voltada para as mulheres nasceu

próxima às atividades propriamente ditas femininas do início do século XX, como: o *ballet*, a ginástica calistênica sueca e a Ginástica Moderna.

Públio (1998) afirma que na ocasião em que as mulheres competiram pela primeira vez nos Jogos Olímpicos houve apenas a disputa por equipes. De acordo com Van Rossem (1928), apenas cinco equipes, constituídas por 10 ginastas e duas reservas, participaram da disputa que abarcou as seguintes provas: exercícios, exercícios nos aparelhos e saltos².

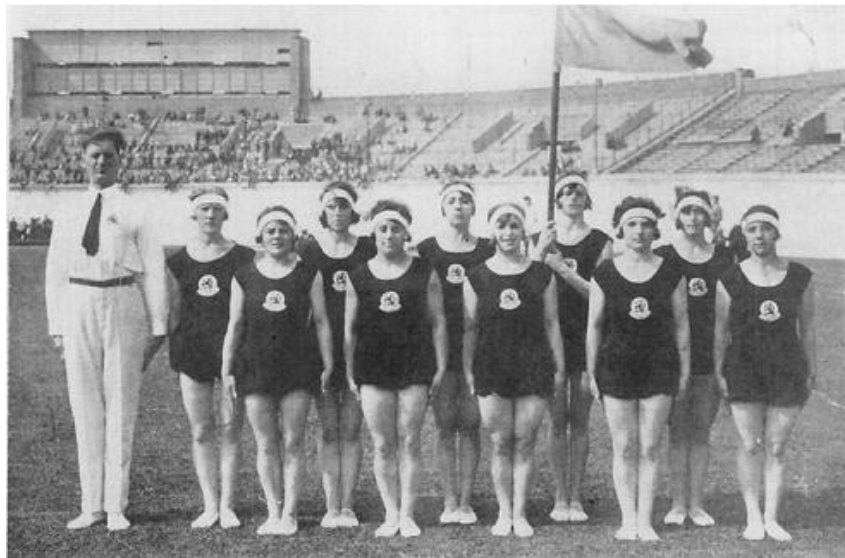


Figura 4 – Equipe da Holanda campeã olímpica por equipes em 1928. Fonte: Van Rossem (1928).

Quatro anos depois, o programa olímpico de 1932 não incluiria a categoria feminina por falta de quórum (VIEIRA; FREITAS, 2007). Kerr (2003) disserta que, embora as mulheres se interessassem pela GA desde o final do século XIX, as características do esporte, principalmente, a necessidade de força tornavam a modalidade pouco popular entre o público feminino. O que explicaria a falta de quórum. Ademais, havia a pressão social e médica de que a prática nos aparelhos não era adequada às mulheres (HARGREAVES, 1994).

A GAF só voltaria à competição olímpica na edição subsequente na cidade de Berlim em 1936. Na Alemanha, a competição foi constituída por duas apresentações em grupo, sem e com aparelhos manuais, e exercícios obrigatórios e

² No relatório do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de 1928 (VAN ROSSEN, 1928) não estava especificado os exercícios e tampouco os aparelhos utilizados na competição feminina.

livres em três aparelhos, os quais: salto (95 cm de altura sem trampolim), trave (120 cm de altura, 500 cm de comprimento e apenas 8 cm de largura) e barras paralelas (simétricas ou assimétricas) (ORGANISATIONSKOMITEE FÜR DIE XI OLYMPIADE BERLIN, 1937).

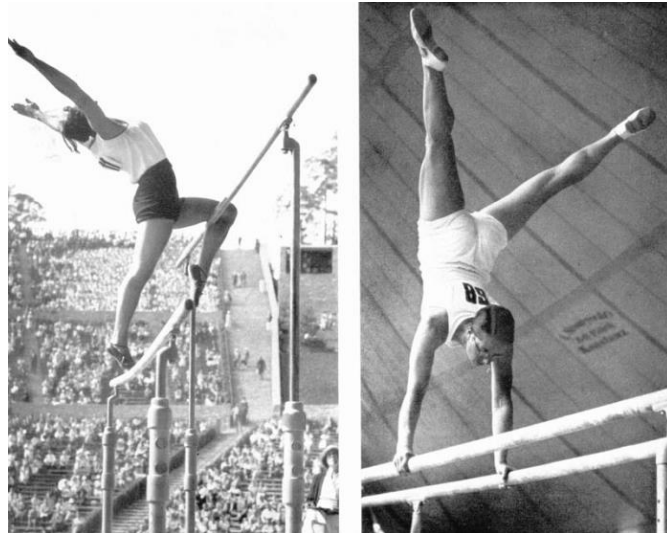


Figura 5 - As ginastas Vlasta Dékanová (direita) e Käthe Schnemann (esquerda) se apresentam nas barras paralelas nos Jogos Olímpicos de 1936. Fonte: Organisationskomitee für die XI Olympiade Berlin (1937).

Com o advento da II Guerra Mundial os Jogos Olímpicos de 1940 e 1944 não foram realizados. Vale ressaltar que na edição de 1940 a participação competitiva da categoria feminina da GA não estava prevista no relatório do comitê organizador (THE ORGANIZING COMMITTEE OF THE XIIth OLYMPIAD TOKYO, 1940).

Em Londres, no ano de 1948, aconteceu a terceira participação olímpica da GAF. Desde então, a participação das mulheres na modalidade consolidou-se nesse grande evento esportivo internacional até os dias de hoje. Nessa ocasião, as ginastas competiam apenas por equipes nas seguintes provas: apresentação por equipes com e sem aparelhos manuais; exercícios obrigatórios nas argolas de balanço; exercícios obrigatórios e livres na trave; salto obrigatório e livre sobre o cavalo com o auxílio do trampolim (THE ORGANISING COMMITTEE FOR THE XIV OLYMPIAD, 1948).

A edição seguinte dos Jogos Olímpicos seria de grande importância para a definição da GAF que observamos no contexto atual. Pois, foi em Helsinque, em 1952, que as mulheres participaram em um programa obrigatório e livre que incluía, além da competição por equipes, as disputas individuais nos quatro aparelhos (salto sobre o cavalo, barras paralelas assimétricas, trave de equilíbrio e solo) e o concurso do individual geral. Kerr (2003) indica que foi nessa competição que houve a normatização do formato competitivo da GAF.

Esse aspecto foi fundamental para o desenvolvimento da categoria feminina, pois a partir desse momento foi possível traçar planos em longo prazo e aprimorar técnicas e elementos. Anteriormente, os eventos competitivos eram livres para definir o seu programa competitivo com a inclusão ou exclusão de aparelhos, o que dificultava o trabalho dos técnicos e a preparação das ginastas.

No relatório oficial dos Jogos Olímpicos de 1952, Kolkka (1955) relata que as equipes eram formadas por 8 ginastas. E, o resultado da competição por equipes consistiu no somatório das seis melhores notas em cada aparelho mais a nota de apresentação em grupo com aparelhos manuais. Cabe lembrar que as apresentações em grupos possuíam primazia de exercícios e aparelhos da Ginástica Moderna e do *ballet*.

Com a definição do formato competitivo com quatro aparelhos em 1952, o Comitê Técnico Feminino (CTF) propôs em 1954 a primeira edição do CP. Corroboramos Baker-Ruchti (2011) que esse tenha sido um marco no processo de estruturação e no desenvolvimento da GAF. Nessa primeira edição da carta magna da modalidade no feminino, os aspectos relacionados à graça e à feminilidade foram enfatizados.

Oliveira e Bortoleto (2009) afirmam que por meio do CP a FIG orienta e direciona a modalidade. E, ao analisar o CP de 1954, Barker-Ruchti (2011) cita que dentre aproximadamente 100 elementos codificados no solo, apenas 18 pertenciam ao rol de elementos acrobáticos.

Isso sinalizava que, naquele período, a modalidade privilegiava os movimentos advindos do *ballet* e da Ginástica Moderna em detrimento de movimentos acrobáticos. As séries de solo eram constituídas, em grande parte, por saltos de dança, poses, equilíbrios, exercícios de flexibilidade e elementos pré-acrobáticos.

Nas Olimpíadas de Melbourne na Austrália, em 1956, seria a última vez em que as mulheres competiriam em grupo com aparelhos manuais. Conforme Doyle (1958), a competição foi um espetáculo jamais presenciado pelo público local. O ritmo e os movimentos sincronizados apresentados com diferentes aparelhos manuais ganhou o apreço dos espectadores. Públio (1998) cita que as equipes da Hungria e da Romênia repetiram as suas apresentações em virtude da aclamação do público.

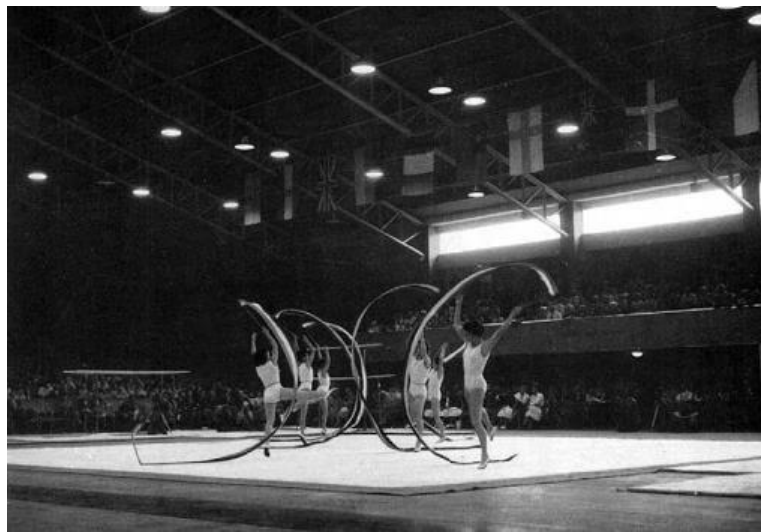


Figura 6 – Apresentação das ginastas Húngaras que receberam a maior pontuação na apresentação em grupos em Melbourne 1956. Fonte: Kolkka (1955).

Além da competição por equipes, o programa incluía as disputas individuais nos quatro aparelhos e o individual geral que foi vencido pelo fenômeno esportivo Larissa Latynina.

A ginasta ucraniana, na época representando a União Soviética, conquistou quatro medalhas de ouro, uma de prata e uma de bronze. Segundo Gutman (1996), Larissa Latynina não era uma ginasta que executava elementos de dificuldade ou inovadores, mas que o diferencial da atleta era a perfeição dos movimentos.

Devido à sua técnica e execução, Larissa Latynina seria a grande referência da escola soviética de GAF daquele período, a qual era fundamentada na feminilidade, graça, beleza e precisão dos movimentos com grande influência do *ballet*.

Riordan (1977) cita que a ginástica na sociedade soviética estava sempre relacionada às diferentes formas de expressão cultural, dentre elas, o *ballet*. E, que havia um valor estético engendrado nos movimentos ginásticos que emanavam a arte. Esses eram aspectos que proporcionaram notoriedade às ginastas soviéticas e que contribuíram com o seu grande sucesso nesse período.

Larissa Latynina dividiria os holofotes da competição com a atleta Agnes Keleti da Hungria que, de acordo com Nunomura (2008), seria a primeira heroína da GAF. Pois, aos 35 anos de idade a atleta subiu no lugar mais alto do pódio na trave, no solo e nas paralelas assimétricas. O fato revela a longevidade da carreira das ginastas daquele período.

Os Jogos de Melbourne também seriam marcados pelo protesto da equipe alemã que era contra a ênfase nos movimentos oriundos da Ginástica Moderna e do *ballet* nas competições femininas (GUTMAN, 1996). Conforme Kerr (2003), a GAF daquele período parecia ter sido elaborada para ser um esporte que não oferecesse risco, não requisitasse força e que as performances fossem baseadas na dança. Contrariamente, a categoria masculina seguia a vertente da ousadia, da força e do risco. E, as ginastas alemãs primavam pelas qualidades da ginástica oriunda do Método Alemão cujo trabalho nos aparelhos era característico.

Nas Olimpíadas de 1960, em Roma, testemunharíamos o ápice de Larissa Latynina que conquistaria o bicampeonato no concurso geral. Com 29 anos de idade, a ginasta que já era mãe de uma menina, conquistou mais cinco medalhas, as quais: três de ouro e duas de prata. Cabe rememorar que no Campeonato Mundial de 1958, Latynina competiu grávida de quatro meses. E, mesmo assim, conquistou cinco das seis medalhas de ouro disputadas naquela competição (ZACCARDI, 2012). Fato impensável nos dias de hoje!

A ênfase na parte expressiva e estética da modalidade continuaria, conforme observamos na edição do CP de 1964. Talvez, por isso, quando os árbitros observaram séries inovadoras como a da ginasta norte-americana Doris Fuchs Brause no mundial de 1966 nas barras paralelas assimétricas, esses contrariaram o público com uma nota aquém da esperada. Frederick (1967), ao analisar a série da ginasta estadunidense nas barras, considerou que os árbitros possivelmente não sabiam o que viam ao julgar uma série dinâmica e sem pausas. Compete ressaltar que naquele período era permitido que as ginastas efetuassem duas pausas durante a série (GUTMAN, 1996).

A última participação olímpica de Larissa Latynina aconteceria nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964 (FIGURA 7). Com duas medalhas de ouro, duas de prata e duas de bronze, a atleta se despediu das competições olímpicas com um total de 18 medalhas tornando-se a maior medalhista olímpica feminina. Além do grande número de medalhas, Kerr (2006) afirma que Larissa Latynina ficou conhecida pela sua graça, feminilidade e expressão artística que iriam influenciar a modalidade pelos anos seguintes.



Figura 7 – Larissa Latynina na prova de solo nos Jogos Olímpicos de 1964. Fonte: Keystone/Stringer (2014).

Ainda nas Olimpíadas de 1964, observaríamos o sucesso de Vera Caslavka da antiga Tchecoslováquia. Com três medalhas de ouro e uma prata, a tcheca seria a primeira não soviética a vencer o individual geral. Segundo Kerr (2003), a vitória de Caslavka contribuiu para a maior popularidade da GA nos países capitalistas, pois simbolizava uma vitória sobre o comunismo após a invasão da União Soviética em seu país.

O êxito de Vera Caslavka foi maior nos Jogos Olímpicos de 1968 no México. Ao som de “*The Mexican Hat Dance*”, a ginasta conquistou o público e a arbitragem com seus movimentos precisos e femininos.

Flansaas (1968) afirma que, além dos movimentos atraentes, Vera Caslavka ganhou o apreço do público com as acrobacias que incluíam um mortal de costas com pirueta.

A soviética Natalia Kunchinskaya dividiria a atenção do mundo com Vera Caslavka na competição. E, nas palavras do Comitê Organizador dos Jogos de 1968 (ORGANIZING COMMITTEE OF THE GAMES OF THE XIX OLYMPIAD, 1969), a competição foi marcada pela disputa dessas duas charmosas e talentosas jovens mulheres.

Embora as séries obrigatórias não sinalizassem uma tendência acrobática da modalidade nesse período, observamos que Vera Caslavka e a soviética Natalia Kuchinskaya apresentaram elementos acrobáticos originais para aquele momento. Na prova de solo, por exemplo, ambas executavam mortal estendido com pirueta.

O CP de 1968 seguiria os mesmos preceitos da versão anterior e, eram destacados aspectos relacionados à graça, leveza, beleza, dinamismo, precisão e ritmo (THE USGF WOMEN'S COMMITTEE, 1968). Na avaliação dos exercícios, a originalidade e a personalidade da atleta eram observadas e pontuadas (TENTEROVA, 1967). Se compararmos com a edição anterior, essa possuía um maior detalhamento das exigências e de como a ginasta seria avaliada. Além disso, apresentava certa cautela com relação aos elementos de dificuldade.

Ao analisar as diretrizes do solo, o CTF da Federação Americana de Ginástica (THE USGF WOMEN'S COMMITTEE, 1968) cita que os elementos de dificuldade deveriam ser condizentes com o nível da série e com as características morfológicas e psicológicas da ginasta. Por meio dessas orientações, inferimos que a FIG demandava cautela frente aos elementos acrobáticos que começavam a ser executados na GAF.

Essa cautela se deve pela rápida inserção das acrobacias em meio aos movimentos oriundos do *ballet* e da Ginástica Moderna. Aspecto evidente quando ponderamos sobre a realização do primeiro *flick* na trave de equilíbrio que foi realizado pela ginasta alemã Erika Zuchold (FIGURA 8) em 1964 (FRIEDRICH, 1970) e o fato desse elemento se tornar mais comuns seis anos depois no Mundial de 1970 (COBB, 1971).



Figura 8 – A alemã Erika Zuchold na trave de equilíbrio. Fonte: Friedrich (1970).

Cobb (1971) cita um maior número de elementos acrobáticos sendo realizados pelas ginastas e expõe alguns exemplos como estrelas sem o apoio das mãos, sequência de *flicks* da atleta soviética Lyobova Burda e as reversões sem mãos das atletas Marta Keleman da Hungria e Marianne Noack da Alemanha.

Seguindo o relato do autor, no solo as ginastas recorreram às ligações indiretas originais que incluíam mortais de frente e de costas. A ginasta alemã Karin Janz realizou na sua primeira diagonal reversão, mortal grupado ao passo, rodante, *flick* e mortal estendido com pirueta.

Na prova de barras paralelas, séries fluídas e com maior utilização de balanço foram apresentadas. As inovações estavam relacionadas aos movimentos com piruetas e lançamentos à parada de mãos (COBB, 1971). No salto, estrelas com $\frac{1}{4}$ e Yamashita continuaram a ser os mais utilizados.

Prestidge e Prestidge (1970) relatam que nesse mundial foi perceptível a ausência das ginastas aposentadas Vera Caslavskaya e Natalia Kuchinskaya que eram conhecidas pela sua expressão artística e personalidade. Os autores elucidam a preocupação relativa ao aumento da dificuldade em detrimento do fator artístico.

3.2. O ADVENTO DAS PEQUENAS FADAS

Foi nos Jogos Olímpicos de 1972 que uma ginasta bielorrussa que compunha a equipe da extinta União Soviética mudou os rumos da GAF. Olga Korbut, a “pequena fada”, apelido pelo qual ficou conhecida nos meios de comunicação, conquistou o mundo com suas apresentações inovadoras.

Sey (2008) afirma que Olga Korbut era destemida, pois foi a primeira a executar um elemento de largada e retomada de grande dificuldade nas barras assimétricas, o “Korbut Salto”. Além disso, a ginasta foi uma das pioneiras em elementos de voo na trave de equilíbrio quando realizou um mortal de costas grupado.

A originalidade e a audácia de Olga Korbut se contrastaram com as apresentações das demais atletas, mas foi outro aspecto que atraiu a atenção do mundo: a sua aparência pueril. O sorriso carismático de Olga Korbut e suas “marias-chiquinhas” no cabelo tornaram-se suas marcas principais (FIGURA 9).

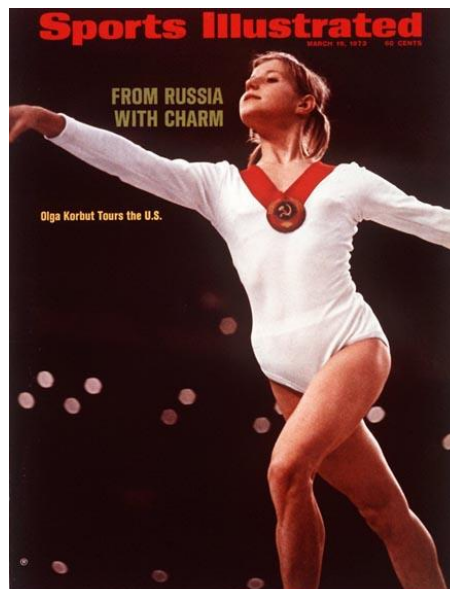


Figura 9 – Olga Korbut na capa da revista Sports Illustrated. Fonte: Sports Illustrated (1973).

No apogeu do seu sucesso, Olga Korbut possuía 17 anos, porém sua constituição física pré-púbere e o seu modo de arrumar o cabelo remontavam a uma

idade bem menor que contrastava com as suas adversárias. Gutman (1996) afirma que com apenas 149,86 cm e 38,6 Kg, a ginasta aparentava não mais que 12 anos de idade. Ainda, de acordo com o autor, a ginasta era natural, espontânea e rompia com o paradigma de que as atletas soviéticas não possuíam emoções, pois as suas séries e atitudes expediam uma energia fresca e inocente.

Inocência que ganhou notoriedade quando a ginasta, ao cair nas barras paralelas assimétricas, chorou ao saber que perdera a chance de subir ao pódio no individual geral. “Ao redor do mundo, corações se derretiam. Os soviéticos podem chorar! As pessoas pensavam. Os soviéticos têm sentimentos” (GUTMAN, 1996, p. 13).

Desde então, observamos na modalidade a tendência de teatralizar as competições de GAF. Barker-Ruchti (2011) cita que a cobertura midiática da queda de Olga Korbut e, em particular, as suas lágrimas e demais reações após os outros aparelhos mostravam um novo foco da mídia. Públio (1998) rememora que a competição feminina de Munique foi transmitida para mais de 100 países, fato que contribuiu para a popularização da modalidade.

A partir daí, lesões, rivalidades, amizades, bastidores dos treinamentos, entre outros aspectos passaram a fazer parte das transmissões de GAF que se tornaram espetáculos dramáticos que envolvem ginastas, técnicos e, até mesmo, os familiares das atletas.

Daddario (1994) cita que as transmissões olímpicas da GAF são enquadradas em narrativas carregadas de emoção que abordam aspectos que ultrapassam a atuação atlética, pois abarcam a vida pessoal, a juventude, a pequena estatura e a atratividade das ginastas. Podemos citar como exemplo o vídeo introdutório da segunda noite do Campeonato Americano de 1998 (JOHN HANCOCK U.S. GYMNASTICS CHAMPIONSHIPS, 1998), no qual o narrador faz uma análise das ginastas que disputavam o título do individual geral ao som de uma música dramática entremeada por imagens das atletas e de seus técnicos:

Poder e glória. Se você tem um você pode conquistar o outro. O esporte que elas amam as arrasa, mas elas sempre voltam pedindo por mais. Isto tudo por causa do campeonato dos Estados Unidos. Em um esporte de adolescentes, Kim Zmeskal tenta, aos 22 anos, desafiar as desvantagens do envelhecimento. Isso seria possível? Na primeira noite da competição Vanessa Adler ficou arrasada, porque aconteceu novamente [a imagem mostra a atleta que caiu nas paralelas em um elemento de largada e retomada, assim como no campeonato nacional anterior]. Hoje a noite, ela

[Vanessa Atler] sabe que é a sua segunda chance³. Por um tempo Dominique Moceanu foi a melhor ginasta americana. Agora, após meses de “Onde está Dominique?”, ela está determinada a se fazer presente tentando esquecer os deslizes ocorridos ao longo do caminho [nesse momento o vídeo mostra Dominique caindo na primeira noite da competição]. E, então há Kristen Maloney consistente como uma pedra. Seus Técnicos, Bill e Donna Strauss, deram 30 anos para a GA e Kristen poderá ser o seu ticket para os Jogos Olímpicos. Há 50 estados, zilhões de sonhos e esse é o delas (JOHN HANCOCK U.S. GYMNASTICS CHAMPIONSHIPS, 1998).

A partir desse apreço da mídia iniciado na década de 1970, percebemos que o sucesso de Olga Korbut não estava atrelado apenas aos seus resultados competitivos, pois nessa edição dos Jogos Olímpicos Ludmilla Tourischeva, também da equipe soviética, possuía maior renome internacional e foi campeã individual geral nessa competição. Contudo, não recebeu o mesmo prestígio da mídia.

Representante do estilo clássico das ginastas soviéticas, Ludmilla Tourischeva (FIGURA 10) foi a primeira grande campeã da GA, pois venceu todas as principais competições do individual geral⁴. Em Munique, as feições maduras de Tourischeva se contrastavam com a meninice de Olga Korbut, embora a diferença de idade fosse de apenas três anos.



Figura 10 – Ludmilla Tourischeva 1972. Fonte: Winters (1972).

³ Vanessa Atler liderava o Campeonato Americano de 1997, mas caiu nas barras paralelas assimétricas. Após a falha, a atleta dividiu o título com a ginasta Kristy Powell.

⁴ Copa do Mundo (1975), Campeonato Europeu (1971, 1973), Campeonato Mundial (1970 e 1974) e Jogos Olímpicos (1972).

Segundo Sey (2008), Ludmilla Tourischeva era corpulenta enquanto Olga Korbut era magra e pequena. Ryan (1998) considera que após o fenômeno Olga, a GA passou a ser vista como um esporte de “meninas” vistas com pureza e inocência, as “pequenas fadas”.

Com a ascensão da pequena ginasta soviética, a qual ganhou grande afeição do público e da mídia, houve um marco na GAF que caracterizou o fim da era na qual as grandes ginastas, com seus penteados marcantes dos anos 1960 e traços maduros (FIGURA 11) com grande primazia do *ballet* e da Ginástica Moderna foram substituídas por ginastas explosivas, pequenas, mais jovens, pré-púberes e com “marias-chiquinhas” no cabelo. Barker-Ruchti (2011) sinaliza que a mídia teve um papel importante nessa transição, pois popularizou o estilo pueril das “pequenas fadas”.



Figura 11- A ginasta Vera Caslavská durante a série de paralelas assimétricas. Fonte: Cooke (2014).

Nunomura (2008, p. 80) cita que “nas décadas de 1950 e 1960 era comum que as ginastas com mais de 30 anos de idade chegassem ao pódio”. Citamos, anteriormente, que “em 1956, nos Jogos Olímpicos de Melbourne, a húngara Agnes Keleti, de 35 anos, ganhou medalha de ouro na trave, nas paralelas e por equipe”. Devemos lembrar que Larissa Latynina conquistou seis medalhas para a União Soviética nas Olimpíadas de 1964 com 29 anos. E, Vera Caslavská possuía 26 anos ao vencer o individual geral nos Jogos Olímpicos realizados no México em 1968 (GUTMAN, 1996).

Após os Jogos de Munique, a FIG sinalizaria no Boletim Técnico n. 3 de 1973, que era reticente com o direcionamento acrobático da GAF. O mortal de costas na trave realizado por Olga Korbut recebeu penalizações específicas na atualização do CP que entrou em vigor em junho de 1974 com o intuito de coibir as atletas de apresentá-lo (FIE, 1974). Esse elemento chegou a ser proibido durante a série sendo autorizado apenas na saída do aparelho (THOMPSON, 1974).

Fie (1973) expõe que para o CTF esse elemento não era característico da trave de equilíbrio e que ele deveria ser avaliado pela comissão médica. Essa forma de penalizar as atletas que executavam elementos de dificuldade, também, foi observada por Kerr (2003) quando a autora cita que no campeonato europeu de 1968 o técnico de Ludmilla Tourischeva foi advertido pela arbitragem à mudar a série da ginasta. Na ocasião, o técnico refutou a orientação e afirmou que Tourischeva demonstrava na sua série o futuro da modalidade. Aspecto que se confirmou nos anos seguintes.

Em contrapartida, percebemos algumas ações da FIG que favoreciam o aumento da complexidade da modalidade. A desvalorização da reversão e do Yamashita, saltos mais utilizados nos anos 1950-1960 influenciou as atletas a buscarem saltos distintos e mais complexos. No Campeonato Europeu de 1973, Ludmilla Tourischeva apresentou o “Tsukahara” na prova de salto. Esse acontecimento também demonstrou a influência da categoria masculina no desenvolvimento da GAF.

No ano seguinte, durante o Mundial de Varna na Bulgária, um maior número de ginastas realizaria o Tsukahara no salto. E, apesar das diretrizes da FIG, três ginastas (Joan Rice, Nellie Kim e Olga Korbut) executaram o mortal grupado na trave (GROSSFELD, 1975).

A partir desses dados, corroboramos Kerr (2006) quando a autora aponta que muitas outras atletas, além de Olga Korbut, assim como árbitros e técnicos, prepararam o cenário no qual Nadia Comaneci iria consolidar essa tendência acrobática da modalidade com atletas mais jovens e pré-púberes.

Aos 13 anos de idade, Nadia Comaneci venceu o Campeonato Europeu em 1975 e atraiu a atenção do mundo com sua técnica e elementos de grande dificuldade. Nessa competição, a jovem ginasta romena venceu a renomada medalhista europeia, mundial e olímpica Ludmilla Touricheva, a qual era nove anos mais velha (GOHLER, 1975).

Assim como outras ginastas do seu tempo, as séries de Nadia Comaneci excediam os requisitos estabelecidos no CP ainda sobre as atualizações feitas após o mundial de 1974.

A edição de 1975 enfatizava que os árbitros deveriam avaliar, além dos aspectos técnicos, a harmonia, a expressividade e a graça feminina (FIG, 1977). O CP classificava os elementos em três níveis de dificuldade, os quais: pequena, média e superiores.

O período de ginastas renomadas como Agnes Keleti, Larissa Latynina, Vera Caslavskaja e Ludmilla Tourischeva, cuja característica de suas séries era a feminilidade, a graça e o *ballet*, embora apoiadas pelo CP, começou a declinar com Olga Korbut, mas foi o apogeu de Nadia Comaneci que findou essa era. Conforme Kerr (2006) houve uma mudança significativa no estilo da modalidade após os Jogos de 1976. E, porque não dizer, também, nos corpos das atletas e que influenciaram as regras da modalidade.

Nas palavras de Sey (2008), Nadia Comaneci personificava o futuro da modalidade. Com elementos modernos e tecnicamente perfeitos, a ginasta romena dominou os Jogos Olímpicos de Montreal e alcançou a perfeição 7 vezes ao obter a nota máxima de 10 pontos.

Nadia Comaneci estabeleceu um padrão de ginástica mais acrobática e com combinações de elementos que seria seguido nas competições subsequentes por ginastas cada vez mais jovens e corporalmente menores. Até os dias de hoje, o “Comaneci Salto”, elemento de largada e retomada criado por Nadia Comaneci, guiada pelo seu técnico Bela Karolyi, continua com elevado valor de dificuldade no CP, o que demonstra o salto de excelência imposto pela atleta na década de 1970.

Assim como Olga Korbut, a sua influência na modalidade suplantou as notas ou as medalhas. O corpo esguio, realçado pelo *collant* branco, e a idade de Nadia Comaneci (FIGURA 1) se contrastavam com o de outras campeãs olímpicas do individual geral. Na ocasião dos Jogos de 1976, a romena tinha 14 anos de idade, 150 cm de altura e 38,5 Kg (GUTMAN, 1996). A ginasta Vera Caslavskaja, campeã olímpica de 1968, tinha 160 cm e 54,9 Kg. Ademais, a diferença de idade quando ambas subiram ao lugar mais alto do pódio era de 12 anos.

A campeã do individual geral de 1972, Ludmilla Tourischeva, tinha 20 anos de idade, 160 cm de altura e 50 kg (SMOLEUSKIY; GAVERDOUSKIY, 1996). Mas, ressaltamos que o aspecto que chamava a atenção não era apenas a idade, mas a

constituição física. Públio (1998) afirma que Nadia Comaneci aparentava ter 10 anos de idade e sua meninice emergia durante as entrevistas.

Ryan (1995) considera que a GAF se tornou um esporte de meninas pré-púberes. E, Nunomura (2008) indica que houve mudanças significativas ocorridas na idade de ingresso na modalidade naquele período. De acordo com a autora, “crianças foram selecionadas para treinar profissionalmente e muitos países começaram a sujeitá-las a um treino profissional muito intenso, algumas vezes de sete horas diárias, como os profissionais adultos” (p. 81).

A ginasta Vera Caslavskaya iniciou a prática da GA aos 15 anos de idade⁵, ou seja, um ano após a idade na qual Nadia Comaneci se tornou um fenômeno olímpico. Kerr (2006) alerta que embora o apogeu da revolução na questão da idade tenha ocorrido após o sucesso de Nadia Comaneci nos Jogos de 1976, a autora cita que desde meados de 1960 observaram-se resultados expressivos de ginastas mais jovens.

Arkaev e Suchilin (2004) elencam as ginastas russas Larissa Petrik e Natalia Kuchinskaya como marcos nessa questão. As medalhas de ouro, no mundial de 1966, de Natalia Kuchinskaya com 15 anos de idade demonstram que Nadia Comaneci apenas radicou uma tendência que já mostrava sinais desde meados da década de 1960, ou seja, de que a modalidade seria um esporte de meninas e não de mulheres caso continuasse na direção de um esporte mais acrobático com menor apreço ao conteúdo artístico que era caracterizado pela hegemonia do *ballet* e da Ginástica Moderna. A própria Ludmilla Tourischeva competiu nos Jogos Olímpicos de 1968 aos 16 anos de idade e contribuiu com a medalha de ouro da equipe soviética.

Ao analisarmos eventos competitivos da década de 1960, observamos que a ginasta Cathy Rigby dos Estados Unidos foi pioneira do estilo “pequenas fadas”, conforme notamos nas Figuras 12 e 13.

⁵Anteriormente, Vera Caslavskaya havia praticado patinação artística (GUTMAN, 1996).



Figura 12 - A ginasta americana Cathy Rigby, 15 anos, em 1968. Fonte: Mademoiselle Gymnast (1968).



Figura 13 - Cathy Rigby dos Estados Unidos pioneira no estilo “pequenas fadas” que receberia notoriedade com Olga Korbut. Fonte: Barosh (1972).

Atualmente, Arkaev e Suchilin (2004) e Bompa (2000) citam o período ótimo para o desenvolvimento de habilidades técnicas complexas de coordenação e de flexibilidade para o treinamento sistematizado desde tenra idade. Assim como as vantagens biomecânicas das proporções corporais menores que facilitam o ensino e a aprendizagem dos elementos, conforme elencado por Damsgaard (2008). Esses são os argumentos mais utilizados para justificar a necessidade do ingresso cada vez mais cedo na modalidade (NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010).

Com ginastas menores, mais flexíveis e com níveis de força máxima e relativa maiores, o mundo, deslumbrado pelo primeiro mortal na trave de equilíbrio executado por Olga Korbut em 1972 e que viu Nadia Comaneci executar seis elementos de voo nesse mesmo aparelho em 1976, prendia a respiração poucos anos depois ao observar os duplos mortais executados por Elena Mukhina na saída desse mesmo aparelho no Campeonato Mundial de 1978. Também deslumbraríamos nessa mesma década, o primeiro duplo mortal de costas e o primeiro duplo mortal com pirueta, ambos no solo, na GAF (TURNER, 2006).

Esse cenário demonstra a rápida e crescente evolução da modalidade. “A GAF, que nas décadas de 1950 e 1960 era sobre graça, poses e a habilidade de dançar, era agora sobre piruetas e rotações no ar” (KERR 2006, p. 95). Esse desenvolvimento observado foi influenciado, em grande medida, pelas mudanças

ocorridas na metodologia de treinamento destacando-se o sistema de treinamento concentrado em escolas internatos esportivas.

Ao analisar o modelo romeno de formação na GA, Nauright e Parrish (2012) relatam as escolas internato esportivas que promoviam a educação e o treinamento especializado de crianças que foram previamente aprovadas em um processo de seleção de talentos. Os autores citam o treinamento rigoroso, a disciplina e o fomento do etos competitivo como os fundamentos desse modelo de formação de atletas.

A ginasta Nadia Comaneci relata que no centro de treinamento de Onesti havia um estrito sistema de controle. “Os Karolyis [Bela e Martha] compreendiam que, como crianças, nós jovens ginastas éramos incapazes de disciplinar a nós mesmas, então eles tinham que fazer isso por nós” (COMANECI, 2004, p. 26). As atletas treinavam de 4-6 horas, seis vezes na semana, possuíam horário de estudos, dormiam de 8-10 horas e tinham a alimentação controlada.

Anteriormente, Kerr (2003) menciona que o conceito de treinamento ao longo de todo o ano não era algo comum na maioria dos países e que as atletas nas décadas de 1950 e 1960 dividiam o esporte com o cuidado da família, o trabalho e os estudos. A autora menciona o depoimento de Agnes Keleti que retrata que ela treinava poucas horas por semana em períodos que antecederiam as competições. Corroboramos Kerr (2003) que isso explica porque o esporte se desenvolveu de forma rápida após as mudanças observadas, tanto na seleção de ginastas mais jovens quanto na centralização e especialização do treinamento.

Outro aspecto relevante foi a migração de técnicos da GA masculina (GAM) para a categoria feminina. Kerr (2006) afirma que na década de 1970 a maior parte dos técnicos envolvidos com o feminino eram mulheres, mas, com o tempo, os homens ganharam destaque nessa função. Larissa Latynina, então técnica da seleção da União Soviética no período em que a modalidade valorizava o *ballet* e a feminilidade foi substituída por técnicos, como Mikhail Klimenko, que atuavam com GA masculina mais acrobática.

Mikhail Klimenko foi responsável pelo sucesso da renomada ginasta Elena Mukhina (FIGURA 14), campeã mundial em 1978, que atraía a atenção do mundo com os seus movimentos acrobáticos antes apenas observados na categoria masculina, como o duplo mortal grupado com pirueta no solo que é denominado “Mukhina” no feminino.



Figura 14 – Elena Mhukina. Fonte: Turner (2006).

Kerr (2003) destaca que a GAF passou por um processo de transição no qual os traços femininos foram substituídos por andrógenos. De acordo com a autora, “características tradicionalmente consideradas femininas como expressão, graça e elegância, já não eram parte do repertório das ginastas em 1976-1983” (p. 88). Esses fatores foram substituídos por características tradicionalmente atribuídas à GAM como o risco e o alto grau de dificuldade das acrobacias. Nas palavras de Ryan (1995),

as habilidades físicas se tornaram tão exigentes que somente um corpo modelado como um míssil – em outras palavras, um corpo modelado como o de um menino – poderia sobressair-se. Seios e quadris diminuem a rotação, abaixam os saltos e perturbam a limpeza, as linhas de um corpo magro que é valorizado pelos árbitros (p. 7).

A constituição física das atletas pré-puberes contribuíram com a androgenidade da GA naquele período e propiciaram mudanças significativas no aspecto estético da modalidade (KERR, 2003). Baker-Ruchti (2011) considera que ginastas altas, maduras e com formas femininas se tornaram inadequadas e esteticamente inapropriadas para esse esporte.

Sobre essa questão, Ryan (1995) cita o exemplo da ginasta americana Kathy Johnson, medalhista de bronze no Campeonato Mundial de 1978 no solo, que teve a menarca aos 25 anos de idade somente após se aposentar do esporte. A

questão é se a menarca tardia está relacionada ao componente genético ou se a baixa ingestão de calorias é que atrasou o seu desenvolvimento em prol de um corpo “mais propício” à modalidade.

Nos Jogos Olímpicos de 1980, mais alta e com traços mais maduros, Nadia Comaneci (FIGURA 15) continuou a influenciar a modalidade e consolidou a sua supremacia na trave de equilíbrio ao defender o título conquistado em Montreal. Ademais, a ginasta romena venceu a prova de solo e ficou com a prata após uma controversa disputa com a soviética Yelena Davydova campeã do individual geral (KERR, 2003). Na ocasião, Nadia Comaneci já não era mais a “pequena fada” que conquistou o mundo em 1976.



Figura 15 – Nadia Comaneci 1980. Fonte: Kluetmeier (2014).

Com uma constituição física maior e feições femininas, a atleta lutou contra o desenvolvimento do seu corpo no período que antecedeu a sua segunda participação olímpica. Boatos de anorexia e até mesmo o uso de substâncias que pudessem retardar o seu desenvolvimento emergiram na modalidade naquele período (KERR, 2003).

3.3. EM BUSCA DO EQUILÍBRIO ARTÍSTICO E ACROBÁTICO

Ao nos debruçarmos sobre os fenômenos inerentes ao desenvolvimento da GAF, percebemos que houve modificações ideológicas e na identidade da modalidade. Pois, segundo Baker-Ruchti (2011), enquanto Vera Caslavskaja enfatizava a graça e a expressão de sentimentos ao longo de suas apresentações, ginastas como Nadia Comaneci enfatizavam a automatização, a precisão e a expressão neutra de sentimentos.

No final da década de 1970 e início dos anos 1980, observamos um crescente número de elementos da GAM sendo incorporados pelas atletas. Este fato pode ser atribuído à maior inserção de técnicos advindos do masculino, os quais ganharam espaço nesse contexto antes dominado por mulheres, as quais não mais atendiam às necessidades da modalidade nessa nova conjectura.

O *East German Invitational*, realizado em Cottbus na Alemanha em 1979, expôs o crescente caráter acrobático da modalidade no final do ciclo. Chencinski (1979) relata que a maior parte das ginastas participantes apresentou elementos de dificuldade com erros de execução. A autora justifica as falhas como um passo necessário no caminho para o Campeonato Mundial e Jogos Olímpicos. Na sua análise, Chencinski (1979) cita que houve quedas nos duplos mortais e duplas piruetas. Nas barras paralelas assimétricas, giros gigantes já se tornavam uma tendência. Na prova de salto, o Tsukahara foi mais eficiente ao obter notas superiores se comparado à reversão mortal. E, na trave de equilíbrio, sequências de *flicks*, *flick mortal*, *flick layout* e saídas de dupla pirueta foram os elementos mais utilizados.

A progressão na parte técnica e de dificuldade não foi acompanhada por um processo de aprimoramento da parte artística que, nos períodos anteriores, era a característica determinante da GAF (KERR, 2003).

A dificuldade e a complexidade dos elementos se tornaram os aspectos mais sobressalentes em detrimento da expressão artística. Um dos expoentes desse período, Maria Filatova (FIGURA 16) da antiga URSS, foi criticada pelo seu estilo acrobático. Pioneira na execução de giros gigantes nas barras paralelas assimétricas no final da década de 1970 (ZAGLADA, 2010), Filatova não apresentava em suas séries o estilo artístico característico da escola soviética de ginástica que possuía

grande apreço do *ballet*. Kerr (2006) cita que Filatova personificava o exemplo de sucesso da GAF daquele período.

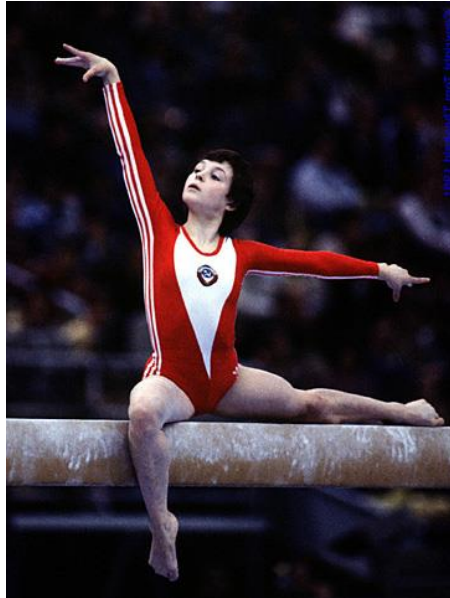


Figura 16 – Maria Filatova na trave de equilíbrio. Fonte: Theobald (2014).

Em 1979 foi editada a nova versão do CP que entrou em vigor em 1980. É pertinente enfatizar a dificuldade que muitos países enfrentaram para obter e compreender as primeiras versões do regulamento da modalidade. Entre eles, os países de língua inglesa como a Austrália (BARRY, 1975; MENDEL, 1976) e os Estados Unidos (UPHUES, 1968; ENDO, 1974), pois o Código era lançado na língua oficial da FIG, em francês, e necessitava ser traduzido pelas Federações nacionais.

Kerr (2006), em sua análise sobre o CP de 1979, sintetiza que o documento foi escrito para se adequar e categorizar as mudanças ocasionadas pelas atletas, lideradas por seus técnicos, desde a edição anterior. A autora exemplifica que Nadia Comaneci não precisou alterar, de forma substancial, as suas séries que foram apresentadas nos Jogos Olímpicos de Montreal em 1976 para lograr medalhas nos Jogos de 1980. Isso evidencia que o documento apenas foi atualizado com o objetivo de se ajustar aos elementos e dificuldades que eram apresentados nas competições e que não estavam no livro de regras da modalidade.

Essa edição do CP introduziu normas mais específicas que deveriam ser cumpridas em cada aparelho. E, alguns aspectos considerados vagos e que foram

discutidos e apresentados nos boletins técnicos após a divulgação do CP de 1975 foram assimilados nessa edição. Ademais, Kerr (2006) afirma que o CP de 1979 sinalizava que a FIG tentava adquirir o comando dos rumos da modalidade, pois, anteriormente, as regras estavam sempre um passo atrás ao desenvolvimento da GA.

Observamos, nessa edição (BRASIL, s/d), a introdução de bonificações de risco e de originalidade. O que indica um determinado apoio da FIG à essa tendência acrobática da modalidade e a busca de novos elementos. Além desses fatores, observamos a classificação dos elementos em A, B e C em uma sequência progressiva de dificuldade, a qual já era utilizada na GAM (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2009).

Kerr (2003) pondera que em busca da bonificação por risco e originalidade, a GAF se aproximou sobremaneira da GAM. Na opinião da autora, esse foi o momento no qual ambas as categorias apresentavam maior similaridade.

Os Jogos Olímpicos de 1984 seriam marcados pelo boicote da União Soviética e pela disputa de duas ginastas que apresentavam características comuns à GAM, as quais: força e potência. Mary Lou Retton dos Estados Unidos (FIGURA 17) e Ekaterina Szabo da Romênia apresentavam elementos de alto grau de dificuldade, mas tinham deficiências em suas séries, especialmente, na parte artística. Pois, esse aspecto não se equiparava com a supremacia técnica observada nas acrobacias.



Figura 17– Mary Lou Retton compete na trave nos Jogos Olímpicos de 1984. Fonte: OTTUM (1984).

Kerr (2003) pontua que os corpos dessas ginastas possuíam uma constituição física musculosa, a qual era distinta dos corpos esguios das “pequenas fadas”. Mary Lou Retton possuía 142 cm de altura e 43 kg, o que constitui um Índice de Massa Corporal (IMC) normal, mas distinto do que foi observado no momento gímnic anterior. Sey (2008) relata que Mary Lou tinha um corpo pequeno e robusto pelo qual emanava o dinamismo, a potência e a audácia que substituíam a sua falta de graciosidade e elegância. A ginasta americana adquiriu notoriedade no panorama internacional ao executar o duplo mortal estendido de costas no solo. Um elemento que até os dias de hoje poucos atletas, até mesmo do masculino, não se arriscam em fazer.

Em busca de um equilíbrio entre a parte artística e os elementos acrobáticos, a FIG estabeleceu novas diretrizes após os Jogos de 1984, pois, no ciclo anterior, a GAF se aproximou, sobremaneira, das características da categoria masculina (KERR, 2003). Devemos rememorar que Olga Korbut e Nadia Comaneci contribuíram de forma pronunciada para consolidar a tendência acrobática da modalidade. E, ginastas como Nellie Kim e Elena Mhukina cooperaram com esse aspecto ao realizarem elementos que anteriormente apenas eram observados no masculino.

Podemos destacar que características antes consideradas inapropriadas para a GAF se tornaram hegemônicas nesse período. Hargreaves (1994) cita que a destreza física, a coragem, a força e a resistência eram traços restritos ao universo esportivo masculino. E, por isso, foram combatidos por muito tempo na GAF que privilegiava virtudes ditas femininas, como: graça, flexibilidade e leveza nos movimentos.

Na busca do equilíbrio entre o repertório acrobático e o artístico, a FIG alterou as regras em prol desse aspecto. O CP editado em 1985 substituiria a bonificação de risco por virtuosismo e incluiria requisitos obrigatórios mais voltados à parte artística (KERR, 2003). Dessa forma, as ginastas foram motivadas a buscar a perfeição e a maestria técnica ao invés do risco. E, conseqüentemente, diminuir as críticas à *killer gymnastics*, nome pelo qual a modalidade foi denominada na década de 1980.

Essas medidas surtiram efeito e, talvez, por isso, observamos o surgimento de ginastas como Svetlana Boginskaya, o “cisne bielorrusso”, notória pela sua exímia técnica e virtuosidade artística demonstrados nos Jogos Olímpicos de Seul em 1988 (FIGURA 18).



Figura 18– Svetlana Boginskaya 1989. Fonte: adaptado de Peszek (1990).

Kerr (2003) atenta para o corpo da atleta bielorrussa que era esguio e longilíneo, distinto da campeã olímpica Mary Lou Retton. A preparação artística de Boginskaya, com grande influência do *ballet* russo, era um grande diferencial na trave e no solo. Mas, devemos mencionar que Boginskaya também executava elementos de grande dificuldade, força e potência. Isso fica evidente no fato de que a atleta foi campeã olímpica na prova de salto.

Outro aspecto que Boginskaya reinseriu na GAF foi a feminilidade (KERR, 2003). Através de seus movimentos e da sua própria conduta, a atleta trouxe de volta esse aspecto que ficou adormecido com o surgimento das “pequenas fadas” cuja característica mais acrobática e a meninice suplantavam o componente artístico e a feminilidade das séries.

Ao analisar a apresentação do “cisne bielorrusso” nos Jogos da Amizade em 1990, Moore (1990) cita a influência do *ballet* e expõe que “a galvanizada Boginskaya obteve uma folga com 9,937 na trave, em seguida, adicionou um exercício de solo rico em temas adultos de forma provocativa, para não dizer, descaradamente expressos” (p. 29). Nessa fala estão implícitas as mudanças inseridas de volta à GAF por Boginskaya. O termo “galvanizada” remete a longevidade sem perder a competitividade e a palavra “provocativa” sintetiza a maturidade da coreografia realizada por um mulher.

Outra atleta influente nesse período foi Daniela Silivas da Romênia. Kerr (2003) relembra a semelhança entre essa ginasta romena e Olga Korbut, pois ambas interagem com o público e possuíam grande carisma e expressividade durante a série de solo e revolucionaram esse aparelho com elementos e sequências acrobáticas originais. Daniela Silivas foi pioneira na execução do duplo mortal com dupla pirueta no solo, o “Silivas”.

Através desses exemplos, corroboramos Kerr (2003) que as mudanças no CP do ciclo 1985-1988 surtiram efeito, pois verificamos uma nova ênfase no componente artístico e de execução das séries.

As atletas foram direcionadas a buscar elementos de dança e combinações mistas que mantivessem o nível artístico em maior equilíbrio com o nível das acrobacias, as quais continuavam em contínuo desenvolvimento. Advertimos que a modalidade permaneceu dominada pelas “pequenas fadas”.

3.4. JOVENS MULHERES

Nas Olimpíadas de Barcelona, a competição de GAF foi marcada por disputas equilibradas. No individual geral, Tatiana Gutsu da Ucrânia venceu Shannon Miller (FIGURA 19) dos Estados Unidos por 0,012. Ambas estavam com 15 anos de idade, tinham corpos esguios e baixa estatura. Shannon Miller possuía 140 cm de altura e 32 kg enquanto Tatiana Gutsu 145 cm e 31,5 kg (PESZEK, 1992).



Figura 19 – Shannon Miller nos Jogos Olímpicos de 1992. Fonte: Millan (2014).

Miller (1999) cita que os técnicos Steve Nuno e Peggy Liddick não estabeleciam regras rígidas de alimentação para a atleta Shannon Miller na ocasião dos Jogos. Mas, outros técnicos responsáveis pela equipe dos Estados Unidos impunham um controle alimentar severo.

Problemas como anorexia, bulimia e o abuso de laxantes ganharam os holofotes internacionais no final da década de 1980 e início dos anos 1990 (RYAN, 1995; SEY, 2008). E, para combatê-los, Sands et al. (2012) citam o exemplo da seleção norte-americana que eliminou a pesagem das atletas nos treinos da equipe e que prima pela atuação de técnicos mais capacitados para atuar com as ginastas talentosas. Apesar dessas ações, o autor é consciente de que há exceções nas

quais as ginastas estão subordinadas aos excessos de zelo do técnico ou dos pais e desenvolvem atitudes autodestrutivas.

Quando abordamos essa questão da massa corporal das atletas, insurge sempre o fator estético atribuído a um corpo esguio que, segundo Ryan (1995), Sey (2008) e Miller (1999), é apreciado pelo corpo de arbitragem.

Embora as regras do CP entre o período de 1989-1993 direcionassem as séries para o caráter acrobático e com o aumento das dificuldades, Kerr (2003) cita que os requisitos de composição mantiveram as características ditas femininas da GA, principalmente, nos elementos de salto e de dança.

O aumento da complexidade das séries, ocasionado pelas mudanças ocorridas no regulamento e o avanço no grau de dificuldade dos elementos, ocasionou a emergência de atletas que passaram a se destacar em apenas alguns aparelhos devido à dificuldade em manter um alto nível em todas as provas.

Kerr (2003) considera que foi a partir dessa conjectura que surgiram as ginastas especialistas. A autora cita a ginasta Lu Li da China que conquistou o ouro nas barras assimétricas e a prata na trave, mas que logrou apenas o 34º lugar no concurso geral. Ademais, na década de 1990 foram realizados os primeiros Campeonatos Mundiais que abrangiam apenas as disputas individuais (FIG, 2013a).

Nos Jogos Olímpicos subsequentes, em 1996, na cidade de Atlanta, Forbes (1997) ressalta que as façanhas deslumbrantes das ginastas voltaram a ser executadas por número maior de jovens mulheres que, embora pequenas em estatura e magras, possuíam feições femininas, como: seios, quadril e cintura. A autora rememora velhos tempos de Ludmilla Tourischeva e Elvira Saadi, na década de 1970, e elenca que a graça e a feminilidade estavam de volta à modalidade.

Enquanto de um lado tínhamos Dominique Moceanu com 14 anos de idade que representava as “pequenas fadas”, do outro vislumbrávamos Svetlana Boginskaya com 23 anos e traços femininos, os quais ganharam destaque ao som do ritmo da lambada na prova de solo.

No ano seguinte, em 1997, a FIG implementou novas regras para a idade de participação nos eventos internacionais ao elevar a idade mínima para 16 anos completos no ano do evento. Anteriormente, a idade mínima era de 15 anos de idade completos no ano do evento (COMITÉ OLÍMPICO INTERNACIONAL, 1980).

Na opinião de Ryan (1995), a demanda de elementos de dificuldade que apenas um corpo pequeno, magro e flexível estaria apto a realizar fez com que a

GAF se desenvolvesse na direção em que apenas corpos pequenos e jovens conseguiriam se sobressair no alto rendimento. E, talvez, por isso, observamos desde a década de 1980, problemas com a falsificação de idades das atletas. As ginastas Olga Mostepanova, Gina Gogean, Alexandra Marinescu e Daniela Silivas afirmaram após encerrar as suas carreiras que tiveram suas idades alteradas para que pudessem participar de eventos internacionais (SPORTS ILLUSTRATED, 2002; INTERNATIONAL GYMNAST MAGAZINE, 2008).

Eagleman, Rodenberg e Lee (2014) expõe que desde o final dos anos 1980 a modalidade era criticada por ser um esporte de “meninas”, as quais eram vistas como figuras jovens, frágeis e com corpos que não haviam se desenvolvido. Os autores afirmam que essa mudança na idade limite, também, ocorreu com o intuito de melhorar a imagem da modalidade e da FIG no cenário internacional.

A campeã olímpica de 1996, nas barras assimétricas, Svetlana Khorkina da Rússia posou para a revista masculina Playboy em 1997 (FIGURA 20), o que demonstra uma mudança na visão da mídia acerca da modalidade antes compreendida como um esporte de meninas pré-púberes e sem *sex appeal*. No contexto brasileiro, a ginasta Daiane dos Santos recebeu uma proposta para posar nua, mas declinou o convite (FRANCESCHINI; ALMEIDA, 2014).



Figura 20 – A russa Svetlana Khorkina posa para a revista masculina no ano de 1997. Fonte: Playboy Rússia (1997).

Sands et al. (2012) ponderam que a FIG conferia à elevação da idade mínima uma forma de melhorar o componente artístico das séries, pois as atletas seriam mais experientes e maduras. Além disso, acreditava-se que o nível de maturação das ginastas iria se adequar ao observado nos demais esportes e, assim, evitar as críticas da comunidade esportiva internacional. Concomitantemente, seria possível reduzir o estresse e as lesões atribuídas às cargas de treinamento nas fases de desenvolvimento maturacional (ANDERSON, 1997).

No entanto, assim como ocorreu em 1981, quando houve a mudança na idade limite de 14 para 15 anos, observamos casos de fraude na idade das ginastas, com destaque para os casos envolvendo atletas chinesas e norte-coreanas (RODENBERG; EAGLEMAN, 2011). Além disso, ao analisarmos as estatísticas da FIG (2013a), observamos que não houve mudanças significativas na média de idade das atletas, pois no Campeonato Mundial de 1996 a média era 17,13. E, no Campeonato Mundial de 1997 a média subiu para 17,43.

Outra mudança significativa que entrou em vigor em 1997 foi o término das rotinas obrigatórias. Entre os anos de 1936 e 1996, as ginastas competiram em séries compulsórias determinadas pelo CTF e que eram realizadas por todas as ginastas na fase classificatória (BARKER-RUCHTI, 2011).

Benn e Benn (2004) explicitam que as discussões sobre a extinção das rotinas obrigatórias tiveram início no final da década de 1980, mas, apenas na Assembleia Geral de 1994 foi tomada a decisão que entrou em vigor após o término do ciclo olímpico 1993-1996.

A falta de interesse da mídia devido à monotonia das competições obrigatórias e a longa duração dos eventos competitivos que chegavam a ter quatro dias de treinamento e nove dias de competição foram os principais motivos para a exclusão desses exercícios obrigatórios (BENN; BENN, 2004).

Nas Olimpíadas de Sidney no ano 2000, “*the queen*” Svetlana Khorkina seria uma das estrelas da competição. Com 165 cm de altura e 47 kg (ARKAEV; SUCHILIN, 2004), a atleta russa atraía a atenção com seu corpo longilíneo e a originalidade de seus elementos. Ademais, entre “pequenas fadas” e jovens mulheres, Svetlana Khorkina destacou-se pela sua feminilidade e atratividade, as quais Kerr (2003) compara às da ginasta Svetlana Boginskaya.

Com uma constituição física distinta, 149,86 cm e 41 kg, Andreea Raducan da Romênia logrou o ouro no individual geral seguida pelas suas compatriotas Simona Amanar e Maria Olaru em uma controversa disputa.

Salmela (2012) elenca os problemas ocorridos no individual geral nas Olimpíadas de 2000 relativos à altura do cavalo de salto que estava 5 cm mais baixo e foi responsável por várias falhas. A ginasta brasileira Daniele Hypólito foi uma das ginastas prejudicadas na ocasião. Outro fator que marcou a competição foi o doping da campeã Andreea Raducan que perdeu a medalha de ouro devido à ingestão de um remédio antigripal (MOTTRAM, 2010; RADUCAN, 2013).

Desde o início da década de 1990, a FIG discutia a possibilidade de mudanças no aparelho utilizado na prova de salto para minimizar os riscos de lesão observados, principalmente, com a evolução dos saltos no final da década de 1970 e anos 1980 (BENN; BENN, 2004). Após os problemas ocorridos em Sydney, um novo aparelho, o Pégaso⁶, foi testado em uma competição oficial no ano de 2001. Devido a sua morfologia, o aparelho recebeu a denominação de mesa de salto e continua em vigor até os dias de hoje.

3.5. UM NOVO SÉCULO

A GAF apresentou, nos últimos anos, um aumento expressivo no número de países que constituem o quadro de medalhistas da modalidade. Arkaev e Suchilin (2004) mencionam que as nações anteriormente consideradas como pontos em branco no mapa mundial da modalidade, atualmente possuem ginastas de alto nível.

A FIG (2012) aponta que o número de nações afiliadas alcançou um total de 133 no final do ciclo olímpico 2009-2012. Países como Angola, Bahrain, Benin, Camboja e Turcomenistão foram as últimas nações afiliadas à entidade e exemplificam a expansão da Ginástica na África, Oriente Médio e Ásia.

Corroboramos Kerr (2003) que a globalização da modalidade nesse início de século seja perceptível. Aspecto notório quando analisamos os eventos competitivos da última década, principalmente, as etapas da Copa do Mundo. Além disso,

⁶ Pégaso foi o nome conferido à mesa de salto desenvolvida pela empresa holandesa Janssen Fritsen e que foi utilizado no Campeonato Mundial de 2001 (BENN; BENN, 2004).

verificamos que o maior número de países participantes em um Campeonato Mundial ocorreu, também, na última década com a participação de 84 nações em Stuttgart na Alemanha em 2007 (FIG, 2013a).

Algumas mudanças, colocadas em prática no ciclo 2001-2004, foram significativas e alteraram a tática das equipes e a preparação das ginastas. A introdução do sistema 6-3-3 na final por equipes foi uma dessas alterações.

A *USA Gymnastics* (2002) explica que nesse formato competitivo, cada equipe é composta por seis atletas, mas apenas três competem em cada aparelho na final e as três notas compõem o somatório da equipe. Concordamos com Kerr (2003) que essa mudança trouxe maior dinamismo para a final que ficou mais rápida e se enquadrou melhor às transmissões televisivas. Ademais, proporcionou imprevisibilidade e maior emoção, pois não há margem para erros e a consistência das equipes e a estratégia são colocadas à prova. Anteriormente, o sistema utilizado na final por equipes era idêntico ao da fase classificatória, ou seja, 6-5-4.

Outra mudança relacionada ao formato das competições diz respeito ao aquecimento dos atletas nas finais. Com o objetivo de tornar os eventos mais dinâmicos, a FIG retirou o tempo de aquecimento momentos antes das apresentações dos atletas nos aparelhos. Assim, o aquecimento passou a ser realizado apenas no ginásio de treino, ou seja, o aquecimento de 50 segundos nas barras paralelas assimétricas e 30 segundos nos demais aparelhos não existe mais nas finais (FIG, 2014a). Segundo Kerr (2003), o primeiro evento a utilizar esse sistema foi os Jogos da Amizade de 2001. Ressaltamos que essa alteração trouxe dúvidas com relação à segurança dos ginastas, pois o aquecimento no local de competição mantinha os atletas aquecidos e contribuía com a regulação emocional dos ginastas.

A FIG também adotou mudanças no número de atletas finalistas do individual geral, de 36 atletas para 24, com a restrição de no máximo 2 por país, e aumentou o número de equipes nas finais de 6 para 8 (FIG, 2014a).

Com relação às regras de arbitragem, a alteração mais controversa e proeminente veio com a implementação do CP de 2006-2008 (FIG, 2006) que pôs fim à grande marca da GA: a nota 10.

A partir dessa edição do CP, um novo modelo de avaliação foi implantado no qual não há um limite máximo como no passado. Após o primeiro ciclo de vigência

desse modelo, o presidente da FIG Bruno Grandi emitiu uma carta aberta na qual cita que o atual sistema é uma bomba relógio prestes a explodir (GRANDI, 2011).

Essa preocupação é explicada por Brueggemann e Hume (2013) que afirmam que a parte artística e os elementos acrobáticos realizados no momento atual parecem estar perto dos limites que o corpo humano pode suportar. E, o agravamento das lesões, bem como a maior incidência delas, fazem-nos refletir se os limites biológicos e biomecânicos foram alcançados.

O modelo atual de avaliação está no seu terceiro ciclo. Observamos que a essência do processo de avaliação está sendo mantida visto que houve poucas alterações substanciais nas últimas duas versões do regulamento. Por outro lado, verificamos uma exponencial busca pela dificuldade nas séries.

Se no CP de 1979 os elementos eram divididos em A, B e C (BRASIL, s/d), na conjectura atual já temos um elemento I (FIG, 2013b). Concordamos com Brueggemann e Hume (2013) que esse aumento na dificuldade das séries é um resultado dos direcionamentos do CP, por isso, a expressão “bomba relógio” parece assertiva, pois se as ginastas continuarem a busca por mais dificuldade nas séries, a modalidade poderá se aproximar à um *Extreme Sport* e voltar a ser denominada *killer gymnastics*.

A busca pelo equilíbrio entre a dificuldade das acrobacias e o nível artístico das séries foi tema das principais mudanças observadas na edição vigente do CP (FIG, 2013c). Parece que esse grande desafio, explicitado por Oliveira e Bortoleto (2009), continua a desafiar atletas, técnicos e especialistas da modalidade.

Em meio a todas as mudanças, destacamos que nos últimos três ciclos olímpicos percebemos um maior número de jovens mulheres que competiram na elite mundial da modalidade. Fato que aponta a continuidade da tendência observada por Forbes (1997) na década de 1990. Ao analisarmos as estatísticas da FIG (2013a), constatamos que a média de idade no último ciclo olímpico ficou acima de 18 anos.

A uzbeque Oksana Chusovitina (FIGURA21) exemplifica a presença de mulheres na modalidade, pois aos 38 anos de idade, a ginasta que já representou a União Soviética e a Alemanha, competiu pelo seu país natal no Campeonato Mundial de 2013 na Bélgica. Além dos traços maduros, Kerr (2003) cita que Oksana Chusovitina trouxe para a GAF a feminilidade da maternidade, aspecto pouco comum na modalidade nos dias de hoje. Além disso, a ginasta simboliza uma

tendência à longevidade na modalidade, pois nos Jogos Olímpicos de Londres ela competiu em sua quinta Olimpíada.



Figura 21 – Oksana Chusovitina na trave de equilíbrio no mundial de 2013. Fonte: FIG (2014b).

A proeza de Oksana Chusovitina é digna de uma heroína, pois a atleta se mantém entre as melhores ginastas do mundo em um esporte dominado pela aparência infantil, pré-púbere. E, muitas das suas rivais nasceram após o seu primeiro título mundial em 1991, em Indianápolis, nos Estados Unidos.

Ainda sobre a longevidade, a média de idade das atletas foi de 19,78 anos nos Jogos Olímpicos de 2012 (FIG, 2013a). Poderíamos citar as brasileiras Daniele Hypólito e Daiane dos Santos que, na ocasião dos Jogos, possuíam respectivamente, 28 e 29 anos de idade, como exemplos desse fato.

A ginasta Daniele Hypólito tentará a sua quinta olimpíada em 2016 aos 33 anos de idade. Caso Oksana Chusovitina opte, também, por competir nos Jogos do Rio de Janeiro, a atleta terá 41 anos!

Além da longevidade, mudanças perceptíveis vêm sendo notadas no corpo das atletas. No estudo de Sands et al. (2012), os autores citam que a partir da década de 1990 o corpo das ginastas apresentou uma tendência ao aumento na

altura, massa, idade e IMC. Embora o estudo tenha sido conduzido com atletas que compuseram a equipe dos Estados Unidos, ele é de grande importância visto que as americanas possuem a hegemonia de resultados na GAF desde 2001. Os autores pontuam que as mudanças no limite de idade, bem como as novas regras, poderiam favorecer corpos mesomorfos na atual conjuntura.

Barker-Ruchti (2009) menciona essa nova tendência observada no corpo das ginastas e afirma que o fato requer maior atenção dos envolvidos com a modalidade para a sua melhor compreensão. A autora cita o corpo da campeã mundial de 2005 Chellsie Memmel (FIGURA 22) dos Estados Unidos que, ao subir ao pódio, exibiu um corpo maduro que contrastava com o modelo de corpo das “pequenas fadas”.



Figura 22 – Chellsie Memmel na seletiva americana de 2008. Fonte: Laham (2014).

Isso expõe uma mudança no estereótipo da modalidade. Pois, observamos um crescente número de atletas que se enquadram nesse perfil. As ginastas de grande prestígio e apreço do público e da mídia como Catalina Ponor (FIGURA 23) e Alicia Sacramone (FIGURA 24) expõe essa tendência por meio de seus corpos.



Figura 23 – A campeã olímpica e mundial Catalina Ponor da Romênia. Fonte: Thys (2014).



Figura 24 – A ginasta Alicia Sacramone compete no campeonato americano de 2012. Fonte: Vishwanat (2014).

Corpos fortes, robustos, atléticos e maduros, exibidos em ginastas após os seus 20 anos, conquistaram resultados importantes com as diretrizes atuais da GAF nesse início de Século XXI. Mas, assim como Barker-Ruchti (2009), acreditamos que uma análise pormenorizada dessa questão merece a atenção em zestudos futuros.

3.6. ARTEFATOS CULTURAIS: OS APARELHOS DE GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA

O potencial das ginastas para realizar elementos de alta complexidade foi influenciado, sobremaneira, pelo desenvolvimento dos aparelhos. Isso só foi possível com o apoio de empresários do ramo de aparelhos de GA (BENN; BENN, 2004), com destaque para os ex-ginastas alemães Richard Rheuter e Rudolf Spieth (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011).

Antes do sucesso de Olga Korbut e Nadia Comaneci, a trave de equilíbrio era confeccionada em madeira maciça com as extremidades arredondadas apoiada em dois postes de sustentação (FIGURA 25).



Figura 25 – Trave de equilíbrio confeccionada em mogno laminado. Fonte: Gym Master (1966).

Quando a ginasta alemã Erika Zuchold realizou o primeiro *flick* na trave em 1964 (FRIEDRICH, 1970), o aparelho não oferecia segurança e estabilidade para esse tipo de acrobacia. Devemos recordar que as séries de traves naquele período apenas requisitavam que as ginastas se equilibrassem sobre o aparelho enquanto realizavam uma variedade de poses e gestos atrativos e expressivos (KERR, 2003).

Hendershott (1972) cita que o desenvolvimento de elementos acrobáticos influenciaram mudanças nas normas de confecção desse aparelho. Nas palavras do autor “a trave está sendo reconstruída para maior segurança. Movimentos de voo são permitidos; o risco de realizar tais movimentos estimulou as mudanças que estão sendo feitas” (p. 34).

No ano de 1974 a FIG apresentou uma nova trave para teste, a qual entrou em vigor no ano seguinte (FIE, 1974). Nas normas de confecção desse aparelho, a FIG acrescentou a necessidade de uma camada de espuma flexível sobre o corpo da trave, o qual deveria ser revestido por um material higroscópico que fosse capaz de proporcionar estabilidade e certo deslizamento dos pés.

Ao analisarmos essas informações, percebemos que a FIG estava um passo atrás do processo de desenvolvimento dos elementos ditados pelas atletas e guiadas pelos técnicos. Pois, desde meados da década de 1960 já observávamos um aumento na complexidade dos elementos da trave, mas apenas em 1975 um aparelho mais adequado seria normatizado para as competições oficiais.

Atualmente, a trave possui 125 cm de altura, 500 cm de comprimento e 10 cm de largura. O corpo do aparelho é confeccionado em alumínio coberto por uma camada de espuma capaz de absorver parte do impacto e é revestida por couro sintético higroscópico antiderrapante (SPIETH GYMNASTICS, 2013).

Os modelos atuais possuem estruturas que absorvem o impacto e otimizam os impulsos. Essas alterações permitiram maior segurança e melhoria no desempenho das ginastas e, principalmente, diminuíram o estresse físico causado pelos movimentos que anteriormente eram executados sobre uma trave de madeira e sem amortecimento.

Assim como a trave de equilíbrio, o solo apresentou mudanças significativas que possibilitaram que as apresentações das ginastas seguissem a tendência mais acrobática preconizada a partir de meados da década de 1960.

Anteriormente, Kerr (2003) sintetiza que este aparelho, cuja a dimensão é de 12 x 12 metros, foi elaborado para enfatizar a beleza, a expressão, a coreografia, o uso do espaço e o acompanhamento musical. Até o final da década de 1970, as ginastas se apresentavam no solo com o acompanhamento de um pianista.

Oliveira e Bortoleto (2011) citam que as mudanças mais significativas desse aparelho ocorreram nas estruturas elásticas, ou seja, molas e espumas. O solo atual proporciona uma resposta rápida à aplicação de força nos movimentos de impulsão. O fato favorece as sequências de elementos e permite aterrissagens com maior segurança e controle devido à qualidade do material utilizado na sua confecção (SPIETH GYMNASTICS, 2013). Por isso, observamos uma crescente progressão da dificuldade dos elementos acrobáticos, bem como o aumento da complexidade das combinações.

Desde o primeiro duplo mortal grupado executado por Nellie Kim da equipe soviética, em 1976, na ocasião inédito em Jogos Olímpicos (NORMILE, 2014), podemos hoje admirar um duplo mortal estendido com dupla pirueta executado pela atleta canadense Victoria Moors no mundial de 2013.

Sabemos que os métodos de treinamento influenciaram, sobretudo, o desenvolvimento desses exercícios, mas esses não seriam realizados se não houvesse melhorias significativas nas estruturas que compõem o tablado do solo. Kerr (2003) ressalta que com o advento do solo com estruturas elásticas houve mudanças significativas na técnica dos elementos, o que retrata a influência direta

que as alterações ocorridas nos aparelhos exercem nos tipos de movimentos realizados pelas atletas e, conseqüentemente, no CP.

Observamos que, tanto a trave de equilíbrio, quanto o solo denotam mudanças substanciais, mas essas não são comparáveis às alterações significativas que ocorreram na prova de salto e nas barras paralelas assimétricas.

A partir de um cavalo vivo até uma réplica desse animal confeccionada em madeira (PUBLIO, 1998), a prova de salto é considerada por muitos como aquela que sofreu mais mudanças na sua trajetória histórica. Por muito tempo o cavalo, já sem as características do animal (cauda, cabeça e quatro patas), era posicionado em sentido transversal à corrida das ginastas.

O cavalo possuía 35 cm de largura, uma área de apoio estreita que potenciava o risco de lesões, principalmente, com o crescente desenvolvimento da complexidade dos saltos executados pelas atletas. A altura do aparelho foi alterada ao longo dos anos. Observamos 95 cm de altura em 1936 (ORGANISATIONSKOMITEE FÜR DIE XI OLYMPIADE BERLIN, 1937), 110 cm em 1972 (HENDERSHOTT, 1972) e, atualmente, 125 cm (FIG, 2014c).

Foi em 1970, no Campeonato Mundial realizado em Liubliana na Eslovênia, que Mitsuo Tsukahara do Japão revolucionou essa prova ao executar, pela primeira vez, um salto que consistia em $\frac{1}{4}$ de giro no primeiro voo sucedido de $\frac{1}{4}$ de giro após a repulsão no aparelho seguido de mortal de costas no segundo voo, o "Tsukahara". Makoto Sakamoto, atleta norte-americano, relata que o público ficou histórico ao assistir o salto do ginasta japonês devido a sua singularidade (SAKAMOTO, 1970).

Ludmilla Tourischeva foi a pioneira na realização desse salto no feminino em 1973, mas foi Nellie Kim que recebeu notoriedade ao executar esse salto na posição grupada com o acréscimo de uma pirueta nos Jogos Olímpicos de 1976. Porém, dentre as mulheres, foi Natalia Yurchenko que ganhou maior renome internacional nesse aparelho em 1982 ao realizar a entrada de costas para o cavalo na Copa do Mundo que foi realizada na antiga Iugoslávia (GUTMAN, 1996).

O Yurchenko se tornou o salto mais utilizado na GAF contemporânea no alto rendimento e foi uma das razões para as mudanças mais significativas observadas na morfologia de um aparelho de GA, as quais ocorreram nesse início de Século XXI.

A abordagem de costas para o aparelho, somado à pequena área de apoio do cavalo na transversal, aumentavam os riscos de lesão na realização do Yurchenko. Sey (1995) relata em seu livro o erro fatal da ginasta americana Julissa Gomez na *World Sports Fair* em Tóquio em 1988. A atleta errou o trampolim e chocou-se a toda velocidade de cabeça na lateral do corpo do cavalo. “O pescoço dela estalou. A força do salto carregou o corpo dela por cima do cavalo. Ela flutuou em direção ao colchão como um pássaro baleado” (p. 49). A atleta faleceu em 1991 devido às complicações ocasionadas pelo acidente.

Benn e Benn (2004) citam que a FIG, após acompanhar o aumento no número de acidentes nessa prova na década de 1980, constituiu uma comissão no início dos anos 1990 para estudar e desenvolver um novo aparelho. Ainda de acordo com os autores, no ano de 1996 a empresa Janssen Fritsen apresentou um protótipo que foi rejeitado por proporcionar muita impulsão após o contato das mãos no aparelho. Isso fez com que novos estudos fossem desenvolvidos até o ano de lançamento desse novo aparelho que ocorreu em 2001.

Desde então, o cavalo foi substituído pela mesa de salto que possui uma maior superfície de contato, 120 cm de comprimento por 95 cm de largura, o que torna a fase de apoio mais segura na execução dos saltos, principalmente, aqueles cuja entrada é feita de costas, como é o caso dos saltos da família do Yurchenko (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011).

Acidentes como o de Julissa Gomez motivaram a FIG a tomar essa decisão de mudar o aparelho, bem como impor a obrigatoriedade de um colar de proteção ao redor do trampolim de salto. Harringe e Caine (2013) elencam a construção e o modelo/formato do novo aparelho de salto como um fator que contribuiu para diminuir a incidência de lesões de cabeça e pescoço, bem como o uso do colar de proteção ao redor do trampolim que poderia ter salvado a vida de Julissa Gomes. Ressaltamos que os erros ocorridos nos Jogos Olímpicos de Sydney, citados anteriormente, também influenciaram essa mudança que já era avaliada pela FIG conforme observado.

Oliveira e Bortoleto (2011) citam que a mesa é confeccionada em fibra de vidro e tem espuma de polietileno, capaz de absorver e, ao mesmo tempo, impulsionar o ginasta, e tecido sintético na sua cobertura, o que permite uma maior aderência no contato das mãos. Ao compararmos o cavalo com a mesa de salto (FIGURA 26; FIGURA, 27), observamos que o novo aparelho possibilita maior

impulsão, devido ao material utilizado na sua confecção, ao seu formato, à sua flexibilidade e à capacidade de devolver o impacto (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011).



Figura 26 – Mesa de salto. Fonte: Spieth Gymnastics (2013).



Figura 27 – Cavalos. Fonte: AAI (2008).

Assim como a prova de salto, as barras paralelas assimétricas sofreram muitas alterações no decorrer da história. Esse aparelho se afastou de sua origem nas barras paralelas simétricas para se aproximar das ações motoras da barra fixa.

Nas primeiras competições, Públio (1998, p. 307) relata que as séries possuíam “muitas poses e movimentos estáticos (paradas)” e os exercícios eram realizados no aparelho masculino com uma barra mais alta que a outra. Benn e Benn (2004) pontuam que, nesse momento, as barras não eram ancoradas no solo e, por isso, não eram estáveis. Ademais, os barrotes não eram flexíveis e tampouco resistentes.

A partir da década de 1950, percebeu-se a necessidade de um aparelho específico para a prática feminina e que fosse adequado aos exercícios que estavam sendo desenvolvidos, principalmente, aqueles que envolvessem balanços. Schmid-Sorg (2007) cita que no Mundial de 1954 ocorreram 39 quebras de barrotes durante a competição. Nesse período, as barras eram confeccionadas apenas em madeira.

Motivados pelas necessidades observadas, os fabricantes de aparelhos Richard Reuther e Rudolf Spieth desenvolveram um aparelho que se aproximava de duas barras fixas dispostas em alturas diferentes e sustentadas por cabos de aço presos ao piso (SCHMID-SORG, 2007).



Figura 28 – Barras paralelas assimétricas adaptada do aparelho masculino. Fonte: adaptado de American Athletic Equipment Company (1967).

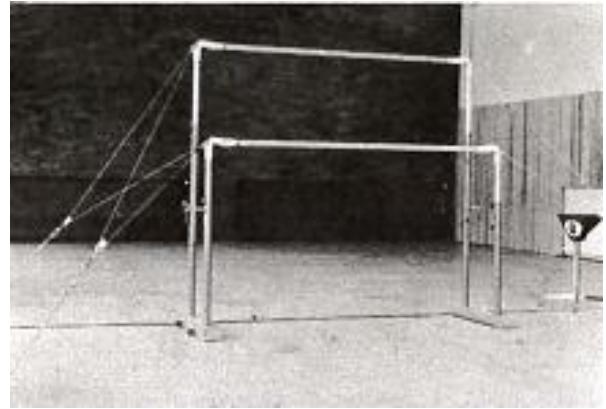


Figura 29 – Barras paralelas assimétricas desenvolvida, especificamente, para a GAF. Fonte: Spieth Anderson Ltd. (1972).

Scharenberg (2008) afirma que esse novo aparelho possibilitou que as ginastas mudassem a distância entre as barras para realizar elementos de balanço. Mas, compete ressaltar que a distância continuou curta para os corpos das ginastas, mesmo com o advento das “pequenas fadas”. Ao retratar as medidas dos aparelhos, segundo as normas da FIG em 1972, Hendershott (1972) cita que a distância entre as barras variava entre 54-78 cm. Para efeito de comparação, no contexto atual, as barras podem ser ajustadas entre 130-180 cm (FIG, 2014c).

Segundo Benn e Benn (2004), as barras paralelas assimétricas tensionadas por cabos de aço se tornaram oficiais em 1967. E, posteriormente, o autores citam o uso da fibra de vidro nos barrotes que ofereceu maior flexibilidade às barras. Além de favorecer os elementos de balanço e de voo, a maior flexibilidade dos barrotes tornou o aparelho mais seguro e diminuiu o estresse nas articulações dos membros superiores e na coluna das atletas.

A ginasta Doris Fuchs Brause dos Estados Unidos (FIGURA 30) foi pioneira na execução de séries fluídas, sem pausas, com apenas elementos de balanços, embalas e várias trocas de barras no Mundial de 1966. Nesse período, a falta de uma regulamentação fez com que os árbitros não considerassem os elementos inovadores, o que contrariou o público que recebeu com vaias as notas recebidas pela atleta (SCHMID-SORG, 2007). Kerr (2003) cita que o público assobiou, vaiou e bateu os pés por uma hora e três minutos.



Figura 30 – A ginasta norte-americana Doris Fuchs Brause. Fonte: Day (1967).

Nos anos seguintes, séries sem pausas se tornaram hegemônicas. E, na década de 1970, observamos progressões nos elementos de largada e retomada, transições entre as barras e nos elementos de saída. Nadia Comaneci foi a primeira ginasta a executar um elemento de largada e retomada com mortal sem o apoio dos pés, o “Comaneci”. Elemento que possui grau de dificuldade “E” no CP vigente. Isso demonstra o grau de dificuldade desse elemento que, após três décadas, continua a manter um excelente valor de dificuldade⁷.

As batidas (*beats*), elementos nos quais a ginasta segurava uma das barras e executava batidas com o corpo no outro barrote, e os movimentos de envolver a barra com o quadril (*wraps*) enquanto segurava o outro barrote (BRASIL, s/d), eram realizados com frequência na década de 70 e início dos anos 80.

Conforme a distância entre as barras aumentava e os corpos das ginastas diminuía e se tornavam andrógenos (KERR, 2006; SCHARENBERG, 2008), os *wraps* e *beats* caíram em desuso. Esses elementos não figurariam mais nas séries obrigatórias no ciclo 1985-1988, o que demonstra que a FIG aceitava o desenvolvimento desse aparelho no curso dos elementos de impulso e balanço. Outro aspecto relevante foi a diminuição da circunferência da barra que permitiu uma empunhadura mais firme e segura em vista de mãos cada vez menores (BENN; BENN, 2004)

⁷ A escala de dificuldade dos elementos vai de A até I.

Com a maior distância entre as barras e a diminuição na circunferência dos barrotes, essa prova adquiriu maior dinamismo e, muitos elementos que eram executados na barra fixa, foram assimilados pelas atletas.

No mundial de 1994, a ginasta Mo Huilan da China surpreendeu o mundo ao executar o *Gaylord Flip* que no feminino foi renomeado “Mo Salto” (FIGURA 31). Trata-se de um elemento de largada e retomada, realizado pela primeira vez pelo ginasta americano Mitch Gaylord, que consiste na realização de um mortal de frente sobre a barra. Isso demonstra que as mudanças no aparelho, bem como a migração de técnicos da GAM para o feminino, possibilitaram a transferências de elementos e métodos de treinamento para a GAF (KERR, 2003).



Figura 31 – Mo Huilan nas barras paralelas assimétricas realizando o “Mo Salto”. Fonte: Nogi (2014).

A tendência atual desse aparelho está na ligação constante de elementos de dificuldade, principalmente, elementos de voo, conforme observamos nas séries realizadas por He Kexin da China e Beth Tweddle do Reino Unido nos Jogos Olímpicos de 2012.

Ao analisarmos todas essas mudanças ocorridas nos aparelhos da GAF, verificamos que muitas foram motivadas pelo crescente desenvolvimento da complexidade da modalidade. As principais empresas de aparelhos de ginástica buscaram adequar os aparelhos a essa tendência acrobática e a necessidade de

aparelhos que fornecessem maior segurança para o treinamento e a competição (BENN; BENN, 2004; OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011).

Esses aspectos ficam evidentes na política de trabalho da companhia Spieth Anderson a qual cita que desde a década de 1970 a empresa prima em melhorar os parâmetros dos equipamentos de ginástica a fim de proporcionar mais segurança para que os ginastas ultrapassem os limites do desempenho esportivo (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011). Em complementação, a empresa GymNova relata que tem buscado desenvolver produtos que protejam a saúde e a integridade física dos ginastas. E, que a companhia procura acompanhar e antecipar as tendências da modalidade com o intuito de auxiliar o processo de aprendizagem, o desempenho competitivo e diminuir os riscos de lesões entre os atletas (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011).

Harringe e Caine (2013) alertam para as mudanças ocorridas nos colchões ao longo do tempo motivadas pelo desenvolvimento da modalidade. Os autores afirmam que nos últimos 10 anos observou-se o uso de materiais que reduzem a força de reação do solo e que isso pode ter contribuído para diminuir e prevenir a incidência de lesões. Mas, segundo Harringe e Caine (2013) são aspectos que necessitam de estudos.

O uso de equipamentos e estruturas como o fosso, *tumble track*, *bungee straps* e cintos de segurança também foram aprimorados nos últimos anos e, conseqüentemente, melhoraram a segurança dos ginastas. Ademais, muitos desses equipamentos contribuem com a diminuição do estresse ocasionado pelas repetições, aumento da dificuldade técnica e a alta carga de treinamento (SUCHILIN; ARKAEV, 2004).

O aprimoramento dos aparelhos foi motivado pela emergência da tendência mais acrobática que, na GAF, foi iniciada em meados dos anos 1960. Também observamos que as mulheres necessitavam de aparelhos específicos para a sua prática adequada, como foi o caso das barras paralelas assimétricas. De fato, havia a necessidade de aparelhos que apoiassem o desenvolvimento da GAF de forma adequada e segura.

Contudo, se em um primeiro momento os aparelhos serviram para subsidiar o treinamento das “pequenas fadas”, ginastas mais jovens com carreira esportiva efêmera, nos dias de hoje a prestação é, também, para propiciar maior longevidade às jovens mulheres na GA, pois permitem menor desgaste físico e um índice menor

de lesões. Aspectos esses que, somados aos avanços das Ciências do Esporte e às mudanças nas regras da modalidade, podem ter contribuído com o aumento observado, nos últimos anos, com a média de idade das ginastas que competem no alto rendimento (FIG, 2013a).

3.7. CONSIDERAÇÕES

Na opinião de Kerr (2006) foram vários os fatores que contribuíram para a reinvenção da GAF a partir do final dos anos 1960. Apesar de todas as mudanças observadas no decorrer da história da modalidade, a sua essência continuou relacionada à dificuldade dos elementos, à composição das séries e à qualidade de execução (ARKAEV; SUCHILIN, 2004).

Sinalizamos a década de 1960 como um período histórico determinante para a configuração da GAF observada no momento atual, mas não podemos deixar de mencionar o papel significativo atribuído ao primeiro CP em 1954.

No decorrer do estudo, observamos que a GAF deixou a feminilidade e a proeminência do *ballet*, característicos de ginastas como Larissa Latynina e Vera Caslavskã, em prol do estilo mais acrobático e audacioso representado, inicialmente, na figura de Olga Korbut. Posteriormente, esse estilo foi marcado com a perfeição técnica de Nadia Comaneci, em 1976, aos 14 anos de idade.

Quando na década de 1970 observou-se que as ginastas que apresentavam elementos de maior grau de dificuldade e originalidade adquiriam notas superiores e o apreço do público, houve uma busca pelo aumento na complexidade dos elementos. Fato que recebeu o apoio das normas da modalidade nos anos seguintes.

Como consequência direta, houve a migração de técnicos da GAM mais acrobática para atuar com o feminino, o que influenciou sobremaneira os rumos do desenvolvimento da GAF e na forma de preparação das ginastas.

Verificamos que a faceta atlética se desenvolveu de forma pronunciada quando comparamos ao conteúdo artístico das séries, principalmente, a partir de meados da década de 60. Houve críticas a essa perda do apreço estético e artístico

das séries em prol da espetacularização acrobática que atraia, e continua a atrair, a atenção do público e da mídia.

Ao nos debruçarmos sobre o regulamento da modalidade no decorrer dos anos, observamos que o componente artístico perdeu sua primazia ressaltada nos primórdios da modalidade (FIG, 1977; BRASIL, s/d; KERR, 2003). Oliveira e Bortoleto (2009) citam que as regras influenciam, sobremaneira, a conduta dos técnicos. E, que a falta de atenção e de valorização do componente artístico enfatizado na carta magna da modalidade, fizeram com que os técnicos marginalizassem os aspectos artísticos das rotinas. Roble, Nunomura e Oliveira (2013) explicam que as ginastas são penalizadas caso apresentem falhas no componente artístico das séries. Por outro lado, não recebem acréscimos na nota por transformarem seus movimentos em arte, poesia e beleza.

Os aspectos relacionados à graça, à beleza, à plasticidade, à elegância, à leveza, ao ritmo e à harmonia passaram a ser menos valorizados com o processo de “acrobatização” que se observou com o advento das “pequenas fadas”.

A GAF, ora caracterizada pela habilidade de dançar e pelos movimentos oriundos da Ginástica Moderna e do *ballet*, passou a ser dominada por giros e piruetas no ar e realizados nos diferentes eixos de rotação em aparelhos mais adequados à prática e ao desenvolvimento acrobático desse esporte.

Corpos pequenos, esguios e andrógenos se mostraram mais propícios aos novos rumos da modalidade no alto rendimento que, até então, era representada por mulheres maduras. Baker-Ruchti (2011) expõe que essa androgenidade permitiu às ginastas a desculpa para buscar qualidades antes restritas ao gênero masculino (FIGURA 32).



Figura 32 – A espanhola Laura Campos compete no Campeonato Mundial de 2007. Fonte: Gatón (2014).

A modalidade tornou-se um esporte de meninas pré-púberes mais flexíveis, fortes, explosivas e ágeis que passaram a ocupar o pódio competitivo e a ditar o processo de desenvolvimento desse esporte.

Verificamos que as regras e os aparelhos foram ajustados para apoiar essas novas tendências da modalidade. A trave de equilíbrio mais estável e com superfície de contato mais acolchoada e antiderrapante; a diminuição do diâmetro dos barrotes e o distanciamento das barras paralelas assimétricas; a estrutura mais elástica do solo; e as mudanças significativas na superfície e na dimensão de contato do aparelho utilizado na prova de salto exemplificam essa questão.

Por meio do CP e do formato competitivo a FIG também busca tornar a modalidade mais atraente para o público e para as transmissões televisivas. O fim dos exercícios obrigatórios, o formato 6-3-3 nas finais por equipe e a diminuição de finalistas do individual são exemplos de como a entidade gestora desse esporte prima por adequar a modalidade.

Essas mudanças permitiram o acesso de novos países às finais e favoreceram a popularização da modalidade no mundo. Ressaltamos o maior número de etapas da Copa do Mundo que favorecem a participação de ginastas especialistas e uma maior rotatividade de países medalhistas. Além disso, contribuiu para a maior longevidade das atletas que optaram por ser especialistas.

O CP aberto que entrou em vigor em 2006 e eliminou a nota máxima de 10 pontos, causa preocupações entre todos os envolvidos com a modalidade. A busca pela maior dificuldade possível, em detrimento do fator artístico tornou-se uma bomba relógio (GRANDI, 2011). A última reformulação do CP trouxe regras mais específicas para a avaliação do componente artístico das séries. Isso sinaliza que a FIG possui o interesse em mudar preceitos originados como o novo modelo de avaliação.

Desde meados da década de 1990, as jovens mulheres voltaram a protagonizar no cenário da modalidade. Mas, a GAF continua nos holofotes da mídia internacional em notícias que envolvem escândalos de falsificação de idade das atletas e a presença hegemônica de “meninas” no lugar de “mulheres” em eventos como os Jogos Olímpicos e os Campeonatos Mundiais.

Acreditamos que a modalidade poderia ser um esporte predominantemente de mulheres, pois observamos ginastas como Svetlana Boginskaya, Svetlana Khorkina e Oksana Chusovitina que ganharam notoriedade na modalidade pela sua maestria técnica e virtuosismo em diferentes ciclos olímpicos. No cenário brasileiro, poderíamos elencar as ginastas Daniele Hypólito (FIGURA 33; FIGURA 34; FIGURA 35; FIGURA 36) e Daiane dos Santos.



Figuras 33, 34, 35 e 36 – Daniele Hypólito nos Jogos Olímpicos de 2000, 2004, 2008 e 2012. Fonte: Ballat (2014), Ikeda (2014), Gonzalez (2014), Martinez (2014).

Concordamos com Kerr (2003) que afirma que as ginastas com maior idade no contexto atual demonstram maturidade que não era vista desde os anos de 1960

e, a longevidade dessas atletas, pode ser comparada às das ginastas anteriores à aparição das “pequenas fadas”.

4. LINGUAGEM NA GINÁSTICA ARTÍSTICA: APONTAMENTOS SOBRE O “GINASTIQUÊS”

Conforme observamos no decorrer do capítulo anterior, há vários termos específicos da GA. Korbut Salto, Mhukina, Comaneci Salto, *Flick*, entre outros foram citados no decorrer do texto e constituem o vocabulário próprio da modalidade.

Foi no ano de 2003, no Campeonato Mundial de Anaheim, nos Estados Unidos, que um salto com rotação de 180 graus no eixo longitudinal seguido de dois mortais para frente, na posição carpada, foi apresentado pela primeira vez numa competição oficial de GAF pela atleta Daiane dos Santos (FIGURA 37) em seu exercício de solo. Esse “novo” elemento acrobático⁸ contribuiu para a inédita conquista da medalha de ouro em campeonatos mundiais por uma ginasta brasileira e, posteriormente, foi incluído no CP da modalidade.



Figura 37 – Daiane dos Santos na prova de solo dos Jogos Olímpicos de 2012. Fonte: Filho (2014).

O ineditismo do título mundial contribuiu para que a sociedade brasileira conhecesse o “Dos Santos I”, nome pelo qual esse elemento gímico é conhecido na GA. Com a sua difusão, a expressão “duplo twist carpado” avançou os muros do meio da ginástica e hoje é empregada pela população em contextos distintos, de

⁸O movimento já era realizado por atletas da GAM.

propagandas televisivas às notícias políticas, como podemos observar nos seguintes exemplos:

“O modo contínuo [da câmara] também é ótimo para capturar uma sequência completa. Vá em frente e registre o “duplo twist carpado” do seu amigo do começo ao fim. Depois conte a história com as suas fotos” (APPLE, 2013).

“O bom é que em segundos ela [Luana Piovanni] deu um duplo twist carpado e mudou de assunto” (CORDIOLI, 2013).

“(…) mas afirmar que a empresa não deve se movimentar para receber as novas gerações é um duplo twist carpado para o passado” (GALISTEU, 2013).

“Se isso acontecer, [Miguel] Arraes dará um duplo twist carpado no caixão” (PALAZZO-MARTINI, 2013).

Fica evidente que a referida expressão tornou-se uma metáfora para “algo extremamente difícil” ou “inédito” sendo utilizada em diferentes situações, o que corrobora a opinião de Saporta (1990) quando o autor cita que a linguagem permite a interação entre o esporte e outros contextos, como: o político e o social. Aliás, o autor mostra como esses fenômenos se influenciam e se refletem.

Certamente, a extrapolação da linguagem esportiva para outros contextos é influenciada, em grande medida, pelos meios de comunicação. Autores como Lipoński (2009) afirmam que os jornais e revistas esportivas são cada vez mais populares e que o esporte ocupa uma grande porcentagem de tempo na TV e no rádio. E, conseqüentemente, exerce uma grande influência sobre os ouvintes e telespectadores. O acesso à internet contribuiu, pronunciadamente, para a difusão de informações acerca do fenômeno esportivo e, também, da GA (BORTOLETO; FERREIRA; RODRIGUES, 2011). Segundo Oliveira (2010), nomes como Jade Barbosa, Daiane dos Santos e os irmãos Hypólito (Daniele e Diego) são conhecidos nacionalmente e frequentam os diferentes meios de comunicação com certa regularidade. Devemos acrescentar a essa lista, o ginasta Arthur Zanetti, campeão olímpico e mundial na prova de argolas em 2012 e 2013, respectivamente.

Devido a essa maior exposição midiática e, conseqüente, popularização da modalidade, um número maior de brasileiros são capazes de reconhecer o que é uma “parada de mãos” ou o mencionado “duplo twist carpado”, algo inviável há

pouco tempo (LOPES, 2009). Dessa forma, parece-nos que a linguagem específica da GA começa a extrapolar o contexto esportivo alcançando outros espaços sociais.

De fato, a linguagem é uma parte inerente da vida social e, de acordo com Delaney e Madigan (2009), representa um dos símbolos de maior importância para a sociedade moderna. Kowalikowa (2009) afirma que a linguagem permite estabelecer comunicações interpessoais por meio de processos cognitivos, os quais possibilitam a expressão de nossos sentimentos, emoções e sensações. O autor ressalta que “não há atividade humana que dispense o uso da linguagem” (p. 63) que pode ser escrita ou oral e pode assumir formas não verbais, como: código Morse, libras e sistemas convencionais de sinais. Assim, a GA também desenvolveu seus próprios códigos, visando dar maior eficiência à comunicação entre seus especialistas.

Sapir (1949) atenta ao fato de que a linguagem se tornou um aspecto fundamental para o estudo da cultura, pois é capaz de revelar aspectos fundamentais de um determinado grupo e, segundo Ullmann (1991, p. 122), “deve ser tida como algo constitutivo do ser humano, algo imanente. A linguagem surgiu com o homem e o homem surgiu com a linguagem”.

Apesar desse caráter inerente e característico do ser humano supracitado, a linguagem não consiste em um mecanismo instintivo e biológico. Marconi e Presotto (2010) relatam o processo necessário de aprendizado para se incorporar a língua e, conseqüentemente, a cultura da qual o indivíduo faz parte.

Como já dissemos, assim como a maioria dos esportes, a GA possui o seu vocabulário próprio, o qual denominamos de “ginastiquês”, que pode soar como uma língua estrangeira para aqueles que não estão habituados a ouvi-la (GUTMAN, 1996). Esse léxico particular abarca aspectos que são importantes para o contexto da modalidade e possibilita nomear, descrever eventos, expressar sentimentos, valores e normas que lhe são específicas. Acreditamos que, ao ouvir pela primeira vez a expressão “duplo twist carpado”, os indivíduos que não pertenciam ao contexto da modalidade tiveram a percepção de ouvir outro idioma, isto é, de não compreender o significado desses códigos.

Delaney e Madigan (2009) explicam que grupos pertencentes às microculturas modificam a sua linguagem para que ela se adeque às suas necessidades. Ainda conforme os autores, “isso é especialmente verdade no mundo esportivo, pois todos os esportes utilizam a linguagem em uma maneira simbólica relevante para o seu domínio” (p. 61). E, estas mudanças emergem de elementos,

termos e expressões que foram desenvolvidas e estabelecidas pelos praticantes, técnicos, fãs e membros da mídia.

De fato, como destaca Lipoński (2009), o esporte suscita inúmeros jargões, os quais podem estar vinculados ao *coaching*, às terminologias de metodologia de treinamento, à linguagem das ciências do esporte, à medicina esportiva e às gírias de atletas e fãs. Kowalikowa (1997) acrescenta que a linguagem no esporte deve a sua peculiaridade, também, aos fatores como os produtos esportivos, os acessórios e os tipos de relações entre os participantes.

Esses aspectos tornam a linguagem esportiva um componente distinto de outras formas de linguagem, pois, de acordo com Kowalikowa (2009, p. 63), “cada atividade humana afeta sua expressão linguística em termos de vocabulário, fonologia, sintaxe e fraseologia” as quais emergem, segundo Sedlaczek (2009, p. 121), “principalmente no nível lexical: nomes de disciplinas, atividades, locais de equipamentos, etc”.

A partir dos pressupostos apresentados anteriormente, e em continuidade aos estudos sobre os aspectos distintos da microcultura da GAF, este capítulo abará o léxico próprio da modalidade. O fato permitirá ampliar nosso conhecimento sobre esse fenômeno esportivo, bem como facilitar a comunicação entre todos os envolvidos com esse esporte.

4.1. LINGUAGEM ORAL

O esporte, como fenômeno sociocultural, combina processos de comunicação que são realizados por meio da linguagem (SEDLACZEK, 2009). Desde tempos remotos podemos observar a existência de uma variante da linguagem no contexto esportivo. Segundo Lipoński (2009), os nomes dos esportes antigos, bem como as suas descrições e reflexões, foram preservados em textos de diferentes períodos históricos, como da era Clássica.

No decorrer dos anos, o estudo da linguagem colaborou com a compreensão do esporte e do comportamento esportivo, principalmente, porque facilita o entendimento entre seus interlocutores, bem como dos observadores externos (BLANCHARD, 1995).

Kowalikowa (2009) cita que no cotidiano esportivo há uma gama de interações que são influenciadas pelos papéis que os interlocutores desempenham (atletas, técnicos, árbitros, espectadores, equipe médica, gestores, entre outros). Segundo o autor, os interlocutores desenvolvem um discurso que, frequentemente, revela padrões específicos, o qual pode gerar um léxico próprio, que na GA, seria o “ginastiquês”.

Ao analisarmos o cotidiano de um ginásio de alto rendimento de GAF, observamos que alguns desses padrões específicos citados por Kowalikowa (2009) emergem da nomenclatura dos aparelhos e equipamentos utilizados durante os treinos. No entanto, outros são termos sintéticos empregados para substituir as descrições complexas de elementos ginásticos previsto no CP da modalidade.

Sabemos que solo, trave de equilíbrio, mesa de salto e barras paralelas assimétricas são as denominações atribuídas aos aparelhos próprios da GAF. Contudo, poderíamos acrescentar a esta lista, alguns equipamentos auxiliares que são utilizados nas atividades cotidianas do ginásio (NUNOMURA et al, 2009), entre eles: caninho, taquinhos (barrinhas), barra de solo, carrinho, plinto, *tumble track*, entre outros. Esses exemplos evidenciam a nomenclatura explicitada por Kowalikowa (2009) e que estabelece um padrão específico da modalidade.

De um modo geral, a nomenclatura dos aparelhos pode ser considerada mais próxima do público quando está associada à linguagem esportiva, ou seja, ultrapassa o meio gímnico. Autores como Berg e Ohlander (2012) elucidam que as delimitações entre a linguagem, a linguagem esportiva e a linguagem específica de um determinado esporte são porosas. Eles citam Tingbjörn (2003) que ressalta outros níveis de divisão na linguagem esportiva, pois podemos identificar uma linguagem comum entre os esportes de quadra ou esportes coletivos. E, também, poderíamos acrescentar uma linguagem comum às Ginásticas. A seguir, nas figuras 38 e 39, podemos observar essas questões.

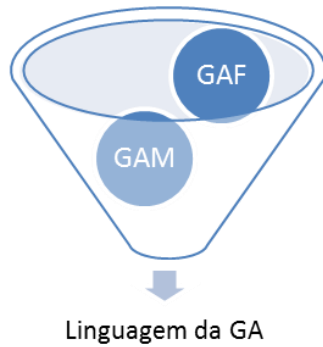


Figura 38 – Linguagem da GA.

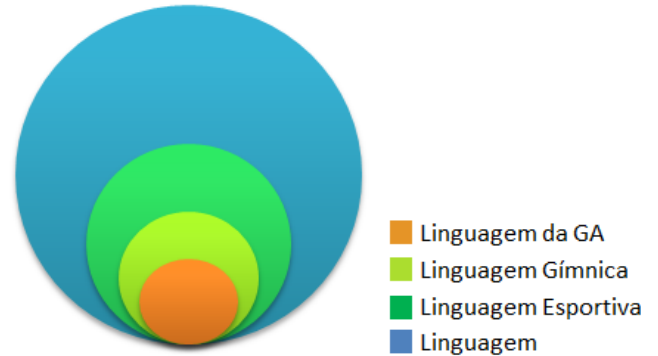


Figura 39 – A linguagem da GA como integrante da linguagem.

Em algumas situações observadas durante a pesquisa de campo, constatamos que o uso de palavras que pertencem ao léxico da língua portuguesa também exerce uma função semântica peculiar que pode dificultar o entendimento de indivíduos que não fazem parte do contexto da modalidade, como constatamos nos exemplos a seguir:

Se você não marcar a parada não irá valer!

(Você) está fazendo a chamada de lado.

Pode ir pro caninho.

Vai pra cravar o salto.

Abraça o cavalo.

Pensa na posição da canoinha (...).

Salta mais depois que levanta da vela. Quero ver você fazendo força nessa perna!

Nos trechos anteriores, extraídos do DC, esclarecemos que na primeira sentença “marcar a parada” significa executar o elemento “parada de mãos” (apoio invertido) mantendo-o estático por, no mínimo, dois segundos. Caso essa exigência não seja cumprida, o árbitro não considerará o valor do elemento para a composição da nota de dificuldade. Por essa razão, a técnica menciona que “não irá valer”.

Na segunda, a palavra “chamada” representa uma ação motora que consiste em um sobrepasso que é executado pelo ginasta antes de um elemento pré-acrobático. Na sequência, “caninho” é um recurso utilizado para o treinamento de elementos das barras paralelas assimétricas e consiste em um cano de PVC e faixas

que envolvem a barra e os punhos da ginasta (FIGURA 40). Esse mecanismo permite que a ginasta se prenda à barra e treine os elementos com maior segurança e menor desgaste das mãos.



Figura 40 – Detalhe das faixas e do caninho. Fonte: Gibson (2014).

O uso da palavra “cravar” na GA é constante e significa realizar uma aterrissagem com controle e sem que haja passos ou desequilíbrios. Em outras palavras, significa aterrissar com os pés “cravados” no solo/colchão. Na sequência, o termo “cavalo” alude ao aparelho utilizado na GA e que possui esse nome devido à sua origem no Império Romano quando era utilizado para o adestramento dos soldados de cavalaria. Naquele período o cavalo possuía a morfologia do animal que, com o tempo, foram excluídas no processo de desenvolvimento das ações motoras características desse aparelho (OLIVEIRA; BORTOLETO, 2011). E, por fim, canoinha e vela são posições corporais básicas da modalidade, comuns em exercícios de preparação física.

Poderíamos acrescentar outras expressões que se repetem no decorrer do treinamento, como: faz ponta do pé; aperta o bumbum; perna unida; chuta o calcanhar; lança forte; fica dura; está jogando a cabeça; mais alto; mais rápido; espera para soltar; deixa o pé mais tempo na barra; olha para mão; abre mais a perna; desce o ombro; entre outras. Percebemos uma grande semelhança entre essas expressões e aquelas explicitadas por Bortoleto (2004) no seu estudo que abordou a GAM: *“apierta el culo, estira las puntas de los pies, levanta la cabeza,*

empuja de manos, saca la barriga, más vuelo, mantenga bloqueado el cuerpo” (p. 270).

Certamente, como adverte Kowalikowa (2009), a variedade terminológica e a especificidade semântica estão presentes no discurso esportivo como um todo. O autor ainda acrescenta exemplos de outras modalidades como o futebol, o baseball e o levantamento de peso.

Embora grande parte do vocabulário dos atletas e técnicos, protagonistas do nosso estudo, esteja no léxico da língua portuguesa, muitas palavras-chave são específicas do universo da GA. Ao analisarmos a comunicação dos ginastas e técnicos do estudo, percebemos que os interlocutores recorrem, frequentemente, a essa linguagem específica e, para aqueles que não pertencem ao contexto da modalidade, a compreensão fica comprometida, pois assemelha-se a uma língua estrangeira, conforme verificamos nos relatos extraídos do diário de campo:

Você não está fazendo a curveta na hora de sair para o duplo twist.

O Jäger foi melhor.

Vai pra fazer o Tkachev.

Pode aquecer o salto. Sem perder tempo no Yurchenko.

Boa oitava a parada! Cuidado para não passar muito!

Se você fizer o Tsukahara assim vai valer como carpado.

Alonga o flick!

Tá fazendo o flick jogando a cabeça!

Abre mais a perna na Cortada! Pede a técnica Luiza.

Você fez o Stalder? Questiona o técnico Diego.

A distinção da linguagem da GA das demais ocorre, principalmente, no nível do léxico, pois a modalidade possui um amplo vocabulário próprio. Fato que colabora com a distinção e a identidade cultural desse esporte (LIPONSKI, 2009).

Biderman (2001) afirma que o léxico está relacionado ao processo de nomeação e de compreensão/percepção da realidade, além de constituir-se em uma forma de registro. No caso dos relatos citados anteriormente, observamos que esses são constituídos de palavras e expressões compreensíveis àqueles que estão inseridos no contexto da modalidade e que favorecem/facilitam o processo de

comunicação. Muitos desses termos foram inspirados na linguagem própria do CP, contudo, outros foram cunhados e consolidados no interior dos ginásios.

Outro exemplo, ora elencado, expõe uma particularidade da GA brasileira. No Brasil empregamos a palavra “*Twist*” de uma forma distinta do seu uso nos países de língua inglesa. Pois, ao invés de representar uma rotação no eixo transversal com giro longitudinal, “*Twist*” no Brasil consiste em um salto com 180° no eixo longitudinal seguido de rotação para frente no eixo transversal. O “*Twist*” brasileiro representa o elemento *Arabian* na língua inglesa.

Essa situação, também, expõe a questão do “internacionalismo” que, segundo Kowalikowa (2009), está presente na linguagem esportiva. O autor relata a grande influência do idioma inglês em diferentes esportes. Uma das palavras mais utilizadas no contexto do ginásio é inglesa: *flick-flack*. Além do *flick*, nome abreviado e mais utilizado pelos protagonistas do estudo, observamos o uso da palavra *layout (stepout)* que significa um mortal para trás estendido com aterrissagem alternada dos pés. Ademais, constatamos a influência do idioma francês na GAF, principalmente, nos saltos ginásticos e elementos de dança que são oriundos do ballet:

A técnica Luiza observa e pede que a ginasta corrija a sequência de gato e *sissone* na trave.

No solo, as infantis treinam *chassé* seguido de *jeté*.

Por outro lado, a origem alemã da modalidade (PÚBLIO, 2001; 2005), também, emerge no vocabulário da modalidade. A palavra *Kippe*, recorrente no treino de barras assimétricas, foi utilizada constantemente pelos sujeitos do estudo (FIGURA 41).

Você está dobrando os braços no “kip”!

Quantos “kips” você fez? Questiona a técnica.

Não adianta fazer a passagem e não continuar. Faz o “Kip” e lança à parada. Ressalta o técnico.

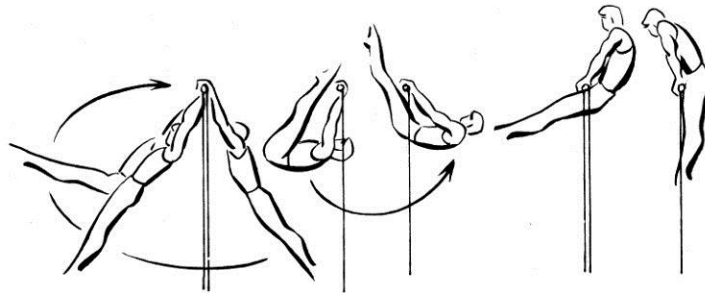


Figura 41 – Elemento kip. Fonte: Tonry (1973)

Apesar da importância do idioma alemão na GAF, observamos que as palavras nessa língua são utilizadas com maior frequência na categoria masculina, como: *stütz*, *stützkehre* e *über*, muito provavelmente, devido aos desdobramentos históricos da GAM e da origem desses elementos ginásticos.

Desta forma, percebemos que o “ginastiquês” conserva suas relações com a origem da modalidade e que a comunicação, entre os atores desse esporte, consiste em um processo cultural, pois sofreu a influência dos períodos e processos históricos da GA, desde os primórdios até o momento atual.

Assim como Kowalikowa (2008) relata em seu estudo sobre a linguagem esportiva, percebemos no discurso utilizado na GAF frases com construções sintáticas específicas que utilizam verbos no imperativo que, segundo o autor, substituem frases mais elaboradas.

Fica!!!! Gritam em coro as demais ginastas que observam a execução da série na trave no momento em que a ginasta executa o elemento de voo.

Firme!!! Perna firme!!! Bate forte!!! O técnico Diego canta a série enquanto a ginasta Irina realiza a apresentação no solo.

Pega!!! Grita a colega de treino quando a ginasta retoma a barra após a largada.

Empurra!!! Incentivam as meninas que observam o salto.

Vamô!!!! Gritam os ginastas, tanto do masculino quanto do feminino, durante a realização do suicídio realizado por Laura (dinâmica de treino de resistência no qual o ginasta executa as passagens acrobáticas do solo intermediadas por uma corrida).

Na parada!!! Na parada!!! Firme!!! Firme!!!! Fica dura!!! Canta o técnico ao observar a série da ginasta.

Forte!!!! Melhor!!!! Incentiva o técnico Diego.

Abre!!! Abre!!! Abre!!! Fala o técnico enquanto observa a execução do elemento no *tumbling track*.

Valeu!!! Incentiva o técnico ao observar a sequência de elementos da passagem acrobática.

Antes de a música iniciar, as (ginastas) pequenas gritam: força!

Boa!!!! Diego (técnico) grita ao ver a execução do elemento na barra.

Essa última expressão, utilizada pelo técnico Diego, também foi citada no estudo de Bortoleto (2004) no qual o autor expõe que “*cuando un gimnasta ejecuta de manera “brillante” un elemento o un ejercicio, tanto los entrenadores como sus compañeros suelen utilizar la expresión boáh*”. Esse tipo de expressão, bem como outras construções imperativas supracitadas, são comuns no ambiente de competição e são utilizadas por técnicos, atletas e em alguns casos pela torcida, especialmente, quando é formada por pessoas que acompanham a modalidade e conhecem suas especificidades.

Ao longo das observações e dos diálogos estabelecidos com os protagonistas do estudo, constatamos que o léxico específico da GAF aumenta a cada ano com a criação de novos elementos. Segundo Nunomura (2008), os ginastas podem nomear novos elementos caso sejam os primeiros a apresentá-los em uma competição oficial e desde que a execução seja próxima da perfeição. No campeonato mundial de 2013, realizado na Bélgica, 13 elementos foram submetidos à avaliação da FIG para a sua inclusão no CP na categoria feminina (FIG, 2013d).

Esse aspecto é um grande diferencial da modalidade. E, permite a contínua expansão do “ginastiquês”. Desde 2002 o Brasil possui um elemento nomeado por uma ginasta brasileira no CP. Embora muitos atribuam o ineditismo à ginasta Daiane dos Santos, foi a atleta Heine Araújo quem conseguiu, pela primeira vez na história da ginástica brasileira, colocar o seu nome na carta magna da modalidade com a saída em dupla pirueta para frente na trave de equilíbrio apresentada no Campeonato Mundial de 2001 em Ghent na Bélgica (FIGURA 42; FIGURA 43).

6.402
Salto fwd stretched with 2/1 twist
(720°)

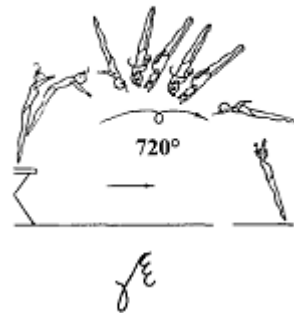


Figura 42 – Elemento “Araújo” no CP. Fonte: Adaptado FIG (2014d).

Group 6

Araujo Heine	(BRA)	Salto FWD stretched with 2/1 twist (720°) – take-off only from both legs
Patterson Karly	(USA)	Arabian double salto fwd. tucked
Bohmerova Lubica	(SVK)	Gainer salto tucked or stretched with 1/1 – 1 ½ twist (360°- 540°) to side of beam
Kim Nellie	(USSR)	Gainer salto tucked 1/1 twist (360°) at end of beam OG'76
Kim Nellie	(USSR)	Free (aerial) cartwheel into salto bwd tucked OG'80
Khorkina Svetlana	(RUS)	Gainer salto BWD stretched with 2 1/2 twist (900°) to side or at the end of beam
Domingues Gabriela	(ESA)	Salto bwd tucked with 1 1/2 (540°) 2010 YOG
Steingurber, Giulia	(SUI)	Dismount: Gainer Salto Backward Stretched with 1/1 twist (360°) at the end of beam. 2011 WCH

Figura 43 – Elemento “Araújo” explicitado no CP. Fonte: Adaptado FIG (2014d).

Como determina a tradição da modalidade, os elementos mais populares da GA, e que são conhecidos pelo público em geral, foram batizados com os sobrenomes de seus criadores, como: Josef Stalder, Natalia Yurchenko, Mitsuo Tsukahara, Natalia Shaposhnikova, Nadia Comaneci, Yelena Shushunova, Bernd Jäger, Eberhard Gienger, Alexander Tkatchev, entre outros. Além das ginastas brasileiras Daiane dos Santos e Heine Araújo, os ginastas Sérgio Sasaki, Diego Hypólito e Arthur Zanetti possuem elementos batizados por eles no CP, todos após esse início de Século XXI, o que revela a recente incorporação do Brasil na elite desse esporte.

4.2. LINGUAGEM ESCRITA: SIMBOLOGIA EM GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA

Durante milênios e milênios, o homem valeu-se tão-somente da linguagem oral. Tomando como padrão a idade de três milhões de anos, hoje conferida ao homem, em virtude da análise dos fósseis, e considerando que a escrita como tal surgiu pelo ano seis mil antes de Cristo, logramos dizer que ela apareceu, nos últimos segundos, em comparação com toda a existência da humanidade (ULLMAN, 1991, p. 127).

Segundo Pierce (1999), além da linguagem verbal e do modo de codificação alfabética ocidental de origem grega, há outras formas de codificação escrita, diferente da linguagem alfabeticamente articulada, tais como: hieróglifos, pictogramas, ideogramas e formas limítrofes do desenho.

No ano de 1979, o CTF publicou, pela primeira vez, a simbologia dos elementos da GAF (FIG, 2013c). Segundo Oliveira e Bortoleto (2009), trata-se de um sistema de linguagem codificado por símbolos que representam os elementos executados pelos ginastas, e que visam facilitar o registro dos exercícios/séries realizados pelos atletas.

Após anos de desenvolvimento e uso, a FIG incluiu, pela primeira vez, a simbologia na edição do CP de 1993 (FIG, 2013c). Isso consolidou o seu uso no processo de arbitragem da modalidade. Nesta ocasião houve a inserção dos símbolos de cada elemento e de suas respectivas variações.

A simbologia da GA permite uma forma de leitura semelhante à empregada nos idiomas chinês e japonês. Pois, o significado de uma ação motora ou elemento gímnico está inserido em um único símbolo, o que possibilita maior agilidade na observação, registro e posterior leitura.

Diferentemente do idioma português, no qual necessitamos efetuar a leitura de uma palavra ou conjunto de palavras, as quais são compostas por várias letras que só possuem sentido em conjunto, o kanji, ideogramas utilizados na escrita japonesa, permite uma associação direta entre um símbolo gráfico e o seu significado (WALTER, 2011).

Santaella (2002, p. 25) pontua que “o símbolo está associado ao objeto que representa através de um hábito associativo que se processa na mente do intérprete e que leva o símbolo a significar o que ele significa”. Essa reflexão sintetiza que o

símbolo está conectado a seu objeto em virtude de uma ideia. Em complementação, Bonfim (2006) expõe que o símbolo funciona como um condensador e evocador de uma ideia e oferece um valor definitivo e limitado que serve à comunicação das consciências. Por isso, o símbolo se distingue do índice e de um ícone, pois independe de uma relação factual ou de qualquer semelhança com o seu objeto. Mas, esse está sujeito à internalização na mente de quem o interpreta, sem o qual não terá significado. O que nos remete ao processo de endoculturação (LARAIA, 2011). No caso da GAF, os símbolos operam no sentido de trazer à memória para quem interpreta as características dos elementos e/ou ações motoras.

Ademais, a FIG (2013c) aponta que o objetivo da adoção da simbologia foi de melhorar a comunicação entre árbitros, ginastas e treinadores com a quebra da barreira imposta pela linguagem tradicional e também favorecer uma avaliação objetiva. Pois, a transcrição dos elementos permite realizar uma consulta posterior caso haja algum conflito entre as notas dos árbitros que supere a margem estabelecida pelo CP ou dúvidas que possam emergir de técnicos e de ginastas.

Esse aspecto remete ao conceito de Ullman (1991) o qual afirma que toda escrita possui valor mnemônico, pois permite transferir a memória de um à memória de outro. E, ao realizar a simbologia de uma série, o árbitro permite que outros indivíduos possam conhecer o conteúdo de elementos apresentado pela ginasta e as falhas de execução relacionadas à eles. Na Figura 44 podemos visualizar o elemento “Dos Santos I” com a sua respectiva simbologia.

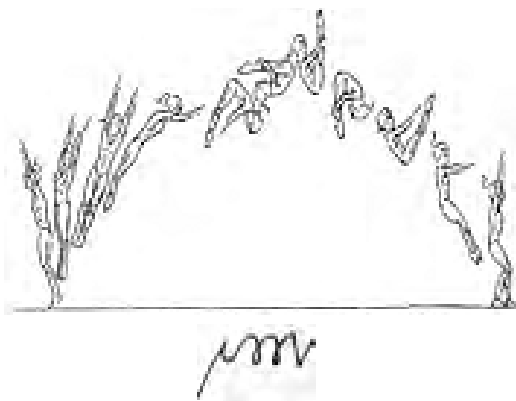





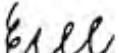


Figura 44 – Duplo twist carpado (Dos Santos I). Fonte: FIG (2013c).

A escrita por meio de símbolos permite que elementos complexos possam ser descritos de forma rápida e compreensível a todos os envolvidos com a modalidade. Bortoleto (2004, p. 308) explicita que “*al representar una acción con un símbolo se busca facilitar o simplificar su registro, su comunicación y/o su comprensión*”. Pois, os símbolos gráficos são utilizados para transcrever e transmitir, por meio da linguagem escrita, os elementos gímnicos. Isso permite, por exemplo, a descrição de uma série combinando-se vários símbolos. Nesse sistema de escrita, percebemos que há uma lógica que facilita o uso e a incorporação de novos elementos, conforme podemos acompanhar no Quadro 1.

QUADRO 1 – Exemplo de elementos e símbolos.

ELEMENTO	SÍMBOLO
MORTAL GRUPADO	
DUPLO MORTAL GRUPADO	
PIRUETA	
DUPLA PIRUETA	
DUPLO MORTAL COM PIRUETA	
DUPLO MORTAL COM DUPLA PIRUETA	

Fonte: FIG (2013c).

Observamos que o uso de símbolos e de suas combinações permite a elaboração de mensagens que registram e transmitem informações e conhecimentos da modalidade com maior precisão, e que seria difícil de serem representados e/ou descritos em palavras.

Embora no decorrer da pesquisa de campo não observássemos, diretamente, grande uso desse tipo de linguagem, essa se fez presente em anotações dos técnicos e no CP que sempre estava no ginásio.

Ressaltamos que, o uso contínuo e oficial da simbologia no processo de avaliação das competições, motivou a todos os profissionais envolvidos a incorporarem os mesmos no processo cotidiano de trabalho.

4.3. CONSIDERAÇÕES

Conforme relata Laraia (2011), podemos identificar indivíduos de diferentes culturas por meio de uma série de características, dentre as quais as diferenças linguísticas. O autor revela que essa distinção permite uma observação empírica imediata e que “o homem tem despendido grande parte da sua história na terra, separado em pequenos grupos, cada um com a sua linguagem própria, sua própria visão de mundo, seus costumes e expectativas” (p. 72).

No decorrer do estudo, observamos a presença de um repertório terminológico ou léxico peculiar na GAF, o que representa uma característica marcante na microcultura do ginásio de treinamento de alto rendimento. Sabemos que, por meio de um processo acumulativo, o homem reflete o conhecimento e a experiência de seus antecessores e passa a ser um herdeiro desse patrimônio. No caso do nosso estudo, os ginastas e técnicos exibem esses traços em seu processo de comunicação.

Assim como a linguagem humana é um produto cultural, o “ginastiquês” consiste em um produto da cultura esportiva e, mais especificamente, da cultura da GA.

Verificamos que este léxico específico da GAF está em constante processo de desenvolvimento e recebe influências e contribuições de todos os sujeitos que dele participam, especialmente, atletas, técnicos e árbitros. Estes protagonistas da modalidade buscam, por meio da linguagem específica, atender às necessidades de comunicação próprias do ginásio e, também, do contexto competitivo.

Percebemos, por meio dos apontamentos relativos aos resultados do estudo, que a própria origem da GAF influenciou e se reflete na linguagem

específica da modalidade. Aspecto que foi verificado pela utilização de palavras de origem alemã e francesa que pertencem aos países que foram determinantes no processo de desenvolvimento dessa modalidade esportiva.

Além da linguagem oral, constatamos que a necessidade de transcrever e de transmitir informações acerca dos elementos gímnicos motivou o desenvolvimento da simbologia. Esse sistema codificado permite ultrapassar a barreira das diferentes línguas presentes no universo de países atuantes na modalidade.

Os símbolos são compreendidos internacionalmente e possibilitam a rápida transmissão de uma informação no momento de uma avaliação competitiva que, na opinião da FIG (2013c), torna o processo mais objetivo, pois permite a consulta tardia caso haja dúvidas.

Por fim, consideramos que a linguagem oral, bem como a simbologia dos elementos e as peculiaridades semânticas, merecem a atenção de futuras pesquisas. Acrescentamos, também, a necessidade de investigações que contemplem a linguagem gestual, a qual permite a explicação da execução de elementos e o *feedback* de erros de execução durante os treinamentos.

O diálogo com diferentes áreas do conhecimento, principalmente, da área da linguística e semiótica, poderia aprofundar o estudo nesse campo promissor de dados e informações que podem contribuir para o melhor entendimento da modalidade e de seus atores, sejam eles ginastas, técnicos, árbitros, pais e fãs.

5. A RELAÇÃO TÉCNICO-ATLETA NA GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA

O relacionamento entre técnico e atleta pode ser compreendido como um fator determinante para o sucesso esportivo. Martens (2004) e Lyle (2002) destacam que os técnicos convivem por longos períodos com os seus atletas interagindo e construindo uma dinâmica social na qual valores, aspirações, motivações e outros aspectos próprios da dimensão humana na formação esportiva adquirem grande relevância, especialmente, quando se trata do desenvolvimento de jovens esportistas.

Deste modo, o vínculo estabelecido é caracterizado pela inter-relação, mútua e circunstancial, de aspectos afetivos, cognitivos e comportamentais que influenciam, sobremaneira, o desenvolvimento dos atletas (JOWETT; NTOUMANIS, 2004). Bloom et al. (1998) ressaltam que, na maior parte dos casos, essa relação ultrapassa o contexto esportivo e influencia o desenvolvimento global dos atletas ao promover o desenvolvimento pessoal e social (PHILIPPE; SEILER, 2006).

Poczwadowski, Barott e Henschen (2002) mencionam três componentes principais presentes nesse relacionamento: o primeiro contempla o aspecto instrutivo que está associado às tarefas a serem executadas; o segundo aborda a questão psicossocial que concerne os aspectos afetivos e cognitivos; e, por último, o comportamental e espiritual que é relativo às crenças, tanto do atleta quanto do treinador, no que diz respeito à relação com o outro. De um modo geral, como afirmam Rhind e Jowett (2010), trata-se de um relacionamento cuja natureza é multidimensional e bidirecional, pois os sentimentos, os pensamentos e os comportamentos do técnico são afetados e, também, afetam aqueles do atleta e vice-versa.

A preocupação com a relação técnico-atleta, principalmente, sob uma ótica holística complexa do treinamento esportivo, passou a ser evidente após a década de 1960, impulsionada por diversas mudanças sociais daquele período. De certa forma, segundo Scott (1969) citado por Lanning (1979, p.262), “junto com o movimento pelos direitos individuais, direito dos estudantes, e direito das mulheres houve um movimento paralelo pelos direitos dos atletas”.

Até aquele período e, em alguns casos, até nos dias atuais, o atleta tinha a responsabilidade de se adaptar às normas e condutas do técnico compreendido como “o chefe inquestionável do programa esportivo” (LANNING, 1979, p.262). Assim, ele era incumbido de cumprir “cegamente” as diretrizes ditadas pelos técnicos que, normalmente, consideravam importantes apenas os aspectos físicos, técnicos e táticos da formação esportiva.

Com a mudança no paradigma do relacionamento técnico-atleta, os atletas começaram a questionar e a buscar respostas plausíveis para as atitudes e os comportamentos de seus mentores esportivos. O fato induziu a importantes alterações nos programas de treinamento e, fundamentalmente, na interação entre técnico-atleta. Parte dessas mudanças deve-se ao novo conceito multidisciplinar adotado pelo esporte na segunda metade do século XX, em que a sociologia, a antropologia e, principalmente, a psicologia esportiva permitiram novas leituras sobre a complexidade deste fenômeno (CALHOUN, 1981).

Porém, apesar de mais de cinco décadas de estudos e movimentos para incorporar um modelo mais humanístico na formação do atleta, o modelo autocrático de instrução esportiva continua presente na GA, principalmente, na vertente competitiva (BARKER-RUCHTI; TINNING, 2010). Segundo Lyle (2002, p. 158), esse modelo é caracterizado pelos seguintes aspectos:

primazia do técnico na tomada de decisões; o relacionamento interpessoal possui uma abordagem diretiva e de dominação; a transmissão de conhecimentos, ensinamentos e aprendizados flui em uma única direção; o técnico determina as regras, as recompensas, os padrões e suas aplicações; e, comportamento rígido e falta de empatia do técnico para com o atleta.

Os estudos realizados por Bortoleto (2007) e Bailleau (2001) revelam que a estrutura social da GA, no contexto do alto rendimento, está apoiada em uma hierarquia de mandos na qual os técnicos possuem o poder da palavra e os ginastas se restringem a cumprir o que foi determinado. Nesse sentido, Côté, Salmela e Russell (1995) relatam que a intervenção “ditatorial” no processo de treinamento de GA ainda é vista por alguns treinadores como uma abordagem adequada para o trato com os ginastas.

Assim, é comum a percepção de que os técnicos de GA sejam considerados rígidos e ríspidos na sua forma de lidar com os seus atletas (NUNOMURA, 2008),

em alguns casos truculentos (BARKER-RUCHTI, 2011), e que usam de uma pedagogia “de comando”, se utilizamos os termos elaborados por Mosston (1981).

A disciplina imposta na instrução esportiva das atletas e que permeia a GA desde o seu nascimento está presente no controle do espaço, do tempo, dos corpos e das condutas durante o treinamento (BORTOLETO, 2007). Parece que esse contexto disciplinador, à luz da teoria foucaultiana, estabelece um elo coercitivo entre a aptidão e a dominação e produz corpos submissos e exercitados, sob a escusa do êxito desportivo (BORTOLETO, 2004; BARKER-RUCHTI; TINNING, 2010). No entanto, embora a disciplina consista em um componente fundamental no processo de treinamento, Massimo e Massimo (2013, p. 28) afirmam que os técnicos de GA enfrentam o desafio de “direcionar o espírito, não quebrá-lo”, ou seja, buscar um equilíbrio na relação de poder que estabelecem em relação aos ginastas.

Com intuito de compreender esta dinâmica social, entre os protagonistas do ginásio, o presente capítulo aborda a relação técnico-atleta na GAF.

5.1. O OLHAR DA LITERATURA

Leonid Arkaev, um dos treinadores de GA mais importantes, expõe que devemos enfatizar, constantemente, a disciplina, a persistência, o “trabalho duro” e, também, os valores humanos no decorrer do processo de treinamento de GA. E, um relacionamento de dedicação e lealdade mútuo, entre técnico-atleta, deve ser estabelecido e preservado para que o sucesso esportivo seja possível (ARKAEV, 2000).

Nas palavras do renomado ginasta espanhol Jesus Carballo Jr. (2000), “a cada dia o técnico e o ginasta desenvolvem um forte relacionamento como amigos e trabalham juntos como uma equipe; nas competições eles ajudam e apóiam um ao outro para que tudo ocorra como planejado”. Assim, a qualidade desse relacionamento vem sendo considerada um dos aspectos mais importantes para o êxito nessa modalidade (MASSIMO; MASSIMO, 2013).

A qualidade dessa relação não é apenas determinada pelo repertório de conhecimentos do técnico e de como ele os transmite para os atletas, mas, sobretudo, pela sua habilidade em se conectar com os atletas não apenas como

corpos performáticos (CASSIDY; JONES; POTRAC, 2004). Corroborando essa perspectiva, a ex-ginasta estadunidense Amanda Borden (FIGURA 45) elencou como um fator importante na sua carreira a percepção de que a técnica era a sua melhor amiga e que se importava com ela como pessoa e, em segundo plano, como atleta (SILBY; SMITH, 2000).



Figura 45 – Amanda Borden dos Estados Unidos. Fonte: Pensinger (2014).

Na opinião de Weiss (2000) a intensidade dessa interação na GA se revela, até mesmo, nas formas de tratamento que, na modalidade, os técnicos são chamados pelo primeiro nome ou apelidos, enquanto na maioria dos outros esportes o mentor esportivo é denominado “o treinador” e/ou “o professor”.

De um modo geral, os relacionamentos de sucesso no contexto esportivo são caracterizados pela confiança, comprometimento, respeito e compreensão (JOWETT, 2003). Essa dimensão afetiva e relacional proporciona aos atletas o sentimento de conforto, orientação, segurança e apoio nos diferentes momentos e estágios do seu desenvolvimento (YANG; JOWETT, 2012).

A natureza da GA, ou seja, a alta exigência das capacidades físicas e a busca incessante pela eficiência e “perfeição” técnica, revelam a necessidade de um envolvimento afetivo entre técnico-atleta. Os treinamentos intensos de força e de flexibilidade, a segurança na execução dos exercícios acrobáticos e o longo e

insistente processo de ensino dos elementos, requerem o contato constante e muitas vezes físico (corporal), entre técnicos e atletas (FIGURA 46). Talvez, seja por essa razão que para muitos técnicos os/as ginastas de sua equipe são “SEUS”/“SUAS” ginastas e, portanto, são protegidos, guardados e cuidados como seu maior bem. Assim, trata-se de um relacionamento com características peculiares, que deve ser analisado sob uma ótica também particular, com destaque na intensa confiança, entre as partes. Aliás, somente por meio dessa confiança é que os/as ginastas “arriscam” sua integridade física e depositam sua sorte nas mãos do técnico, conforme podemos observar no discurso de um dos símbolos da GAF, a ginasta Nadia Comaneci (2004): “eu confiava à Bela [seu técnico] a minha vida no ginásio. Ele literalmente me impediu de quebrar o meu pescoço. E, eu confiei nele a minha carreira, também” (p. 53).



Figura 46 – Oleg Ostapenko, técnico da seleção brasileira, auxilia a ex-ginasta Laís Souza. Fonte: Sinato (2014).

Os próprios atletas são conscientes da importância de um bom relacionamento com o técnico. Eles sabem que a qualidade dessa relação pode contribuir para o sucesso no esporte de alto rendimento, principalmente, devido à convivência prolongada. Esse aspecto fica explícito no discurso da ex-ginasta Amanda Borden: “Mary Lee [Tracy] fez muitas coisas certas. Para ser bem sucedido

você tem que trabalhar juntos. Nosso relacionamento foi a chave para o nosso sucesso” (COGAN; VIDMAR, 2000, p.125).

Na opinião de Weiss (2000), o técnico e o ginasta estabelecem um relacionamento de dependência, um pacto tácito no qual se assume que o atleta depende do técnico e a reputação/carreira do técnico, por sua vez, depende da atuação do ginasta. Roberts e Hemphill (1988) atentam para o fato de que há uma ironia nessa dependência, pois os atletas de alto rendimento que deveriam ser os mais independentes são, na realidade, os mais dependentes. Essa contradição, também, foi observada por Bortoleto (2004) ao pesquisar ginastas da seleção espanhola de GAM.

De fato, Sands (1999a) relata que alguns técnicos percebem a “independência” dos atletas, ou seja, sua autonomia, como uma “doença” que precisa ser tratada e substituída pelo senso de dependência. O autor cita o exemplo de um técnico de futebol americano que compara os atletas aos soldados: “soldados perfeitos não eram pensadores independentes. Eles eram seguidores. Você joga da maneira que nós lhe ensinamos e você vence. É tão simples assim” (p.187). Salvaguardando-se as diferenças, no caso da GA, o ginasta deve confiar nos conhecimentos e na capacidade de prospecção e projeção do treinador, e respeitar suas decisões.

Essa forma de conceber a educação do corpo e da moral dos atletas, que acabamos de relatar, é semelhante àquela utilizada para o ensino da ginástica entre o século XVIII o início do século XX período que esta prática era utilizada para o treinamento militar (SOARES, 1998). Parece que este modelo pedagógico deixou marcas profundas na concepção da formação dos ginastas, com resquícios que penduram até nossos dias (BORTOLETO, 2004; BARKER-RUCHTI, 2011).

Desta forma, observamos que o modelo tradicional de relacionamento entre um técnico coercivo e um atleta silencioso e obediente, citados por Burke (2001), vem se mantendo hegemônico na GA. Por isso, os ginastas de alto rendimento tendem a ser extremamente obedientes e disciplinados e esforçam-se, constantemente, para obter a aprovação dos técnicos (TOFLER et al. 1996).

Weiss (2000, p.183) explica que “os pequenos ginastas aprendem seus elementos no contexto do ginásio, um enclave com normas culturais específicas e geralmente silenciosas”, não ditas, que influenciam os valores, os princípios, as crenças e as condutas dos esportistas.

Ao analisar a estrutura social de um ginásio de GA de alto rendimento, Bortoleto (2004) concluiu que ela está apoiada em uma hierarquia na qual todos sabem exatamente o papel que devem desempenhar, bem como os seus poderes, deveres e responsabilidades. Nesse contexto, o autor cita que os técnicos possuem o poder da palavra e os ginastas se restringem a obedecer, fruto de uma tradição e uma cultura hierárquica de comando. Logo, a manutenção dessa estrutura converte-se num objetivo primário entre os treinadores e demais membros do corpo técnico (BORTOLETO, 2007).

Por conseguinte, como afirma Duquin (1994), os atletas são treinados para submeter-se aos comandos sem questionamentos. Para que isso aconteça, conforme explica Carron (1978), se estabelece um acordo subliminar entre técnicos e atletas sobre o papel de ambos no seu relacionamento, no qual os técnicos possuem o controle e os atletas são controlados.

Nunomura et al. (2012) consideram que as demandas da GA e o seu caráter disciplinador influenciam, em grande medida, o estereótipo dos atletas competitivos da modalidade. Assim, valores como a disciplina, a capacidade de repetir e de obedecer às ordens constituem, na opinião de Bortoleto (2004, p.440), “a coluna vertebral do caráter das pessoas que optam por este esporte” e estão presentes desde os primórdios da modalidade.

Percebemos, também, que muitos técnicos carregam consigo valores e crenças adquiridos durante sua carreira como ginastas. Aspectos que são transferidos e reproduzidos na sua atuação como treinador (SCHENEWARK, 2008). O que contribui com a manutenção dessa cultura de treinamento (BAILLEAU, 2001).

Nessa relação, o técnico desempenha um papel complexo e de poder, o que requer a compreensão e o comprometimento acerca de suas responsabilidades (SULLIVAN; WILSON, 1993). Alguns técnicos atuam de forma autocrática e, segundo Lyle (2002), eles justificam essa forma de intervenção devido à necessidade de manter uma determinada rotina, ritmo e sem mudanças que possam interferir na dinâmica de funcionamento do ambiente esportivo. Tomlinson e Yorganci (1997) citam que esse estilo de instrução esportiva é fundamentado no desequilíbrio existente na divisão do poder presente nessa relação.

De acordo com Stirling e Kerr (2009), a assimetria da distribuição do poder ocorre devido à idade, ao gênero (quando o técnico masculino atua com a categoria feminina), ao grau de conhecimento, ao acesso aos recursos, à autoridade da

posição, ao poder de decisão e aos sucessos anteriores que favorecem ao técnico. Nesse sistema o técnico é visto como detentor dos saberes necessários para o sucesso, enquanto o atleta necessita da orientação e do direcionamento desse mentor e, por essa razão, se subordina ao comando do técnico.

Apesar disso, técnico e atleta estão inseridos em uma relação de poder peculiar, na qual o esportista pode decidir se aceita ou não as instruções do técnico. Assim sendo, as atitudes do atleta podem influenciar e, até mesmo, alterar a forma de agir do treinador (MARKULA-DENISON; PRINGLE, 2006). Contudo, muitos não são conscientes desse aspecto e, raramente, agem nesse sentido. Ao considerarmos que as ginastas iniciam seus treinamentos desde tenra idade e passam longos períodos sob o comando e a influência de um mesmo técnico, as ações unilaterais e autocráticas por parte dos mentores esportivos se tornam propícias, comuns e aceitas nesses espaços. Schiavon (2009) atenta para o fato de que as ginastas permanecem mais tempo com os técnicos do que com os pais, fato que aumenta a influência deles sobre as crianças deixando-as vulneráveis e, até mesmo, aos seus exageros.

5.2. A RELAÇÃO TÉCNICO-ATLETA NA MICROCULTURA DO GINÁSIO

O aquecimento começou com sete meninas. Ao som da contagem as ginastas das categorias pré-infantil e infantil executaram o aquecimento no ritmo estabelecido pela técnica Luiza. Cada exercício possui um padrão que deve ser respeitado. A atenção com a postura vai desde a cabeça até as pontas dos pés. O mesmo cuidado observado no aquecimento ocorreu durante todo o alongamento. As meninas são corrigidas e a técnica solicita-lhes responsabilidade. Em um determinado momento diz que "não é brincadeira" ao corrigir o grupo durante o aquecimento. Em vários momentos, Luiza questiona as atletas, mas sem ouvir uma resposta: "Por que você não estende o joelho?" (...) "Você não está ouvindo o que eu estou falando?" (...) "O que você está fazendo?" Essas foram algumas das perguntas que as ginastas não se atreveram a responder naquela sessão de treinamento (DC 05/05/2012).

Assim como foi descrito no registro do DC, Bortoleto (2004) menciona que no ginásio de GA impera o silêncio e os movimentos afirmativos ou negativos com a cabeça, mas, segundo o autor, jamais se contradiz um treinador de forma explícita. Dessa forma, a "obediência, cega e sempre, é o que se espera de todos aqueles que querem vencer. Isso faz com que a ginástica olímpica [artística] se caracterize

por excessos e autoritarismo por parte de atletas e treinadores envolvidos na modalidade” (RUBIO, 2001, p. 153).

Ryan (1995) cita que as ginastas são habituadas a agir sem questionar, pois os técnicos requerem completa subserviência. Enquanto os técnicos gritam ou fazem comentários ríspidos, elas apenas se restringem a ouvir e a obedecer.

Na opinião de Coakley (2001, p. 490), essa relação pode ser problemática, pois “é geralmente aceito que os técnicos possam humilhar, envergonhar e derrogar os atletas enquanto tentam incentivá-los ao sucesso”. O autor afirma que se espera que os atletas respondam a essa humilhação com firmeza e vontade para ultrapassar as adversidades do treinamento com vista a obter o sucesso durante as competições.

A busca do endurecimento do caráter das ginastas e de sua completa submissão é evidenciada em momentos nos quais as ginastas são repreendidas e questionadas pela autoridade do ginásio, ou seja, o técnico. Desse modo, o técnico não possui a expectativa de uma resposta verbal, mas de ação física e de um comportamento de superação por parte da atleta:

Enquanto as ginastas do adulto realizam o seu aquecimento, as meninas menores fazem o preparo inicial e são acompanhadas pelo olhar da técnica que auxilia em alguns exercícios. As pequenas, também, se ajudam no preparo e a técnica Luiza sempre enfatiza a postura e a forma de execução correta. (...) Após alguns exercícios e correções a técnica repreende uma das ginastas ao questionar: "Você não tem preocupação nenhuma em fazer certo?" Com esse questionamento, a técnica tenta conscientizar a ginasta que é importante realizar os exercícios de forma correta e atenta aos detalhes. Ela acrescenta que a ginasta irá “morrer” na série por causa da falta de resistência de força. (...) Após ser repreendida a ginasta inicia novamente os exercícios de forma correta sem esboçar alguma reação à fala da técnica ou justificar a sua falta de postura (DC 16/06/2012).

As atletas têm pouco espaço para manifestar suas opiniões e decisões pessoais e, dessa forma, são moldadas segundo as expectativas e os critérios de seus técnicos (RYAN, 1995). Quando trazemos à memória os Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, é preponderante recordamos a prova de salto da ginasta Kerri Strug quando, após torcer o tornozelo no primeiro salto, ela executa o segundo salto lesionada para contribuir com a conquista da medalha de ouro dos Estados Unidos (FIGURA 47). Segundo Strug e Lopez (1997), a queda no primeiro salto foi influenciada por uma série de fatores, dentre os quais: a ausência de um *feedback* de seus técnicos pessoais sobre qual salto ela deveria realizar no aquecimento.

“Normalmente Bela ou Martha diria a Dominique ou a mim exatamente o que fazer no aquecimento e em qual ordem. Mas, por alguma razão, ninguém [eu ou Dominique] sabia. Eu fiquei olhando para o Bela, gritando: o que eu devo fazer? (...)” (p. 165).

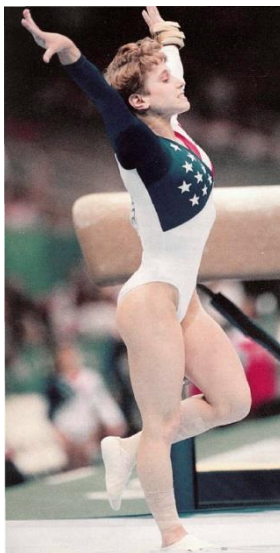


Figura 47 – Kerri Strug nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996. Fonte: Tielemans (1996).

Observamos que, apesar de se tratar de uma ginasta experiente, ela dependia fortemente dos direcionamentos dos treinadores, comportamento observado por Bortoleto (2004) quando estudou ginastas masculinos de nível competitivo similar. A grande dependência das ginastas com relação aos técnicos explica-se pelo fato delas estarem habituadas a serem direcionadas durante os treinamentos. E, raramente, são incentivadas a lidar com situações na qual elas devem tomar a iniciativa sem o prévio aval dos técnicos.

Assim como em outros treinos, as jovens ginastas ficam à mercê do tempo após terminarem os exercícios (...). Embora a rotina prevaleça, elas sempre aguardam as instruções dos treinadores, ainda que elas saibam o que vem na sequência. Em alguns momentos, elas são repreendidas por estarem ociosas. Por que você está parada? Terminou tudo? Então... não perde tempo, diz a técnica. (DC 14/04/2012).

A vigilância constante permeia toda a disciplina do treinamento, do início ao fim. E, como expõe Foucault (2004), “o poder na vigilância hierarquizada das

disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina” (p.148). Na concepção desse autor, a vigilância se organiza de forma piramidal e produz um poder no qual os indivíduos são distribuídos e subjugados a um comando. As análises de Barker-Ruchti e Tinning (2010) mostram que a GAF assimilou perfeitamente os pressupostos acima descritos.

Os olhares dos mentores esportivos estão em todos os lugares do ginásio e acompanham o grupo de ginastas que, muitas vezes, estão distribuídas em atividades e aparelhos distintos. Na opinião de Foucault (2004), os olhares são calculados no poder disciplinador, o que o torna indiscreto e onipresente, pois, conforme o autor, “não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar” (p.148).

(...) em alguns momentos as ginastas são surpreendidas com as correções dos técnicos que muitas vezes estão afastados ou cuidando de outros afazeres no ginásio. Isso demonstra que mesmo distantes eles as estão supervisionando nas tarefas delegadas. Após executarem alguns exercícios o técnico pergunta: "O que falta?". Ele não está satisfeito com o ritmo das ginastas da categoria adulta que estão no preparo e pede mais ritmo. (DC 03/03/2012).

Segundo Coakley (2001), o corpo do atleta é treinado, controlado e monitorado de forma constante e com o intuito de direcionar a vontade do esportista para que ele seja capaz de responder aos desafios e demandas do esporte de forma eficiente e vigorosa.

Muitas vezes, a falha na execução de um determinado elemento ou na realização de uma série é atribuída à falta de disciplina e de empenho da atleta.

Ao executar a série (...), a ginasta tem problemas em todas as aterrissagens e queda (...). O técnico oferece várias instruções e correções e diz que faltou vontade e que isso era reflexo dos treinos que a ginasta não havia se empenhado (DC 12/05/2012).

Após o treino que teve momentos de tensão e conflito, principalmente, durante a avaliação das séries, o técnico e a ginasta “dialogam”. A ginasta fica com semblante aborrecido durante a fala do técnico e apenas escuta. Após alguns minutos eles se abraçam e se preparam para ir embora (DC 12/05/2012).

Massimo e Massimo (2013) afirmam que o fato de sermos todos humanos torna natural que no relacionamento técnico-atleta a interação fique fragilizada e

gere tensões de tempos em tempos. Isso acontece, principalmente, quando a ginasta não atende às expectativas do técnico e esse acredita que seja pela falta de disciplina e/ou de vontade:

O técnico que estava tenso, desde a arrumação dos colchões nas barras, fica irritado ao ver a saída da atleta. Ele não se conforma com o erro. A ginasta parece apática. Ela volta a executar a saída e novamente erra. Ela aparenta estar sem motivação, aborrecida. A ginasta passa a série com erro e no Jager volta a refugar como no aquecimento. O técnico se irrita e grita. Ele chuta um colchão extravasando a sua frustração e diz: "sabia que ia acontecer isso com o Jager! Essa semana foi uma palhaçada! Por que você fica inventando essas coisas? Vai querer tirar isso (da série)? Tira tudo! Vai tirando!". Ele se afasta e senta em uma das traves se afastando da atleta. Ele não aparenta apenas impaciência, ele está frustrado com a situação. Sentado na trave ele observa a atleta que prepara as barras e as mãos para uma nova tentativa. A ginasta volta a executar a série e tem sucesso nos elementos de largada e retomada, mas cai na saída. Ele leva as mãos na cabeça, como se não acreditasse no que estava vendo. (...) A frustração dele aumenta ao ver que a ginasta havia passado com sucesso pelos elementos da série com exceção de apenas um: a saída (DC 12/05/2012).

Stirling e Kerr (2008) citam que o controle e o domínio que o técnico exerce sobre o atleta propicia o ambiente para comportamentos como esse supracitado, principalmente, devido à falta de independência do atleta para questionar as atitudes dos técnicos. No seu estudo com nadadores, os autores citam que ações negativas dos técnicos contemplam comportamentos físicos (arremessar objetos, golpear paredes), verbais (insultos, comentários degradantes) e negar atenção/apoio.

Após outro erro na saída, o técnico aparenta ter perdido a paciência com a ginasta, além de estar bravo e frustrado. Ela executa a série, mas cai na saída. Ele leva as mãos na cabeça como se não acreditasse no que estava vendo. Ele grita, anda como um leão em uma jaula irritado. Briga com a atleta e de forma irritada mostra como quer que ela reaja se cair faltando altura na saída. Nesse momento ele age de forma enérgica segurando a atleta pelo quadril elevando-a no ar e fazendo-a aterrissar, como se ela fosse um boneco, fazendo-a repetir o momento de contato com o solo enquanto a segura pela cintura. A ginasta volta a realizar a saída e após repetir por duas vezes, com queda, consegue acertar uma vez. Essas últimas quedas ocorreram devido à diferentes erros, excesso de rotação e falta de rotação, o que mostra que a atleta estava em busca de resolver o problema e atenta aos conselhos do técnico. (DC 12/05/2012).

Stirling e Kerr (2009) citam que o receio, e até mesmo a admiração, que os atletas possuem dos técnicos, os incapacitam a questionar esse tipo de comportamento. E, os aspectos implícitos e aceitos na microcultura do ginásio e que são assimilados, desde tenra idade, torna esse tipo de comportamento adequado, pois é visto como "correto" para se atingir o objetivo principal que seria o pódio na

competição. Kerr e Stirling (2012) afirmam que os atletas consideram isso parte do processo que visa produzir uma apresentação atlética de sucesso. Aspecto que está fortemente relacionado ao fato de receber *feedbacks*.

Massimo e Massimo (2013) afirmam que o ato de oferecer e receber um *feedback* pode contribuir ou destruir o ambiente de treino caso não seja ministrado da maneira correta e, conseqüentemente, incide no relacionamento técnico-atleta. No caso do evento ocorrido no treino de barras assimétricas, trecho extraído do DC citado anteriormente, o treino perdeu a harmonia e a atleta, ao invés de melhorar, só piorou. Parece-nos que além do medo que a dominava durante a execução dos elementos e a dificuldade técnica na aterrissagem, ela temia pela reação do técnico que, por sua vez, ficava cada vez mais frustrado e tempestuoso. Essa dificuldade de comunicação entre eles evidencia outro problema também observado por Bortoleto (2004), que consiste na falta de competências humanas e na supervalorização das competências técnicas. Em outras palavras, é comumente aceito que um bom técnico seja aquele que possui vasta experiência na modalidade, mesmo que seja “inábil” no aspecto relacional.

Percebemos que diferentes emoções e sentimentos permeiam as sessões de treinamento e a relação técnico-atleta. A alegria obtida com o êxito na execução de um elemento com maestria, muitas vezes, é suplantada pelo temor na execução de um elemento que envolve maior risco e complexidade somada à pressão do técnico. Conforme Arkaev (2000), o trato com emoções positivas e negativas precisa ser balanceado pelo técnico na sua instrução esportiva. Destacamos o medo, no contexto da GAF, como a emoção que necessita de mais atenção devido à sua maior emergência nos treinos, exemplificada no fragmento abaixo:

(...) outra ginasta vai para a trave onde deve executar os elementos acrobáticos da série. O técnico passa algumas instruções e se afasta para corrigir outra atleta. Enquanto isso, a ginasta arruma os colchões. A atleta demora para arrumar o aparelho e iniciar os exercícios. (...) após um tempo, ela continua na trave e demonstra medo em executar o mortal. Ela refugia e demora entre os exercícios. Conseqüentemente, o técnico se irrita com a demora e a atitude da atleta e faz pressão para que ela termine a tarefa elevando a sua voz e em tom irônico (DC 05/05/2012).

Kerr e Stirling (2012) atentam que, apesar da influência positiva dos técnicos no desenvolvimento dos atletas, esses podem recorrer às formas negativas de comunicação e, também, táticas questionáveis para alcançar o sucesso. Ainda de

acordo com os autores, muitos técnicos cometem o abuso mental e verbal na sua prática.

Na percepção de Palframan (1994), gritos ou comentários depreciativos são utilizados com vista a endurecer/melhorar o aspecto psicológico dos atletas incitando-os a cumprir tarefas por medo. Kerri Strug faz o seguinte relato sobre o seu antigo técnico: “ele sabia como conseguir o máximo de cada criança. Eu penso que grande parte de sua estratégia de motivação era o medo. Quando eu errava, eu ficava mais preocupada sobre o que ele pensaria do que com o erro” (RABOIN, 1999, p.2A).

O medo está relacionado também aos castigos físicos, como citam Krane, Greenleaf e Snow (1997) ao expor os relatos de uma ginasta: “se você cair da trave, cada vez que você cair, mesmo que você esteja aprendendo um novo elemento, você fará 10 flexões de braço”. Esse fato foi perceptível em alguns momentos da pesquisa, principalmente, na realização de tarefas nos aparelhos e na execução de um determinado número de séries.

“Se você continuar fazendo desse jeito vai repetir tudo!” (...) “Todas vão ter que repetir, porque a Milena fez com as pernas dobradas e não marcou”. (...) “Essa não contou, porque teve queda” (DC 22/09/2012; DC 12/05/2012).

Percebemos que a relação técnico-atleta é influenciada, de forma pronunciada, pela concepção de que o sucesso na GA, com vista ao alto rendimento, só é logrado com comprometimento, dedicação e disciplina que, muitas vezes, envolvem sacrifícios e riscos.

Coakley (2001) cita que o poder e o desempenho esportivo encorajam os indivíduos desse contexto a estabelecer recordes, a buscar o limite humano e a usar o corpo como máquina. E, muitos assumem que o sucesso só será obtido com trabalho duro, o que poderia fugir do controle. Donnelly (1997) considera que muitos técnicos não possuem a intenção de agir de forma negativa e agressiva de modo a prejudicar seus atletas. Mas, que o próprio contexto esportivo os direciona a tomar decisões que podem ir contra o bem estar dos esportistas sob seu comando.

5.3. CONSIDERAÇÕES

Em contrapartida ao pensamento do esporte de participação, no qual Coackley (2001) sintetiza que compreende o corpo como jardins que devem ser cultivados e cuidados para promover o crescimento pessoal, no esporte de competição e, no caso específico desse estudo, a GAF, continuam a conceber e a utilizar os corpos das atletas como máquinas disciplinadas.

Essa visão reducionista dos técnicos que amortizam o senso crítico das ginastas à corpos que agem com um dispositivo mecânico que obedece sem questionar até o limite, é implementada por meio de um processo de formação esportiva no qual as ginastas firmam um acordo subliminar e, dessa forma, aceitam e cumprem com as regras inerentes à microcultura do ginásio. Cabe ressaltar que na GAF, e na GA de um modo geral, os corpos são inseridos nessa cultura de treinamento desde tenra idade, a qual direciona os padrões de comportamento.

Cientes de que a GAF, com vista ao alto rendimento, demanda de forma pronunciada os aspectos psicológicos e físicos de suas praticantes, nos parece que a qualidade da relação técnico-atleta pode potencializar o estresse ou, pelo contrário, auxiliar a diminuí-lo e, conseqüentemente, combater o *burnout* ou o *dropout*.

Ressaltamos, assim como Krane et al. (1997), que para cada ginasta que obtém o sucesso na modalidade, muitas não o lograrão. Mas, as conseqüências impostas no treinamento poderão impactar nas demais fases de vida desses atletas. E, desse modo, o tipo de relacionamento mantido entre o técnico e as ginastas poderia contribuir de forma positiva ou negativa para o êxito dentro e fora do ginásio.

Dessa forma, concordamos com Massimo e Massimo (2013) quando afirmam que uma das chaves para o sucesso no processo de ensino-aprendizagem na GA está no diálogo. Entretanto, percebemos que, muitas vezes, essa estratégia não é empregada, pois muitos técnicos temem perder a liderança e o poder na relação que mantém com os atletas. Por isso, ressaltamos a necessidade de que o técnico esteja disposto ao diálogo e incentive seus atletas a se comunicarem a fim de identificar e solucionar problemas. E, também, propor ações que poderiam contribuir com o bom relacionamento e, conseqüentemente, catalisar os resultados esportivos.

No capítulo subsequente percorreremos outras situações e implicações do relacionamento técnico-atleta e da necessidade do diálogo na modalidade. Aspectos que reforçarão a necessidade de reflexões e mudanças na forma de instrução esportiva da modalidade.

6. UMA COMPANHEIRA “FIEL”: AS GINASTAS DE GINÁSTICA ARTÍSTICA E A DOR

Em outros esportes, os atletas se empenham por excelência. Na Ginástica Artística, nós batalhamos pela perfeição (JOHNSON; FRENCH, 2012, p. 116).

Os ginastas passam longas horas no ginásio em busca da perfeição. E, para que isso ocorra, os elementos são repetidos e treinados exaustivamente para tentar atingir a maestria técnica e o virtuosismo.

Muitas vezes, quando acompanhamos um evento competitivo de GA e observamos as apresentações que envolvem movimentos de dificuldade e técnica exímia, em um primeiro momento, não relacionamos o aprendizado das ações motoras e qualidades físicas com treinamentos extenuantes que envolvam a dor (RUBIO, 2001).

Johnson e French (2012) refletem que os técnicos treinam suas atletas como os sargentos que adestram soldados até os seus limites. E, em algumas ocasiões, o limite envolve a superação da dor.

Esse treinamento “soldadesco” (RUBIO, 2001), expõe peculiaridades da modalidade. Conforme Ryan (1995), o ginasta aprende a obedecer e jamais questionar a autoridade do técnico, inclusive nos aspectos relativos à dor e às lesões. De acordo com a autora, a ginasta aprende a lidar com o desconforto até o ponto em que não consegue mais treinar. Pois, não há tempo para esperar que as dores passem ou até mesmo que as lesões se curem, porque o tempo não pára e trata-se de uma disputa travada contra o cronômetro da maturação das atletas (GUTMAN, 1996; KOLT; CAINE, 2010).

As ginastas são instruídas como em um acampamento militar que forma indivíduos fortes e capazes de suportar a dor. Segundo Ryan (1995), a filosofia advinda do bloco soviético consiste em: se não estiver sangrando, não se preocupe.

Betty Okino (FIGURA 48), expoente ginasta americana no ciclo 1988-1992, relata que não importava se ela estava com dor ou lesionada, pois se ela conseguia se mexer ela, também, podia treinar (RYAN, 1995). Na ocasião dos Jogos Olímpicos de Barcelona, Betty Okino competiu com fraturas na coluna em L2 e L3.



Figura 48 – Betty Okino na trave de equilíbrio no Campeonato Mundial de 1991. Fonte: Black (1991).

Schwartz (2011) cita que os ginastas que competem em nível internacional lidam com a dor como se ela fosse um componente inerente à modalidade. Isso fica evidente no discurso da ex-ginasta americana Brandy Johnson que expõe: “você nunca vem para o ginásio sem que algo esteja errado com você. Isso seria incrível”. No documentário “Travessia do Ar” (2004), as ginastas da seleção permanente brasileira corroboram a opinião da atleta americana e citam que sempre estão com algum tipo de dor. Em complementação Schiavon (2009) alude a fala de Daiane dos Santos que diz:

(...) todo atleta vai ter uma dorzinha. É difícil você ver um atleta que diz: “Eu não tenho nada de dor!” Ou ele vai ter uma dor muscular, ou sei lá, vai ter uma “distensãozinha”, às vezes não é uma lesão muito grave! Às vezes uma lesão normal de treino, cansaço, por estresse, alguma coisa. Mas tem vários tipos de lesão. Agora, eu quando lido com uma lesão... tem gente que diz: “você não se abala?” E eu falo: “Se eu me abalasse não tinha que ser atleta, porque todo atleta vai passar por isso” (SCHIAVON, 2009, p. 264).

O uso das palavras “dorzinha” e “distensãozinha”, ambas no diminutivo, denotam uma conotação de relativização por parte da atleta. Fato que favorece psicologicamente a superação desse desconforto. Pois, se a dor é “pequena”, ou seja, uma “dorzinha”, nas palavras da ginasta, então seria possível suportá-la.

Os ginastas se habituem, desde que iniciam a prática da modalidade, a lidar com essa companhia constante. E, muitas vezes, forçam a si mesmo a continuar

treinando e competindo com esse desconforto (SCHWARTZ, 2011). Gutman (1996) cita que os técnicos nem sempre esperam que uma lesão se cure, principalmente, na proximidade de um evento competitivo importante. O autor cita o abuso de drogas que inibem a dor e permitem que as atletas continuem a treinar. Nessa conjectura, as ginastas transformam seus corpos em “máquinas” que não sentem dor. E, não param de treinar até que essa “máquina” pare de funcionar (RYAN, 1995).

Observamos que, além da imposição dos técnicos, as próprias ginastas abusam de sua integridade física. Vogler e Schwartz (1993, p. 77) citam que “jovens atletas, no seu desejo por vitória e para agradar seus técnicos e pais, sempre arriscam sua saúde”. Courtney Kupets, medalhista mundial e olímpica, sintetiza a questão ao dizer que: “nós somos ginastas e nós vamos ter lesões, por isso é apenas uma questão de quão obstinado você é para passar por elas” (VOGLER; SCHWARTZ, 1993, p. 63).

Com o intuito de apresentar e discutir a relação das ginastas com a dor, este capítulo visa, por meio das observações realizadas no ginásio, abordar essa questão trazendo luz para esse aspecto que requer a atenção de todos os envolvidos com a modalidade e aqueles que almejam adentrar nessa microcultura.

6.1. A DOR NA GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA

Prenda o seu cabelo. Não retruque. Esqueça a dor. Perca peso. Seja forte. Fique quieta. Sorriso bonito (RYAN, 1995, p. 60).

Nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, uma das estrelas da competição, a americana Shannon Miller competiu com uma fratura por estresse no tornozelo (MILLER, 1999). Quando assistimos as suas atuações nessa competição, não conseguimos perceber traços de desconforto ou de hesitação da atleta. Nas palavras de Claudia Miller, mãe da ginasta, Shannon Miller não iria deixar que uma “pequena” dor atrapalhasse os seus planos na competição (MILLER, 1999).

Esse relato expõe traços de como as ginastas lidam com a dor no cotidiano dos treinamentos e das competições. Schiavon (2009) e Harringe e Caine (2013) citam que estudos distintos sinalizam que os ginastas, desde cedo, são capazes de

identificar os diferentes tipos de dor. Desde aquela ocasionada pela fadiga física até uma dor ocasionada por uma lesão aguda.

A dor física está relacionada ao tipo de treinamento “militar” que é imposto na modalidade. Rúbio (2001) cita a busca pelo limiar máximo de flexibilidade, o qual é desafiado no cotidiano dos treinamentos, e a crença de que o limite físico ainda não está posto, pois a busca pela perfeição é incansável e é possível conseguir sempre um pouco mais.

Nadia Comaneci relata que durante a sua carreira treinou em companhia da dor, mas era consciente para diferenciar a dor tolerável daquela que podia diminuir os seus rendimentos ou que pudessem interferir na sua segurança (COMANEI, 2004).

Essa compreensão observada anteriormente, só foi possível porque desde a tenra idade os ginastas são treinados a lidar com essa sensação de desconforto e são pressionados ao extremo pelos seus mentores esportivos. O técnico se torna uma figura crucial, pois é ele quem determina o limite da ginasta na busca pela superação. Rúbio (2001) elenca a autoridade que o técnico possui e que ele orienta se o ginasta deve continuar ou parar mesmo em situações que envolvam a dor.

Compete ressaltar que, no ginásio, as ginastas devem ser vistas, mas não ouvidas. Ryan (1995) expõe que os técnicos podem expressar suas emoções, enquanto as atletas são ensinadas a guardar os seus sentimentos para si e jamais questionar. A autora sinaliza que há certo consenso de que o ato de ser intolerante às lesões e à dor, bem como comportamentos que envolvem ignorar e depreciar as ginastas lesionadas “fazem parte” do trabalho dos técnicos em direção ao lugar mais alto do pódio.

A ex-ginasta Dominique Moceanu (FIGURA 49) dos Estados Unidos relata que uma comunicação aberta entre ela e seu técnico, especialmente, sobre lesões não era permitida (MOCEANU; WILLIAMS; WILLIAMS, 2012). A única opção era suportar a dor até que o corpo entrasse em colapso agindo como guerreiro, pois o fato de não ser capaz de suportar a dor seria um sinal de fraqueza, sentimento que não era tolerado no ginásio. Talvez, por isso, os ginastas apresentem um alto grau de tolerância à dor que, em muitos casos, seria insuportável para uma pessoa “normal” que buscaria auxílio médico ou que permaneceria em repouso, inerte, em casa e evitaria qualquer esforço físico (BORTOLETO, 2004).



Figura 49 – Detalhe da perna enfaixada de Dominique Moceanu nos Jogos Olímpicos de 1996 no qual a atleta competiu com uma fratura por estresse. Fonte: Duffy (2014).

Quando a dor surge, as ginastas se automedicam ou recorrem às fitas esportivas e continuam os treinos em prol de seus objetivos (STRUG; LOPEZ, 1997) e para não contrariar ou questionar a autoridade do técnico. A ginasta Kristie Philips manteve sua preparação para as competições em prol dos Jogos Olímpicos de 1988 com um punho fraturado e tomava 12 Advils e 6 Naprosyns por dia (RYAN, 1995).

Caine e Harringe (2013) e Bortoleto (2004) afirmam que a GA é um esporte em que os atletas se afastam por pouco tempo da prática, pois, mesmo com algum tipo de lesão ou dor, o treinamento continua. E, nos casos mais graves, o treino é modificado para que os ginastas continuem a prática de modo que a lesão tenha menor impacto no rendimento, “por exemplo, um ginasta com uma lesão no tornozelo sempre treinará nas barras e evitará as entradas e saídas para proteger o tornozelo” (KOLT; CAINE, 2010, p. 146).

Na concepção de Caine e Harringe (2013) é importante, em alguns casos, que o treino continue apesar da dor e das lesões com o intuito de manter os elementos ou os níveis das capacidades físicas, mas certamente o desempenho apresentará déficits. Por isso, Kolt e Caine (2010) citam a dificuldade em determinar as lesões recorrentes na GA, porque as atletas treinam rodeadas de lesões.

Não podemos deixar de mencionar a dor psicológica, a qual Rúbio (2001, 153) afirma que “é companheira da dor física”, pois ambas andam lado a lado. A

autora expõe que ela emerge quando há recusa ou receio em executar um elemento e o atleta expressa esse sentimento muitas vezes pelo choro.

6.2. A DOR NA MICROCULTURA DO GINÁSIO

Como uma sinfonia na qual os sons são originados do contato dos pés das ginastas com o corpo da trave de equilíbrio, as meninas do pré-infantil e infantil saltam e quicam arranjadas em diferentes traves que estão dispostas paralelamente uma ao lado da outra, em diferentes alturas, realizando a tarefa determinada pela técnica Luiza. O som é contínuo e elas repetem os diferentes saltos em busca da perfeição e sempre atentas às orientações da técnica: mais alto, mais firme, não torce o quadril, abre mais, presta atenção, não desiste, fica, ponta do pé, porque você está parada? Estas são algumas das expressões utilizadas por Luiza que repercutiram pelo ginásio (DC 17/03/2012).

Embora o corpo da trave seja acolchoado, percebemos que uma das meninas com o tornozelo enfaixado entre um salto e outro faz pequenas circunvoluções e às vezes aperta o tornozelo como se pudesse aliviar algum incômodo. Observa-se que em nenhum momento ela consulta a técnica ou deixa de executar os exercícios e, assim como suas companheiras, a pequena atleta desenvolve o treino de trave como se não houvesse nenhum problema. Entre os saltos e algumas caretas, o sinal mais proeminente da dor emerge nos olhos cheios d'água, cujas lágrimas lutam para não cair.

Bortoleto (2004) cita que no decorrer do treino, entre a execução dos elementos, o descanso e os momentos de correção, há momento de lamentação acerca das dores ou de quedas sem consequências graves. Embora não tenhamos observado a pequena ginasta expor a dor por meio de palavras, os técnicos estão cientes do problema, pois ao mudar de aparelho o técnico Diego pergunta “o pé aguenta?” E, com um sinal de cabeça positivo da ginasta o treino continua.

Em algumas ocasiões as ginastas advertem os técnicos sobre as dores, fato que na maioria das vezes não resulta na empatia dos técnicos, principalmente, quando se tratam de dores musculares, devido ao treino de flexibilidade, contusões ocasionadas por quedas nos aparelhos, entorses leves e calos abertos. Soraya Carvalho, classificada para representar o Brasil nos Jogos Olímpicos de Atlanta, relata que ao reclamar de dores era compreendida pelos técnicos como se estivesse

em busca de uma desculpa para não treinar as vésperas das Olimpíadas (RUBIO, 2013).

Por outro lado, verificamos que são comuns situações nas quais as ginastas compartilham seus sentimentos de dor com as suas companheiras de treino:

“O meu corpo está destruído, a minha vontade era de não vir hoje” diz uma das ginastas na fila para entrar no clube. A outra responde que ficou com dor do preparo físico. As atividades daquele dia nem haviam começado, mas as atletas já sinalizavam que seria um treino de superação do cansaço, da dor e da falta de motivação. Eu, que estava logo atrás na fila, observo a situação e recorro da minha época de atleta na qual o maior receio não era treinar com a dor, mas a falta de empatia do técnico com a situação (DC 02/06/2012).

A convivência diária estreita os vínculos entre as ginastas e, segundo Bortoleto (2004), isso torna propício que elas tenham empatia pelas suas companheiras. Ademais, as atletas sabem que algum dia será a sua vez de passar pela situação de sacrifício e dor vivida por uma colega.

Alguns minutos depois de observar o diálogo entre as atletas na entrada do clube, o treino iniciou como o de costume. Não observamos nenhum diálogo entre as ginastas que haviam reclamado das dores e do cansaço para os técnicos que, também, não questionaram as atletas sobre como estas estavam naquele dia, além de cumprimentos corriqueiros.

Enquanto as ginastas menores, da categoria pré-infantil e infantil, iniciam o treino sobre os olhares atentos dos técnicos, as ginastas do juvenil e do adulto fazem o aquecimento entremeado por pequenos diálogos e risos. O meu temor, relativo à minha época de ginasta, se confirma no desenvolvimento do treinamento quando uma das ginastas vai para as paralelas assimétricas.

“Minha mão vai abrir! Tá puxando!” Apesar das reclamações o técnico ignora a fala e apenas corrige os exercícios. (...) A atleta continua a treinar nas barras e a cada descida olha para as mãos (DC 02/06/2012).

Assim como Bortoleto (2004) observou em situações de treino da GAM, percebemos que a cada subida nas barras a ginasta trava um combate contra a dor para tentar suportar e não demonstrar a fraqueza. As frases, supracitadas no trecho anterior, são comuns para quem vive a rotina de treinamento na GA, pois os treinos que envolvem barras paralelas assimétricas provocam o atrito das mãos com o barrote que é coberto por madeira. A sensação de queimação ou de repuxamento

da pele são frequentes e os calos fazem parte do dia-a-dia das atletas (FIGURA 50). Podemos compreender os calos como sinais da batalha diária das atletas com esse aparelho (BORTOLETO, 2004).



Figura 50 – Mãos da ginasta brasileira Jade Barbosa. Fonte: Reprodução/Instagram Barbosa (2014).

Apesar de a atleta sentir a mão repuxar, ela continua o treino, pois o técnico não se compadeceu da situação de suas mãos.

A ginasta faz a preparação das barras de forma meticulosa, pois, se os barrotes estiverem mais úmidos com a combinação de mel ou água, o atrito seria menor. Mas, nada parece ajudar nesse caso. E, em um determinado momento, observo a atleta assooprando as mãos ao descer do aparelho. O inevitável ocorre na sequência quando o calo abre. Nesse momento, a atleta relata o ocorrido ao técnico que expõe: você terminou? Então termina! (DC 02/06/2012).

Os ginastas são treinados a suportar esse tipo de dor, pois caso ocorra no ambiente de competição a atleta precisará estar preparada para enfrentar essa situação com segurança e sem perder o seu rendimento.

A ginasta fica alguns minutos sem fazer nada no aparelho. Mas, ao constatar que não há outra opção a ser escolhida, a não ser fazer o restante dos exercícios, ela volta a preparar as barras e executa a sequência de elementos, mas com falhas de execução. Ao ver a execução o técnico se irrita e pede para a atleta parar de enrolar. Após outra tentativa o técnico começa a ignorar a ginasta (DC 02/06/2012).

A superação da dor e os desafios impostos por uma lesão grave emergem em uma das atletas da categoria juvenil. A ginasta Jéssica recuperava-se de uma cirurgia e, no momento do estudo, estava na fase de fortalecimento e de recuperação da flexibilidade. Além do desconforto da dor na articulação operada após o rompimento do ligamento cruzado, as dores musculares são companheiras dessa atleta que perdeu sua forma física devido ao período de afastamento do ginásio.

Enquanto certas atletas não exprimem feições de dor, acompanhamos caretas e choro nos treinos de flexibilidade das ginastas pré-infantil e infantil, conforme podemos observar no relato a seguir:

Com o auxílio dos colchões as pequenas realizam os espacates de forma passiva com a ajuda das companheiras. Não há clemência. Todas “forçam” umas as outras ao limite e contam o tempo. Uma das meninas, Jenifer, que durante a contagem manteve a testa em contato com a superfície do solo levanta o rosto apenas para secar as lágrimas com as mãos enquanto une as pernas devagar para não sentir mais dor após a abertura (DC 28/04/2012).

Além dos treinos de flexibilidade de coluna e membros inferiores, verificamos que o treino de flexibilidade de ombros parece uma “tortura” para aqueles que nunca vivenciaram, pois, em um dos exercícios, as ginastas apoiam as escápulas perpendicularmente ao corpo do cavalo enquanto os técnicos forçam a extensão máxima dos ombros. Para estabilizar o corpo, as ginastas prendem as pernas nas duas patas do cavalo e ficam em uma posição de “tortura medieval”. Algumas pessoas que assistiam ao treino fazem as caretas no lugar das ginastas.

Em todas as sessões de treino foram observadas situações que envolviam a dor. Quedas na trave de equilíbrio nas quais as ginastas se chocam com o corpo do aparelho, erros nas barras paralelas assimétricas que ocasionam a queda sobre o barrote, falhas na execução dos exercícios de solo que envolvem quedas, entre outras ocorrências. Ressaltamos que as ginastas sentem dor até mesmo quando acertam um elemento:

A ginasta Irina executou um bellissimo salto (Tsukahara estendido), mas sentiu os dois tornozelos na chegada. Ela caminha fazendo pequenas circunvoluções com a articulação em busca de um alívio. Corre e faz alguns saltos para se livrar da sensação de dor da chegada. Como último recurso, massageia a região do ligamento calcâneo e na parte anterior do tornozelo (DC 23/06/2012).

Ao analisarmos os DC, constatamos que dores no punho, tornozelos, joelhos e coluna dorsal foram as mais explicitadas. Aspectos que, também, emergiram no estudo de Bortoleto (2004) na GAM. O autor cita que em muitas ocasiões essas dores tiveram origem em pancadas, quedas, lesões por repetição, problemas crônicos, entre outros.

Em busca de um alívio desse desconforto, notamos durante o período de observação, também, o uso de *sports tape*, faixas de neoprene, talas, espumas para amortecer o impacto e outros recursos para aliviar as dores. Observado, por exemplo, nas barras paralelas assimétricas que as ginastas deste ginásio não utilizavam protetor palmar, mas algumas recorriam a um “protetor falso” construído a partir de uma bandagem para minimizar o desgaste das mãos e a dores (FIGURA 51).



Figura 51 - Mão da ex-ginasta Laís Souza da seleção brasileira com a proteção confeccionada com uma bandagem do mesmo tipo observado no ginásio. Fonte: Sportv.com (2012).

O medo de cair e sentir dor devido a alguma lesão surge, principalmente, quando as ginastas estão no processo de aprendizagem de um elemento novo ou quando vão executar os elementos “no duro”, ou seja, sem o suporte de colchões de amortecimento/aterrissagem, equipamentos auxiliares, ajuda manual ou da segurança do fosso, por exemplo. O trecho, abaixo, expõe essa questão rotineira na microcultura do ginásio.

“Concentração!” diz o técnico Diego para a ginasta que está tensa sobre a trave de equilíbrio com os braços elevados e pronta para executar o

elemento. Por alguns instantes ela fica como uma estátua. Arruma os pés para ter certeza que estão bem colocados e executa o *flick*. O técnico se irrita, pois a atleta fugiu da trave. Ele deseja ver a sequência de *flicks* na trave alta. (...) Após ouvir a técnica Luiza, a ginasta sobe na trave e se posiciona, mas o medo a domina. As companheiras incentivam, mas ela fica como uma estátua sobre o aparelho. (...) ela executa o primeiro *flick*, mas refuga o segundo. Lágrimas começam a cair, mas fica a dúvida se são oriundas do medo ou da frustração por não ter conseguido realizar os movimentos que na trave baixa fluem com certa facilidade (DC 17/03/2012).

6.3. DISCUSSÃO

“Às vezes dói tanto que você não sente mais” (HISTÓRIAS DO ESPORTE: SEM LIMITES, 2008).

Essa fala da ginasta Daiane dos Santos expõe a questão da dor e a relação das ginastas com essa companheira constante. No documentário “Histórias do esporte: sem limites” (2008), Daiane dos Santos relata as várias vezes em que treinou e competiu com dores.

Durante o trabalho de campo observamos que as ginastas, em suas diferentes categorias, apresentaram o desconforto da dor em distintas situações que abarcaram desde a dor da flexibilidade até a dor da recuperação de uma lesão grave.

Hillman (2000) cita que a dor consiste em uma das queixas mais recorrentes no âmbito da medicina esportiva e, independente de sua causa, a primeira medida a ser tomada consiste em aliviar o fator causador, o que nem sempre ocorre no esporte de competição e, no caso específico do nosso estudo, na GAF.

Bortoleto (2004) cita que os ginastas que buscam o alto rendimento pagam um preço alto que inclui o afrontamento da dor. Barker-Ruchti e Tinning (2010) citam que embora as ginastas lidem com o corpo como se ele fosse uma entidade mecânica, uma máquina, o desempenho perfeito e automatizado é praticamente impossível mesmo após treinamentos rigorosos e diligentes. Percebemos que em busca dessa perfeição inatingível, as ginastas treinam longas horas e repetem, exaustivamente, os exercícios orientados pelos técnicos mesmo em situações de dor conforme observamos nos trechos expostos no DC.

Quando o corpo não coopera e a dor física se torna insuportável, Miller (1999) relata que a ginasta é tentada a se deixar influenciar pela raiva, medo,

frustração e desapontamento, principalmente, quando o tempo é curto e as cobranças do técnico aumentam. No ginásio isso fica explícito com o choro e as expressões faciais das atletas na forma da careta ou sisudez, mas não observamos no ginásio uma contestação das atitudes dos técnicos que, muitas vezes, ignoraram esses sinais do corpo e mantiveram as atividades do treino sem adaptação.

Corroboramos Dyck (2000) quando o autor afirma que é praticamente inevitável o fato da maioria dos atletas, seja profissionais ou amadores e de diferentes faixas etárias, de que em algum momento de suas carreiras estes lidem com a dor na sua participação esportiva. Esse aspecto ressalta a natureza corpórea das atividades atléticas. O autor pontua que a distinção entre a origem fisiológica da dor e a maneira com que são culturalmente interpretados e a experiência dos atletas com relação à ela pode ser uma questão difícil de ser determinada.

Constatamos que, dificilmente, as ginastas se afastam do ambiente de treinamento por causa de dores. E, caso a atleta tenha alguma dor ou lesão ela poderá treinar em algum aparelho de forma adaptada. Um exemplo de grande emergência no DC consistiu em treinar no caninho quando a ginasta estava com a “mão aberta”, ou seja, com calos abertos. Também poderíamos exemplificar a adaptação quando uma ginasta com lesão no punho treina os elementos de voo no solo ou no trampolim acrobático. O uso do fosso, trampolim acrobático e do *tumble track* foi citado em um diálogo com o técnico Roberto que citou a frequência maior de utilização desses equipamentos devido às dores nos joelhos entre as atletas do adulto.

Segundo Caine e Harringe (2013) a adaptação do treino para que não interrompa totalmente as atividades é comum na GAF. Lesões comuns e de menor gravidade como hematomas, calos abertos e escoriações não chegam a gerar adaptação, pois o treino segue conforme o planejado.

O choro não é sinônimo de vergonha no ginásio, pois todas passaram pelo mesmo processo e se compadecem das companheiras. Mas, ressaltamos que as lágrimas, a dor e, até mesmo, as lesões são muitas vezes ignoradas pelos técnicos segundo observamos no treino de flexibilidade, nos calos abertos e nas quedas/choques com os aparelhos.

Corroboramos Barker-Ruchti e Tinning (2010) quando os autores citam que embora os técnicos desejem o melhor para as suas ginastas, esses, raramente, demonstram seus sentimentos de compaixão, pois pretendem manter o poder e a

autoridade durante os treinos. Incluiríamos o tempo que deve ser utilizado eficientemente (BAKER-RUCHTI, 2011), pois não se pode perdê-lo com a dor.

Caine et al. (2008) apontam o treinamento intenso durante períodos de crescimento e desenvolvimento, bem como o aumento da complexidade dos elementos gímnicos contemporâneos, como os principais aspectos que incidem na dor e no número e nível de gravidade de lesões na GA competitiva.

Corroboramos Marini et al. (2008) que a dor é um problema sério, pois influencia o rendimento da atleta independente do grau de seriedade da sua origem. Ademais, acreditamos que em determinadas ocasiões a integridade física da atleta é colocada em risco, pois a ginasta comete erros de execução devido ao incômodo gerado pela dor. Além disso, há o comprometimento do estado psicológico da atleta, pois a dor afeta a concentração e gera insegurança na ginasta (COGAN; VIDMAR, 2000). Esse aspecto emergiu no treino das barras paralelas assimétricas em que a ginasta, após ter um calo aberto nas mãos, cometeu erros de execução devido à dor. Nesse momento, a ginasta corria maior risco de lesão, pois estava desconcentrada e não apoiava e segurava as barras de forma correta.

A ex-ginasta Dominique Moceanu cita que aterrissou sobre o seu rosto após uma acrobacia no treino de pódio do Campeonato Americano de 1996 devido à dor e à instabilidade de uma perna acometida por uma fratura por estresse (MOCEANU; WILLIAMS; WILLIAMS, 2012). Dominique relata que para os seus técnicos não havia nada de errado e se ela quisesse competir, como se fosse uma opção escolher, ela deveria parar de reclamar e suportar a dor. A atleta poderia ter se machucado seriamente nessa ocasião, pois não estava conseguindo impulsionar o corpo no solo devido à dor.

Poderíamos citar outros exemplos na literatura que narram situações similares nas quais as ginastas competiram com dores ocasionadas pelo desgaste físico e por lesões, muitas vezes graves, e que foram ignoradas pelos seus técnicos (RYAN, 1995; SEY, 2008; MOCEANU; WILLIAMS; WILLIAMS, 2012; STRUG; LOPEZ, 1997; MILLER, 1999). E, em alguns casos, as dores e as lesões foram agravadas ou colocaram as atletas em risco.

Schiavon (2009) disserta sobre o período de treinamento da ginasta Soraya Carvalho antes dos Jogos Olímpicos de 1996 que culminou em *overtraining* e a não participação da atleta na competição. Segundo o relato, mesmo com muita dor, a intensidade dos treinos continuou e agravou a lesão que poderia ter sido tratada e

evitada a saída da atleta do evento. Compete ressaltar que Soraya Carvalho vinha de um excelente resultado no mundial de Porto Rico, em 1996, e poderia ter avançado para as finais na trave de equilíbrio em Atlanta, pois havia logrado o 9º lugar nesse aparelho.

A imersão em campo permitiu observar que a origem da dor, em sua maioria, se deve a rotina de treinamento que inclui muitas repetições em busca da exímia técnica e da perfeição dos movimentos. Kolt e Caine (2010) citam os treinamentos intensos e a longa jornada semanal de treinamento, 20-40 horas, como fatores que podem contribuir para o acometimento de lesões e, conseqüentemente, de dores. As atletas que compunham o universo do estudo treinavam mais de 30 horas semanais, pois, além do período no ginásio, algumas faziam musculação e atividades de fisioterapia que envolviam flexibilidade e fortalecimento.

Não podemos deixar de mencionar também que as características e as demandas físicas contribuem para a incidência de dores na GAF. A busca por uma maior amplitude das articulações, inclusive dos joelhos e cotovelos como foi observado no ginásio, envolvem treinamentos que impõe a superação da dor (BAKER-RUCHTI, 2011).

Os longos períodos sobre o apoio nas mãos convertem-se em dores no punho, as quais, segundo Courteix, Greene e Naughton (2013) são comuns na modalidade. Os autores mencionam o estudo de Mandelbaum (1989) que afirma que entre 46% e 79% dos praticantes de GA sofrem desse problema. Ademais, os autores citam que 45% dos ginastas participantes de um estudo transversal sinalizaram dores no punho por pelo menos 6 meses. Sabemos que há grande demanda dessa articulação na modalidade e, por isso, os técnicos devem estar atentos para que não ocorram lesões no disco de crescimento. Seria prudente alternar entre atividades de apoio e suspensão e também variar os membros solicitados.

As dores na coluna, também, são apontadas na literatura com alta frequência na GAF. Nassar (2013) cita a necessidade de flexibilidade e de força que envolvem as articulações da coluna.

Cogan e Vidmar (2000) atentam para a necessidade de ouvir a mensagem do corpo, a qual é sinalizada por meio da dor. Os autores citam que é possível superar a dor de torções e estiramentos leves que ocorrem durante os treinos e nas competições. Poderíamos acrescentar as escoriações, os hematomas e os calos.

Mas, Cogan e Vidmar (2000) afirmam que ainda que as dores sejam geradas por lesões de menor gravidade e risco essas necessitam de cuidados e os autores alertam para que as ginastas procurem o acompanhamento médico.

6.4. CONSIDERAÇÕES

No decorrer desse capítulo, acompanhamos a relação das ginastas de GA com a dor no ginásio. Bortoleto (2004) cita que as características da modalidade, principalmente, a relação de dominação dos técnicos sobre os atletas torna propícia a emergência de valores e de comportamentos que são aceitos e percebidos como normais no contexto do ginásio, como: o sacrifício à dor. Aspectos que, em outras realidades, seriam contestados e considerados graves.

Assim como Sands (1999a) reflete no contexto do futebol americano, acreditamos que a dor seja um elemento vital na construção da identidade cultural das ginastas. A dor e o ato de suportá-la tornam-se componentes que invocam quem é uma atleta de verdade. No ginásio de GAF o fato foi evidenciado quando vimos o primeiro calo aberto na mão de uma ginasta da escolinha que não fazia parte do escopo do estudo. Mas, esse acontecimento é percebido como um rito de passagem pelo qual todas as ginastas atravessam para se tornarem “verdadeiras ginastas”.

Rúbio (2001) considera uma atitude heroica que as ginastas consigam se manter firmes frente aos inúmeros desafios impostos pelo treinamento “soldadesco” e pelos aspectos relacionados à dor e às lesões frequentes, o que coloca à prova os objetivos e os anseios que motivam essas atletas a continuarem na carreira esportiva.

A maioria das ginastas iniciou a prática desse esporte com pouca idade e se habituaram às dores desde então. Isso confirma que as pessoas reagem aos sintomas de saúde, incluindo a dor, baseados na sua experiência de vida e nas normas culturais nas quais estão inseridas (BOHHAM, 2001 citado por MIAH, 2010).

Embora os técnicos incentivem e orientem as atletas à superarem os seus limites relacionados à dor, Ryan (1995) ressalta que muitas atletas negam a si próprias o direito de se cuidar, pois temem perder o seu lugar na equipe ou a

possibilidade de competir em um evento importante. Verificamos que as atitudes dos técnicos corroboram esses comportamentos negativos, pois estes ignoram e, até mesmo, agem de forma enérgica para que os treinos não percam o ritmo e as atletas cumpram com o seu dever.

Harringe e Caine (2013) citam a necessidade de que as atletas percebam e compreendam os sinais do corpo advindos por meio da dor para que seja possível tomar decisões que não comprometam ainda mais a sua saúde e/ou a continuidade dos treinamentos. Ainda de acordo com os autores, o velho ditado “*no pain – no gain*” é inapropriado na GAF e os atletas devem ser encorajados a compartilhar seus sentimentos com os técnicos e membros da equipe multidisciplinar. Fato que não é comum no âmbito dessa modalidade, conforme observamos no capítulo anterior e no decorrer do estudo no qual as ginastas devem ser vistas e não ouvidas.

Corroboramos Barker-Ruchti (2011) que ignorar os indicadores fisiológicos como a dor pode ser perigoso, mesmo que culturalmente o ato de treinar com o comprometimento de lesões e dores possa ser considerado “normal” na modalidade e no esporte de alto rendimento.

Por isso, enfatizamos que devemos estar atentos para os danos que as dores e as lesões poderiam acarretar em longo prazo, pois sabemos que muitas ginastas não alcançarão o sucesso no alto rendimento. Mas, muitas carregarão resquícios da carreira esportiva, em forma de dores e lesões crônicas, sem ter o reconhecimento que mereciam (BORTOLETO, 2004).

As ginastas treinam e se desenvolvem rodeadas de histórias de sacrifício à dor. Muitas vezes, observam suas companheiras e vivenciam situações que aumentam a sua tolerância aos desconfortos e sinais do corpo de que há algo errado. E, dessa forma, cria-se uma cultura de que aquela que sente dor, mas se mantiver firme no seu propósito, logrará sucesso, contrário àquela que desiste frente a esses obstáculos.

Acreditamos que a influência dos técnicos é proeminente na manutenção das atletas em regime de treinamento mesmo com dores que perduram por dias e até mesmo meses, pois as ginastas temem a rejeição e a punição de seus mentores esportivos. Aquelas que não se enquadram nesse sistema são criticadas, marginalizadas e, até mesmo, excluídas do ginásio: “se você não pode treinar, pega as suas coisas e vá embora”. Em determinadas situações, a atitude dos técnicos em determinar a saída da ginasta do ginásio é assertiva para salvaguardar a saúde

física e mental da atleta. Pois, a lesão da qual a dor é oriunda pode ser agravada seja pela falta de concentração ou pela sobrecarga de treinamento.

No próximo capítulo, discorreremos sobre a dimensão simbólica presente no ginásio, mais especificamente, no treino de barras paralelas assimétricas e que demonstra como essa dimensão contribui para uma melhor regulação emocional e, conseqüentemente, para a superação da dor no decorrer do treinamento.

7. RITUAL E HÁBITO NA GINÁSTICA ARTÍSTICA: UM OLHAR SOBRE AS BARRAS ASSIMÉTRICAS

Os riscos e as incertezas do esporte convidam os indivíduos a vários tipos de rituais. Treinadores, atletas e fãs estão envolvidos por rituais antes, durante e após os eventos competitivos.

Bela Karolyi, técnico que conduziu Nadia Comaneci ao sucesso nos Jogos Olímpicos de 1976, manteve um ritual pré-competitivo por muitos anos. Quando questionado sobre a participação de suas atletas na *American Cup* de 1988, o técnico procurou em seus bolsos por algo que veio à tona com uma risada expressiva e a seguinte frase: "essas são de boa sorte". O técnico mostrou duas moedas que foram encontradas quando ele se direcionava para um treinamento. Segundo Bela Karolyi, as moedas eram um presságio de duas medalhas que, posteriormente, se confirmaram na competição (NEFF, 1988).

Durante a sua carreira de técnico era comum observar esse grande ícone da GAF internacional olhando o solo em busca desses objetos que, na sua concepção, denotavam boa sorte. Nos Jogos Olímpicos de 1988, Bela Karolyi "passou um pente fino na área externa do ginásio de Ginástica de Seoul por quase uma hora até que ele encontrou duas moedas da sorte" (GUEST, 1988).

Ciente dessa superstição de Bela Karolyi, a qual é notória no meio gímnic, a atleta brasileira Daiane dos Santos afirmou ter encontrado duas moedas no seu caminho para a arena de competição, no mundial de Anaheim em 2003, momentos antes de entrar na história como a primeira campeã mundial da GA brasileira (PEDERSEN, 2003).

Embora em muitos casos os rituais estejam relacionados à superstição (DELANEY; MADIGAN, 2009), eles podem abarcar uma multiplicidade de sentidos no contexto esportivo, os quais: auxiliam os atletas a se concentrarem em uma determinada tarefa, ajudam a diminuir o estresse, servem como mecanismo de ordem e comunicação, contribuem com a motivação e, até mesmo, podem ser utilizados para "assustar" os rivais (WOMACK, 1992).

Sands (1999a) afirma que os treinamentos esportivos são "assombrados" por rituais. E, ao analisarmos a trajetória da GA através do tempo, veremos que se

trata de uma modalidade esportiva conservadora, tradicional e que possui peculiaridades, dentre as quais, rituais específicos.

Bortoleto (2004) cita em seu estudo sobre a GAM, que um ritual constante na microcultura do ginásio está relacionado com o uso do carbonato de magnésio pelos atletas. O autor disserta que

acudir a los magnesieros sin duda es algo habitual dentro de la actividad del Gimnasio, y en muchas ocasiones trasciende el simple hecho de echar magnesia en las calleras o en cualquier otra parte del cuerpo, convirtiéndose en un ritual de preparación individual (p. 344).

Ainda de acordo com Bortoleto (2004), cada ginasta apresenta uma variação desse ritual de preparação no qual "*algunos gimnastas son directos, rápidamente echan magnesia y suben en el aparato, no obstante, otros llegan a tardar varios minutos en una especie de conversación interior delante del magnesiero*" (p. 344). Em complementação, Thomas e Hannon (1980, p. 16) acrescentam que a caixa de magnésio, além de sua função, é um lugar de interação entre os atletas: "a caixa de magnésio é, também, um lugar para comiserar com um companheiro (...)".

O carbonato de magnésio pode ser utilizado em todos os aparelhos e a sua função é absorver o suor das mãos e de outras partes do corpo dos ginastas (BORTOLETO, 2004; NUNOMURA, 2008). Por isso, quando adentramos na microcultura de um ginásio de GA é comum observarmos as partículas de magnésio espalhadas pelo chão e o seu odor característico.

Na categoria feminina, sempre avistamos uma bruma branca nas barras paralelas assimétricas enquanto as atletas aprontam os barrotes. As ginastas investem tempo e rigor na sua preparação individual nos momentos que antecedem a subida nesse aparelho.

O cuidado com as mãos, o uso de protetores e o ato de arrumar os barrotes de acordo com as suas preferências podem se constituir em rituais que integram o universo simbólico do ginásio. Sabemos que as características técnicas, físicas e volitivas requisitadas por esse aparelho (SMOLEUSKIY; GAVERDOUSKIY, 1996; ARKAEV; SUCHILIN, 2004; COGAN; VIDMAR, 2000) convidam as atletas aos rituais, principalmente, aqueles relacionados à superstição.

Motivados pelos aspectos supracitados, o propósito desse capítulo é apresentar e discutir os rituais de preparação individual na GA, especificamente, nas

barras paralelas assimétricas. Acreditamos que os resultados poderão auxiliar na compreensão de parte do universo simbólico da modalidade e contribuir com um maior conhecimento da cultura de treinamento das atletas.

7.1. PARTICULARIDADES DAS BARRAS PARALELAS ASSIMÉTRICAS

Quando acompanhamos um treino ou um evento competitivo de GAF, observamos que as atletas preparam as barras paralelas assimétricas de acordo com o seu gosto pessoal.

Conforme acompanhamos no Capítulo 3, esse aparelho é constituído por dois barrotes de fibra de vidro cobertos por uma fina camada de madeira que são dispostos em paralelo, mas que possuem alturas distintas (AMERICAN SPORT EDUCATION PROGRAM/USA GYMNASTICS, 2011). No passado, as barras eram confeccionadas apenas em madeira o que tornava os barrotes rígidos e, por isso, se partiam com certa frequência. Segundo Sands (2000), a constituição atual dos barrotes propiciou maior resistência e elasticidade, o que tornou o aparelho mais seguro e dinâmico.

Cada barrote é apoiado em dois pilares que estão fixados em uma estrutura de ferro. O aparelho é sustentado por cabos de aço ancorados no solo. A distância entre as barras é regulável, entre 130-180 cm, e pode ser ajustada de acordo com as necessidades da ginasta (FIG, 2014c). Na Figura 52 podemos observar a configuração e as medidas desse aparelho.

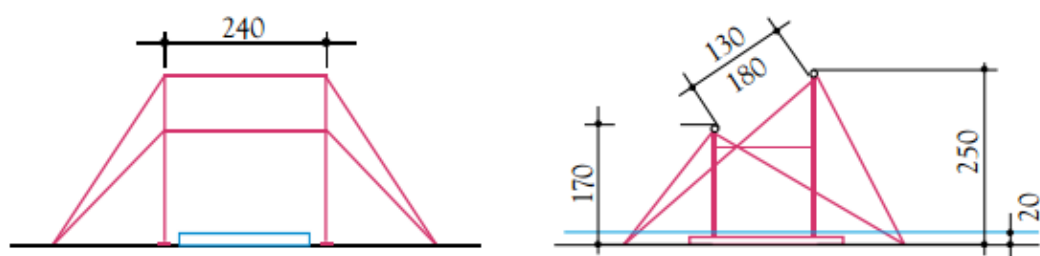


Figura 52 - Visão frontal e lateral, respectivamente, das barras assimétricas. Fonte: FIG (2014c).

Desde a sua origem até o período contemporâneo, esse aparelho passou por mudanças significativas. Sands (2000) relata que as mudanças no formato dos barrotos e o aumento na distância entre as barras, principalmente a partir dos anos 1980, culminaram na mudança substancial nos elementos executados nesse aparelho. Atualmente, o nível técnico e de dificuldade dos exercícios executados nas barras paralelas assimétricas estão semelhantes aos realizados na barra fixa masculina.

Uma série de barras paralelas assimétricas requer que a ginasta esteja em constante movimento. Hasegawa et. al. (2002) sintetizam que os movimentos executados são únicos e que o componente mais importante ao longo de uma série de exercícios são os balanços. Os autores citam que a ginasta necessita de força isométrica para manter o alinhamento e as posições corporais e a empunhadura na barra. Além disso, a duração dessa prova é de aproximadamente 30-40 segundos, o que demanda resistência de força. No momento da aterrissagem a força excêntrica dos membros inferiores é de grande importância para que a finalização seja segura e controlada.

O CP vigente (FIG, 2013c) determina as diretrizes para a composição e a avaliação das séries e dita os requisitos de composição da série, os quais: um elemento de voo da barra alta para a barra baixa; um elemento de largada e retomada na mesma barra; a execução de elementos com diferentes empunhaduras; um elemento com no mínimo 360° de pirueta sem fase de voo; e um elemento de dificuldade no mínimo D⁹ na saída.

À medida que a atleta executa os exercícios, suas mãos suam o que aumenta o risco de escorregões. Por essa razão, as ginastas utilizam o carbonato de magnésio, que absorve a transpiração e permite uma empunhadura mais segura (NUNOMURA, 2008).

Além do carbonato de magnésio, as ginastas recorrem ao uso de outras substâncias que possam deixar suas mãos pegajosas e aumentar a aderência e, em alguns casos, diminuir o excesso de atrito das mãos na execução dos balanços e giros.

⁹ Compete lembrar que os elementos são classificados de acordo com o seu grau de dificuldade em categorias que vão de A até I em uma sequência progressiva na qual os elementos A possuem o menor valor.

Cada atleta tem o seu próprio modo de preparar as mãos e os barrotes (FIGURA 53). Esse procedimento pode abarcar o uso de carbonato de magnésio, água, mel, glicose, refrigerante, saliva e, em alguns casos, a combinação dessas substâncias em uma receita pessoal. Esses são alguns exemplos das substâncias as quais as ginastas recorrem para obter melhor aderência na execução dos exercícios.



Figura 53 – Daniele Hypólito arruma o barrote superior nos Jogos Olímpicos de Londres 2012. Fonte: Martinez (2014).

Sands (2000) cita que "o uso e a quantidade de magnésio e outras substâncias é particularmente idiossincrático entre os ginastas" (p. 362). Isso significa que o atleta subsequente no aparelho pode não estar familiarizado com a forma que os barrotes foram arrumados pelo ginasta anterior. Por isso, o CP (FIG, 2013c) permite um tempo maior de aquecimento nesse aparelho para que as atletas possam regular a distância entre as barras e arrumar os barrotes de acordo com a sua preferência pessoal.

Outra particularidade desse aparelho é o uso de protetores também conhecidos como estafas ou corinhos. Esses foram desenvolvidos para reduzir o desgaste das mãos e diminuir a formação de calos e bolhas, às vezes inevitáveis, mesmo com o uso de tais proteções (NUNOMURA, 2008).

Alguns autores citam que os protetores, confeccionados em couro, permitem que as ginastas executem os movimentos com mais eficiência e empunhadura mais

segura (SANDS, 2000; GUTMAN, 1996; TUROFF, 1991). Porém, alguns países, dentre eles o Brasil, não possuem uma cultura estabelecida quanto à sua utilização.

7.2. RITUAL NO ESPORTE

A vida é, frequentemente, marcada por rituais. Todas as culturas, subculturas e anticulturas possuem rituais próprios (WEIS, 1991). Peirano (2003) afirma que em qualquer tempo ou lugar estamos envolvidos por rituais que podem ser religiosos, seculares, formais, informais, festivos, simples ou elaborados. Para a autora, no contexto atual, ao analisarmos os rituais contemporâneos devemos estar atentos à sua forma e características, as quais apontam e revelam particularidades de um determinado grupo e iluminam, ressaltam e expandem fatores que lhes são comuns.

Rook (1985, p. 251) exemplifica alguns tipos de rituais, entre os quais: "midiático, patriótico, doméstico, religioso, de cuidado pessoal, de presentear, de negociar, de alimentação, de rito de passagem, de feriado, romântico, atlético e de dormir". Como podemos observar, no cotidiano de nossas vidas há uma grande variedade de rituais que possuem uma multiplicidade de sentidos e condutas e que são realizados em ambientes distintos.

O conceito de ritual é polissêmico, ou seja, traz consigo uma pluralidade de sentidos. Originalmente, o termo "ritual", do latim *ritus*, era utilizado para distinguir uma atividade com caráter religioso que era consolidada, formalizada e repetida (MAZURKIEWICZ, 2011). Posteriormente, foram atribuídos outros significados ao termo que passou a abranger contextos seculares, dentre eles o esporte moderno (GUTTMANN, 2004).

O secularismo, segundo Guttman (2004), está relacionado ao rompimento com o sagrado, o esotérico e o espiritual em busca de uma prática objetiva, racional. Alguns rituais observados no esporte moderno não se relacionam, necessariamente, aos aspectos religiosos ou esotéricos ligados às superstições e/ou crenças, por exemplo, mas às convenções sociais, o que reafirma o seu caráter secular.

Todavia, ainda assim, o esporte moderno continua sendo um espaço aberto aos comportamentos ligados às superstições e crenças por parte dos seus

protagonistas e coadjuvantes, pois quando analisamos o contexto esportivo, percebemos que o engajamento em rituais contempla atletas, técnicos, espectadores e fãs (DELANEY; MADIGAN, 2009).

Weis (1991) cita que os rituais são onipresentes no fenômeno esportivo e estão nos ambientes de prática, auxiliam no estabelecimento de um sentimento de pertencimento e identificação, servem como reguladores de comportamento, caracterizam o início e o término das atividades, formalizam o momento das premiações, determinam padrões de celebração, estabelecem a troca de cumprimentos e relações interpessoais, entre outros.

O ritual consiste em uma representação transcrita da cultura e contribui com a transmissão de valores e de conhecimentos (SANDS, 2002; PEIRANO, 2003). No contexto esportivo, o ritual pode ser pensado como uma faceta que versa sobre um comportamento pré-estabelecido o qual o indivíduo respeita, de forma meticulosa, em um esforço que prima pela garantia hipotética de que os resultados ocorram de acordo com as suas expectativas (GMELCH, 1999).

Sands (1999b) complementa esse raciocínio ao dizer que o ritual é um comportamento que conecta a nossa mente com a nossa alma e que é capaz de produzir um estado de espírito que contribui para o sucesso no meio esportivo.

Grande parte dos rituais é constituída, principalmente, após grandes atuações. Cada atleta, ou equipe, recorre a experiências que são consideradas importantes e que, na maioria das vezes, estão relacionadas com percepções positivas (GMELCH, 1999). Nas palavras de Gmelch (1999), o atleta "pode formalizar qualquer atividade que ele considera importante ou de alguma forma relacionada a um bom desempenho" (p. 193). Mead (1956) apud Rook (2001) cita que os rituais podem se tornar dispositivos mnemônicos que auxiliam na emergência de sentimentos e/ou pensamentos com potencial de contribuição para o êxito.

Após ser formalizado, o atleta repete a ação com vista a lograr um bom resultado como ocorreu previamente. A repetição é uma característica determinante de um ritual (MEDINA, 2003). Esse aspecto fica evidente na fala do jogador de baseball Dennis Grossini, ex-lançador do Detroit Tiger, que quando questionado sobre o que era mais importante na sua rotina de rituais em um dia de jogo, o atleta relata: "você não pode, realmente, dizer o que é mais importante, pois tudo se torna importante. Eu teria medo de mudar qualquer coisa. Enquanto eu continuar vencendo, eu farei tudo da mesma forma" (GMELCH, 1999, p.131).

A repetição propicia um sentimento de ordem que auxilia o indivíduo a lidar com as diferentes situações. Através da reprodução do comportamento, o atleta busca um determinado "controle" sobre a imprevisibilidade inerente ao desempenho atlético (GMELCH, 1999).

O ritual auxilia, também, a lidar com uma situação de estresse elevado (WORMACK, 1992). O uso de palavras-chave antes de iniciar uma prova, fazer o sinal da cruz e no caso do ginasta Danell Leyva, dos Estados Unidos, se envolver em sua "toalha da sorte" após cada aparelho, auxiliam a lidar com os sentimentos prévios a um desempenho. Segundo o próprio ginasta: "Ela [a toalha] se tornou algo que realmente ajuda a entrar *"in the zone"* e a me concentrar nas minhas séries, porque eu tenho a propensão de me distrair muito fácil. Ela realmente ajuda" (STUMP, 2012).

Como podemos observar, o ritual é um comportamento significativo da experiência humana e que possui uma intensidade interna expressiva e simbólica com uma multiplicidade de funções e características em ambientes distintos, mas marcantes na vida contemporânea (ROOK, 2001).

7.3. RITUAIS DE PREPARAÇÃO INDIVIDUAL NAS BARRAS PARALELAS ASSIMÉTRICAS

Quando acompanhamos uma sessão de treinamento de GA, podemos contemplar os ginastas distribuídos nos diferentes aparelhos em um espetáculo constituído por vários palcos onde os atletas demonstram coragem, habilidade e ousadia através de exercícios coordenados nos quais a força, a resistência e a flexibilidade se unem em busca de um desempenho estético e tecnicamente perfeito, sempre sob os olhares atentos do técnico.

Após observar o salto realizado por Dominique, o técnico fala para a atleta: vá para as paralelas! Quase que imediatamente a ginasta olha para as suas mãos como se buscasse uma resposta ou que seu técnico tivesse complacência das suas mãos calejadas e desgastadas pelos treinos e, assim, não a ordenasse para esse aparelho. Anteriormente, entre um salto e outro, a atleta havia se queixado do cansaço com um ginasta masculino e disse que não queria treinar paralelas. A ginasta atravessa a área do solo que está sendo utilizada pelos atletas masculinos que executam as

sequências acrobáticas na diagonal do aparelho. Ao chegar próxima das barras ela olha novamente as mãos e toca os barrote para verificar a condição deles (DC 31/03/2012).

Embora seja perceptível que a atleta, na situação citada acima, não deseja treinar esse aparelho por cansaço e dores nas mãos, o técnico mantém a sua palavra e não abre exceção do treino nesse aparelho.

Como não houve diálogo que pudesse evitar o aparelho naquela sessão de treinamento, a ginasta se direcionou para as paralelas e tocou o barrote inferior. E, para verificar a condição do barrote naquele dia frio e seco, a ginasta apalpa e torce o barrote como se ele fosse um pano. O técnico se aproxima e passa algumas instruções. Enquanto ouve as recomendações, a atleta abaixa a cabeça e verifica mais uma vez as mãos. Na sequência, após o “diálogo” com o treinador, a atleta pega uma bolsa pequena abre e tira um pequeno frasco (DC 31/03/2012).

É comum na GA que cada atleta tenha uma bolsa de treino na qual guardam seus pertences que são utilizados durante o treinamento. Proteções de neoprene, bandagens, estafas (corinhos), esparadrapo, protetores de punho, meias e *sport tape* são alguns dos acessórios e itens que podem ser encontrados nessas bolsas. Ademais, encontraremos as substâncias que são utilizadas para a preparação dos barrotes.

A atleta passa mel nas mãos¹⁰. Fricciona as palmas das mãos e passa no barrote inferior. Após esfregar as mãos no barrote, ela se direciona à caixa de magnésio. Após pegar uma pequena quantia de magnésio volta a passar as mãos no barrote em busca de uma combinação de mel e magnésio que torne propícia a execução dos exercícios. Na sequência, ela fica na suspensão no barrote superior e faz pequenos deslocamentos para sentir as condições do barrote superior (DC 31/03/2012).

Enquanto a ginasta efetua a preparação das barras é possível observar as partículas de magnésio flutuando no ar e pintando os colchões azuis de branco.

Após a combinação de magnésio, mel, mais magnésio no barrote inferior... A atleta procura por algo aos arredores do aparelho e, após um tempo, pede uma lixa para uma de suas companheiras. O técnico pede para uma das ginastas juvenis, Marília, ir buscar uma lixa que está no vestiário e diz: para hoje!!! Marília pára o que estava fazendo e corre para buscar a lixa que está no vestiário. Ela atravessa o ginásio enquanto Dominique aguarda a companheira próxima à barra. Com a lixa em mãos, Dominique tira o excesso de magnésio do barrote superior para diminuir o atrito das mãos.

¹⁰ Ao término do treino, conversei com Dominique brevemente sobre as atividades e pergunto o que ela gosta de passar nas barras que responde que utiliza mel.

Ela senta sobre o barrote superior para facilitar a ação. Na sequência, fica na suspensão e verifica se os barrotes estão ao seu gosto. Com a barra sem o excesso de magnésio a ginasta desce do aparelho e passa mel nas mãos. Após friccionar as palmas das mãos, a atleta se direciona ao barrote superior e salta ficando na suspensão. Ela se desloca de um lado para o outro até estar satisfeita com a textura da barra. Então desce e se direciona a caixa de magnésio. Ela pega um pouco de magnésio e volta a ficar na suspensão no barrote superior e esfrega as mãos na barra. Ela então desce e vai para a caixa de magnésio preparar as mãos para iniciar os exercícios. Mais uma vez passar mel nas mãos e imerge a mão na caixa de magnésio (DC 31/03/2012).

Essa cena se repete no cotidiano do ginásio onde cada atleta executa formas de preparação semelhantes com algumas nuances. Pois determinadas ginastas preferem as barras mais úmidas, outras mais secas e com mais magnésio.

Após uma longa preparação das mãos e dos barrotes, Irina inicia os exercícios de aquecimento, mas pára de forma repentina reclamando que o barrote está escorregando e volta a readequar o barrote superior ao seu gosto sem perder tempo. A dúvida é se o aparelho estava realmente escorregando ou se a atleta parou por insegurança. Momentos antes ela teve problemas nos exercícios de largada e retomada. Ela demorou na preparação do aparelho como se estivesse a buscar coragem ou na tentativa de postergar a realização dos elementos. Após a longa preparação, a ginasta esfrega as mãos para eliminar o excesso de magnésio e se posiciona a frente do trampolim (...). Ela olha fixamente o aparelho que parece imenso quando comparado ao tamanho da pequena atleta (DC 28/04/2012).

Essa busca constante pela sensação, interiorizada ao longo da carreira esportiva, de uma boa empunhadura e conforto insurge em outras situações de treino nesse aparelho e que foram observadas entre atletas distintas. Quanto maior o risco ou a dificuldade da tarefa, mais tempo as atletas demoram na preparação do aparelho em busca de confiança e concentração para executar a tarefa. Trata-se de um momento no qual a preparação prática racional é superada pelo emocional, pois não é apenas a imersão das mãos na caixa de magnésio ou passar magnésio nos barrotes.

A altura e as características do aparelho parecem intimidar Irina que, momentos antes, teve problemas na execução dos elementos de soltura e retomada das barras (*Jager* e *Tkachev*) no aquecimento. A saída em *Fontaine*¹¹, também, causou problemas para a atleta que caiu sentada. Após as falhas no aquecimento da avaliação, a atleta é meticulosa ao arrumar os barrotes e a preparar as mãos para realizar a série como se buscasse uma melhor empunhadura e segurança (DC 12/05/2012).

¹¹ Mortal de costas grupado com meia pirueta seguido de mortal de frente grupado.

Enquanto a atleta prepara o aparelho, ela está concentrada naquele preciso momento e nos elementos que ela executará.

Após arrumar os barotes de forma minuciosa, a ginasta Dominique se direciona à caixa de magnésio. Passa um pouco de mel nas mãos e imerge as mãos no magnésio criando uma pequena bruma de pó branco. É possível perceber que a fisionomia da atleta muda enquanto se prepara para subir e realizar a tarefa. A descontração dá lugar à concentração e o semblante da ginasta muda. A postura da atleta também difere de momentos anteriores. Embora não haja medalhas em jogo, a ginasta encara a realização da série como se estivesse na competição, pois trata-se de uma avaliação. O risco de errar e cair, principalmente, devido às características desse aparelho e de suas ações motoras propiciam momentos de ansiedade e estresse na realização dos elementos que ainda não estão automatizados. A atleta aparentou falta de resistência física, aspecto que dificulta a realização dos elementos que estão no final da série, principalmente, a saída. (...) A ginasta conversa com ela mesma, olha para a colega que irá puxar o trampolim e inicia a série com firmeza e determinação cometendo uma falha na entrada por excesso de força tendo que flexionar os braços. Ela demonstra melhor execução dos movimentos ora apresentados no aquecimento com certa hesitação (DC 31/03/2012).

Nas categorias de base, pré-infantil e infantil, verificamos que a preocupação em arrumar o aparelho fica, em parte, sob a responsabilidade dos técnicos.

Enquanto a técnica Luana finaliza o treino de trave, o técnico Diego inicia a preparação para o treino de barras paralelas assimétricas. O técnico arruma uma espécie de plinto recoberto por uma capa de lona vinílica azul que permitirá que ele auxilie as ginastas na barra alta. (...) Após arrumar os colchões do aparelho verifica os barotes. (...) O foco está na correção dos giros e na saída em mortal estendido. O técnico faz a segurança e corrige as falhas de postura nos giros manualmente e, também, verbalmente. Ele também “carrega” as ginastas na saída. Entre uma atleta e outra, o técnico verifica o barrote e, em um determinado momento, pede a lixa para eliminar a crosta do barrote. Mas, observo que as jovens ginastas já recorrem a caixa de magnésio e utilizam substâncias nas mãos e preparam as barras para a execução dos elementos. Ou seja, trata-se de um processo que é transmitido no ginásio e que as atletas mais jovens assimilam essas receitas que emergem nesse contexto (DC 23/06/2012).

Na situação, citada anteriormente, notamos que a intenção do técnico é de arrumar de forma mecânica os barotes para que as meninas não escorregassem por causa do suor das mãos. Para o treinador, não há um conteúdo simbólico nesse ato, o que caracterizaria um comportamento de hábito. Ademais, não há um valor emocional/psicológico nos atos do técnico, pois o mentor esportivo não busca, por meio de um processo mnemônico, a sensação de sucesso/sorte vivenciada em um momento anterior.

Também incluiríamos como comportamento de hábito quando as ginastas preparam os barrotes durante o preparo físico específico. Momento no qual os elementos são simples, não são perigosos, e já estão automatizados, como: sequências de lançamentos à parada de mãos, séries de oitava à parada com ajuda ou sequências de *kippes*.

Ao longo do preparo específico as ginastas estão espalhadas no ginásio. Em uma das estações, as ginastas realizam lançamentos à parada com ajuda. Entre a execução dos elementos elas conversam e revezam no aparelho. O magnésio é utilizado nas mãos para secar o suor. Não observo o uso de outras substâncias as quais são comuns no treino técnico desse aparelho (DC 16/06/2012).

7.4. DISCUSSÃO

Na concepção de Mazurkiewicz (2001) os rituais consistem em elementos que são inerentes ao fenômeno esportivo. O autor faz a analogia de que o ritual é um doping legal que contribui com o desempenho atlético.

No decorrer das observações em campo, verificamos a repetição de comportamentos ritualísticos nos momentos que antecedem a atuação das ginastas nas barras paralelas assimétricas. Estes comportamentos possuem valor simbólico que permitem a organização e o controle de processos cognitivos que podem contribuir com um maior domínio sobre o desempenho atlético (WOMACK, 2010).

Isso foi perceptível quando as ginastas se preparavam para executar elementos de dificuldade e/ou que não estavam automatizados. Observamos, também, que no treino de avaliação, a ginasta Dominique preparou meticulosamente o aparelho como fosse possível diminuir as incertezas do desempenho nesse aparelho. Ademais, citamos que quando as ginastas tinham dificuldades, falhas e sinalizavam o medo, elas demoravam mais tempo no preparo das mãos e do barroto, conforme observamos com a atleta Irina. Por isso, acreditamos que além do fator de segurança, ao preparar as barras, a atleta buscou lidar com os sentimentos de ansiedade, medo e, até mesmo, a dor. E, desta forma, satisfizeram uma exigência psicológica/emocional. Isso reflete o caráter psicológico do ritual que proporciona à ginasta um meio para lidar com as dúvidas, o medo, o estresse e, também, contribui com os aspectos motivacionais do atleta (WOMACK, 2010).

Ademais, Madigan e Delaney (2009) citam que os rituais facilitam a concentração do atleta e favorecem o aumento no nível de confiança dos esportistas.

Poderíamos questionar se esses rituais de preparação observados e citados acima não consistiriam em hábitos. Mas, acreditamos que a distinção está no fato de os comportamentos contemplados e classificados como rituais estabelecem e transmitem significado e ordem e, ao fazer isso, fornecem um direcionamento para a mente, além da característica expressiva dos atos, o que na concepção de Knottnerus (2002) define um ritual. Ainda segundo esse autor, ao prover significado e direcionamento para as nossas ações, os rituais focam o nosso pensamento para longe de condições que possam ser prejudiciais e não compreensíveis. Por outro lado, os hábitos possuem a característica de serem mecanizados, automatizados e apresentam pouco conteúdo simbólico ou cognitivo.

Contudo, percebemos que há uma linha tênue entre o ritual e o hábito na qual um pode se converter no outro. Salvaguardando as diferenças com o fenômeno esportivo abarcado nesse estudo, o ato de se lavar pode ser um hábito para a maior parte das pessoas, mas, para um prisioneiro de um campo de concentração soviético, representava uma forma de se manter longe da degradação e da certeza da morte constituindo-se na única ação em que ele possuía o total controle (KNOTTNERUS, 2002).

Poderíamos classificar o comportamento dos técnicos como hábitos quando estes prepararam o aparelho para as ginastas das categorias de base, pois não há um valor simbólico nesses atos. Há somente o intuito em preparar mecanicamente os barrotes para que estes estejam propícios para a prática. Além desse comportamento, incluiríamos como hábitos o preparo das mãos e dos barrotes quando as ginastas executam elementos simples e que já estão automatizados, como ocorre no preparo físico específico.

Quando as próprias ginastas preparam o aparelho, essas buscam a sensação de uma boa empunhadura durante os giros, balanços, solturas, retomadas e, principalmente, a percepção de segurança das mãos na execução dos elementos e das séries, sensações que insurgem através de um processo mnemônico.

A boa preparação dos barrotes e das mãos, segundo o ideal de cada atleta, favorece o sentimento de conforto, ou seja, há um conteúdo simbólico, emocional e cognitivo, o qual ultrapassa a mera preparação mecânica das barras, principalmente, quando a ginasta irá executar elementos de dificuldade, partes da série ou a série

completa. Isso foi perceptível no exemplo da ginasta Dominique quando esta se preparava para executar a série na avaliação. Nesse momento, a atleta foi minuciosa no preparo das barras em um processo de conversação interior que foi além de passar magnésio e mel no corpo dos barrotes. A importância da execução da série, antes de uma competição importante e sobre os olhos atentos do técnico, corroborou o ritual presenciado e permitiu, por meio de um processo mnemônico, a emergência de um sentimento que favoreceu o desempenho atlético (SANDS, 1999a).

Acerca das ginastas das categorias de base, observamos que as pequenas atletas vão incorporando as receitas e combinações de substâncias (mel, saliva, melado, calda de pudim, refrigerante, entre outras) que são utilizadas pelas atletas veteranas. Ademais, as ginastas pré-infantis e infantis começam a interiorizar o valor simbólico dessas ações ao prepararem o aparelho e sentirem segurança, conforto ou a sensação de sorte após um determinado jeito de preparar o aparelho e desta forma constituem seus próprios rituais de preparação.

Os riscos que são inerentes ao treinamento de barras assimétricas, devido às características das ações motoras e das dimensões do aparelho, corroboram a emergência de rituais. Sabemos que o maior índice de lesões na GA ocorre no ambiente de treinamento (HUME; BRADSHAW; BRUEGGEMANN, 2013), o que explicaria a manifestação de rituais nesse contexto.

Notamos que quando as ginastas erram um determinado elemento ou se o elemento é de grande dificuldade ou está no início do processo de aprendizagem, as ginastas demoram mais tempo na preparação dos barrotes como se fosse possível, através do ritual, controlar a insegurança. Conforme Coakley (2001), alguns atletas recorrem aos rituais em busca de um grau de controle para lidar com as incertezas e para obter o sucesso, o que explica esse maior rigor nos rituais de preparação após uma falha.

As ginastas se tornam dependentes desses rituais de preparação e, em alguns casos, não conseguem realizar os exercícios se não houver o mel ou as substâncias que estão habituadas a utilizar para preparar os barrotes. Esse fato é evidenciado, no contexto do ginásio, quando as atletas ao se prepararem para uma competição reúnem tudo que consideram necessário para os treinamentos e o momento competitivo. As frases “pegou o mel?” e “não se esqueça de levar o mel!” emergem nos discursos dos técnicos e das atletas antes das viagens competitivas.

Isso não é particular da GA feminina. Podemos observar no depoimento do ginasta americano Jonathan Horton a importância do mel, de uma determinada marca, o qual o atleta está acostumado a utilizar: "eu não sei o porquê isso funciona, mas eu sempre tenho uma boa pegada nas barras. Eu tentei não usar isso (o mel da marca que estou acostumado) e eu escapei de primeira" (FOWLER, 2012). A importância é tão pronunciada que Raj Bhavsar, medalhista olímpico de bronze em 2008, cita que "uma das coisas mais devastadoras do mundo seria estar nos Jogos Olímpicos e de repente você não ter o seu mel particular" (FOWLER, 2008).

Inferimos que quando o ginasta não consegue executar os seus rituais próprios, seja pela ausência das substâncias desejadas para a sua preparação ou quando não consegue arrumar o aparelho de acordo com as suas preferências (exemplo: devido ao tempo de aquecimento), o atleta perde o "domínio" e o "poder" sobre o aparelho e entra em um estado de insegurança que pode culminar com erros e quedas. Por isso, percebemos a importância de ter as substâncias peculiares de cada ginasta e a necessidade de adequar os rituais no tempo que é disponibilizado no preparo desse aparelho nas competições. Como citado anteriormente, no caso da ginasta Irina, ao perceber que as barras não estavam ao seu gosto ela parou a sequência de exercícios e desceu justificando que o aparelho não estava adequado. Essa descida do aparelho pode ter origem emocional ou meramente mecânica. Fato que demonstra a necessidade de mais estudos acerca dessa questão.

Notamos que o ritual exerce uma influência pronunciada sobre a atleta, pois contribui na sua regulação emocional. Womack (2010) ao abordar essa questão explicita que os rituais propiciam o sentimento de poder e controle nessas situações que envolvem incertezas e riscos.

Entendemos que não há uma medida exata na quantidade de magnésio ou outras substâncias que são utilizadas no ritual de preparação das mãos ou dos barrotos. Ela está sempre relacionada com a sensação que surge com o tato. A atleta busca um sentimento interiorizado na rotina de treinamentos por meio de um processo mnemônico que envolve as substâncias utilizadas e o contato das mãos com o aparelho e essas substâncias.

Além de propiciarem uma melhor empunhadura, segurança, poder e controle, os rituais também auxiliam as atletas a se concentrarem na tarefa (WOMACK, 1992). Enquanto a atleta arruma os barrotos ou prepara as mãos para

subir no aparelho, ela entra em um estado físico e mental que favorece o êxito na execução dos exercícios. A ginasta entra em um estado de *flow*¹² e, através de um processo mnemônico que insurge por meio do ritual, o atleta recebe estímulos positivos de experiências anteriores e tem a oportunidade de controlar o medo e a ansiedade.

Sands (1999a) relata que o ambiente esportivo direciona os atletas a transcender aquilo que é ordinário em busca de um desempenho que esteja acima do nível profano na convergência entre a mente e o corpo, o que possibilita que os atletas superem a dor, as incertezas e personifiquem a “*game face*”. Ainda de acordo com esse autor "o desempenho humano e as armadilhas que cercam a cultura da experiência atlética invocam atingir literalmente na alma para produzir a emoção necessária e o espírito competitivo para se destacar no campo de jogo" (p. 193).

Na opinião de Sands (1999a), o nirvana do sportista ocorre quando mente e corpo estão intimamente ligados e a mente do atleta é impregnada pelo senso de confiança e sucesso. Na GA, é nesse momento em que a maestria técnica se une ao virtuosismo e o corpo da ginasta se torna uma ferramenta que permite a transcendência da mente no corpo em um desempenho que está na fronteira do que é místico. Os rituais contribuem para esse elo entre a mente e o corpo. E, quando a ginasta supera o desafio, tanto na execução de um determinado elemento como na realização de uma série completa, os sentimentos de júbilo e de renascimento emergem.

7.5. CONSIDERAÇÕES

Podemos visualizar aspectos da cultura de um determinado grupo através de padrões de comportamentos que podem ser compreendidos como um meio pelo qual os indivíduos se adaptam ao seu contexto, no caso do nosso estudo, ao ginásio de GA.

¹² Coakley (2001) explica que o estado de *flow* é uma experiência pessoal e ocorre quando nós ficamos absorvidos naquilo que estamos fazendo e perdemos a noção do tempo e espaço sendo levados pela atividade em si.

Dentre os comportamentos, notamos os rituais de preparação individual nas barras paralelas assimétricas que permitem a busca por uma eficiência que ultrapassa o aspecto mecânico de preparação das mãos e dos barrotes para a execução dos elementos.

Conforme observamos, além de permitirem uma empunhadura mais eficaz os atos favorecem o estabelecimento de um estado físico e mental que corrobora o êxito na execução dos exercícios nas barras assimétricas.

A eficiência do uso de magnésio é comprovada. Mas, não há estudos que apoiam, cientificamente, as "receitas" transmitidas no contexto do ginásio e se essas propiciarão a execução perfeita ou que a atleta retome a barra após a realização de um elemento de voo. Sands (2000) cita que há uma multiplicidade de substâncias e que estudos ainda não conseguiram identificar uma mistura ótima. O caráter particular dos atos dificulta essa determinação.

Embora não haja uma comprovação científica que qualifica o uso de distintas substâncias utilizadas pelas atletas, os rituais de preparação continuam a se repetir no cotidiano do ginásio com pequenas nuances. No decorrer das observações, percebemos que a fórmula perfeita está na intersecção entre a química das substâncias e aspectos idiossincráticos que envolvem reforços psicológicos positivos.

As características morfológicas e técnicas das barras paralelas assimétricas, assim como os riscos e as incertezas, principalmente nos elementos de voo exercem uma influência pronunciada para que as ginastas efetuem rituais de preparação. Pois estes colaboram para que as ginastas lidem com a ansiedade, o medo, a dor e as dúvidas da prática esportiva e favorecem para que as atletas se concentrem na execução dos elementos e séries com o sentimento de segurança e controle.

Corroboramos Mazurkiewicz (2001) quando o autor pondera que os comportamentos que envolvem os rituais, inseridos no fenômeno esportivo, são muito abrangentes e, com certeza, merecem maior atenção do meio acadêmico-científico em futuros trabalhos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do estudo, percebemos que, tanto o corpo como o desempenho das ginastas, refletem a cultura de treinamento dessa modalidade, assim como nos padrões de comportamento e de comunicação das ginastas e dos técnicos.

Essa cultura expõe características idiossincráticas da modalidade, as quais foram e continuam a ser transmitidas nos ginásios e contribuem para a manutenção da sociedade ginástica mundial.

Apesar de centenária, essa sociedade passou por mudanças que sinalizam a dinâmica cultural da GA, embora pudéssemos observar aspectos que continuam enraizados no cerne da modalidade desde a sua origem.

Os protagonistas do estudo, ginastas e técnicos, que compõe a microcultura do ginásio observado apresentam e compartilham valores, crenças e padrões de comportamento, bem como um sistema simbólico comum, que também foi observado, no decorrer do estudo, em outras microculturas da GAF e GAM. O fato reforça a ideia de uma subcultura da GAF e, em âmbito maior, uma macrocultura da GA.

Apesar da globalização da modalidade, evidenciada pela participação de um número cada vez maior de países, percebemos que, assim como na sua origem na Europa do Século XIX, o ginásio de ginástica mantém a função oriunda do período de perseguição aos pupilos de Jahn. Se antes esse ambiente servia para ocultar um movimento social em uma conjectura militarizada, nos dias de hoje mantém essa função de salvaguardar as atividades que nele ocorrem apenas para aqueles envolvidos: ginastas e técnicos.

Nesse espaço, aqueles que não pertencem a esse universo, precisam de autorização para estar ali. Por isso, muitas vezes, até os pais dos atletas se conformam em apenas olhar pela porta ou pelos vidros. Isso quando conseguem adentrar no clube.

Weiss (2000) cita que os ginastas são absortos em um contexto encravado por regras culturais específicas que, em sua maioria, são imbuídas e não percebidas, não ditas. E, por isso, são vistas como normais e aceitas por aqueles que pertencem a esta microcultura. Mesmo em situações tempestuosas, que seriam

vistas como abusos físicos ou psicológicos fora do ambiente do ginásio, há um consenso de que são necessárias para atingir a excelência esportiva.

As ginastas são adestradas a se inserirem na hierarquia do ginásio e passam a respeitá-la. Isso foi perceptível com as ginastas das categorias de base, pré-infantil e infantil, que apesar de estarem no início do seu desenvolvimento atlético demonstram traços do processo de endoculturação. E, evidenciam os padrões de comportamento observados nas ginastas do juvenil e do adulto.

Os longos períodos no ginásio, mais de 30 horas por semana, corroboram essa assimilação de padrões de comportamento. As atletas veteranas são percebidas como modelos pelas ginastas menores que vêm no sucesso internacional de suas companheiras um exemplo a ser seguido. Aspecto que, muitas vezes, justifica a aceitação de atos que em outro contexto não seriam benquistos, mas que se justificam nessa microcultura como o único meio em direção ao lugar mais alto do pódio.

A vigilância constante e onipresente no ginásio permeia as atividades e contribui com a imposição da disciplina soldadesca de treinamento em busca da perfeição e do domínio da técnica. Acrescentamos, também, o controle do tempo e dos corpos das atletas.

Todos os exercícios e elementos possuem um determinado padrão que deve ser respeitado. Essa vigilância do técnico expõe, também, traços da hierarquia a qual as ginastas são distribuídas e subjugadas, o que se reflete no comportamento das ginastas.

O modelo pedagógico, fundamentado no desequilíbrio da relação de poder existente entre o técnico, muitas vezes coercitivo, e ginastas obedientes, expõe marcas de experiências prévias dos técnicos na posição de atletas da modalidade. Desta forma, o modelo autocrático de treinamento é mantido e disseminado e expõe traços proeminentes dessa cultura de treinamento. E, assim, contribui com a regulação do desenvolvimento das atividades.

Não devemos atribuir a culpa por todos os problemas da modalidade à sua origem militar, com seus princípios, valores e padrões de comportamento, principalmente, sobre as relações humanas. Pois, muitos aspectos são importantes para a formação holística das ginastas, como: disciplina, coragem, respeito, senso de responsabilidade individual e com o grupo. Por essa razão, compete ao técnico ter o discernimento e primar pelos aspectos positivos advindos dessa origem militar

da GA. No caso da categoria feminina, esse aspecto foi supervalorizado com a migração de técnicos da GAM para atuar com as “pequenas fadas”.

Ademais, observamos que embora determinadas características se mantivessem no decorrer da história da GA, outras foram alteradas e substituídas o que sinaliza a dinâmica cultural na qual o ginásio e a modalidade passaram. Além disso, mostram que é possível mudar comportamentos, valores e princípios que estavam engendrados na modalidade.

Abusos físicos, coerção social, autocracia, obediência acrítica e ausência de diálogo são traços de que a origem militar da modalidade ainda exerce significativa influência no trabalho dos técnicos da modalidade com vista ao alto rendimento. Essas características são aceitas pelas atletas e cuja admiração e respeito pelos técnicos incapacitam-nas de questionar esses comportamentos.

Observamos que muitos técnicos não estão cientes de como essas ações, anteriormente citadas, podem incidir de forma negativa na vida das ginastas dentro e fora do ambiente esportivo. A conduta dos técnicos revelou que eles possuem competências técnicas que os possibilitam orientar as ginastas para competições como os Campeonatos Mundiais e os Jogos Olímpicos. Contudo, ao ponderarmos acerca de suas competências humanas, esses se mostram, muitas vezes, deficitárias nos aspectos intervenientes ao seu relacionamento com as ginastas. Dessa forma, há necessidade de orientar uma reflexão crítica da filosofia de trabalho desses mentores esportivos, a qual influencia diretamente nas suas condutas no ginásio e na competição.

A análise dessa relação peculiar, entre técnicos e ginastas revela que, ao mesmo tempo que ela é tão próxima, devido ao contato físico constante e às longas horas de treinamento, ela também é distante pela hierarquia presente no ginásio. Assim, ressaltamos a necessidade de estabelecer/aprimorar o canal de comunicação mas, culturalmente, as ginastas estão no ginásio apenas para serem observadas, orientadas, corrigidas e renderem medalhas.

A conjuntura dessa relação determina que as instruções dos técnicos devem ser aceitas sem questionamentos e com confiança, pois em muitas situações as ginastas depositam a sua sorte e a vida nas mãos dos técnicos. Não observamos, em momento algum, uma ginasta contradizer um técnico ainda que a dor ou o medo as dominasse na execução de um elemento novo.

Devemos esclarecer que há espaço para conversações na microcultura, mas que certos assuntos, principalmente, aqueles que versam sobre a instrução esportiva não estão ali para serem discutidos. Nesse momento, o técnico emite a mensagem e a ginasta cumpre de forma soldadesca o que foi determinado.

Muitas vezes o diálogo é unilateral, ou seja, apenas o técnico fala enquanto a ginasta escuta. Mesmo em situações tempestuosas, apenas o mentor esportivo se exaltou e as ginastas, silenciosas, apenas ouviam com expressões de aborrecimento, indiferença ou, até mesmo, de choro. Mas, em nenhum momento rechaçaram os técnicos.

Essa forma de interação também foi retratada na literatura (RYAN, 1995; BAKER-RUCHTI, 2011; BORTOLETO, 2004), o que apoia e confirma que esses traços da cultura da GA que foram observados nessa microcultura continuam presentes de forma proeminente na modalidade.

A articulação entre esses membros da microcultura é delineada pela obediência à hierarquia, pois todos necessitam ter consciência e saber agir e prever o comportamento dos outros em determinadas situações. É necessário ter conhecimento mínimo para operar dentro desse sistema cultural, por isso, ele é compartilhado entre os membros da microcultura com o intuito de permitir que as ações e as atividades ocorram dentro de uma harmonia.

As ginastas da categoria de base já sinalizam a endoculturação desses padrões de comportamento quando não questionam a autoridade do técnico ainda que sejam arguidas. No decorrer do treino, são muitas perguntas sem resposta. Entretanto, lembramos que não se espera uma resposta verbal, mas uma resposta física que demonstre que a atleta está ciente do que deve fazer.

Os técnicos recorrem à autocracia, pois essa forma de instruir os ginastas facilita que estes sejam moldados segundo as expectativas e os critérios estabelecidos por eles em uma relação de dependência. Verificamos que há pouco espaço para tomar decisões próprias baseadas no que julgam ser melhor.

Chamou-nos a atenção, o fato de que comportamentos vistos como normais e rotineiros como negar atenção, gritos, ironias e condutas agressivas, em nenhum momento, foram advertidas seja pelas atletas ou pelos técnicos que observaram as cenas. Essas são atitudes que se repetem em outros ginásios, conforme citam Bortoleto (2004), Baker-Ruchti (2011), Moceanu, Williams e Williams (2008), Strug e Lopez (1997), Ryan (1995) e Sey (2008).

Muitos dos aspectos que permeiam a microcultura do ginásio e que regem os padrões de comportamento da relação técnico-atleta, não favorecem o diálogo aberto entre as partes. Fato que requer mudanças para que a modalidade saia de um estado crítico, o qual se reflete no número escasso de atletas que atuam no esporte com vista ao alto rendimento após as categorias de base.

Ao longo dos capítulos, foram apresentados diferentes aspectos que constituem a microcultura de um ginásio de alto rendimento na GAF. Desvelamos procedimentos, valores e comportamentos que elucidam a cultura de treinamento da categoria feminina da GA e que conformam a dinâmica de funcionamento do ginásio. Contudo, não fomos capazes de abordar e esgotar todas as possibilidades de investigação desse contexto.

Corroboramos Bortoleto (2004) que esse assunto requer maior exploração e, na mesma perspectiva de Barker-Ruchti (2011), esperamos que esses estudos possam contribuir com o melhor entendimento dos aspectos culturais da modalidade e que incidem no processo de desenvolvimento de ginastas.

Cada ginásio deve ser visto como uma microcultura idiossincrática e poderá apresentar nuances com relação aos aspectos ora abarcados nesse estudo. Todavia, por meio da literatura, verificamos que muitos fatores são congruentes e foram observados em outros ginásios, o que reforça a ideia de uma cultura de treinamento e de uma sociedade ginástica secular e tradicional.

Analisamos um ginásio com atletas e técnicos com grande experiência e, dentre os indivíduos que compunham o universo da pesquisa, estavam ícones da modalidade nacional e internacional. Por isso, ainda que mediante as dificuldades de acesso para prosseguir as observações, insistimos em manter a escolha dessa microcultura, pois acreditamos que os dados, mesmo com a limitação da pesquisa, são de significativa relevância.

Encerramos esse estudo por ora, com o anseio de prosseguir na investigação acerca da dinâmica cultural da GA com a expectativa de que outros pesquisadores possam se inspirar com as informações contidas nessa obra e que possam desvelar outros “segredos” dos enclaves do ginásio.

Concordamos com Sands (1999b) que os assuntos referentes à cultura e ao esporte receberam pouca atenção da Antropologia. Pois, a grande maioria dos estudos reflete o esforço de educadores físicos e sociólogos. Por isso, consideramos

importante que, no futuro, haja parcerias entre essas e outras áreas de conhecimento, pois todos se beneficiarão com essa interdisciplinaridade.

REFERÊNCIAS

ADOLPH, D. Judging artistic gymnastics. **Modern Gymnast**, v. 7, n. 3, p. 13, mar. 1965.

ALLSPORT USA. 1976. Nadia Comaneci of Romania performs the floor exercise during the 1976 Summer Olympics in Montreal, Quebec, Canada. Disponível em: <<http://www.olympic.org/>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

AMERICAN ATHLETIC EQUIPMENT COMPANY. Made by American: designed to champions (and safety, too). **Modern Gymnast**, v. 9, n. 12, p. 4, dez. 1967.

AMERICAN ATHLETIC INC. (AAI). **Gymnastics catalog**. Disponível em: <www.americanathletic.com>. Acesso em: 17 dez. 2008.

ANDERSON, V. Female gymnasts: older and healthier. **Technique**, v. 25, n. 3, mar. 1997.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

APPLE. **iSight**. Entenda por que o mundo sorri quando olha para essa câmera. 2013. Disponível em: <<http://www.apple.com/br/iphone-5s/camera/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

ARKAEV, L. My coaching philosophy. In LANGSLEY, E. **Gymnastics in perspective**. Montier: FIG, 2000.

ARKAEV, L.; SUCHILIN, N. **Gymnastics: how to create champions**. Maidenhead: Meyer & Meyer, 2004.

BAILLEAU, L. **La culture gymnique: une ethnographie d'un groupe de haut niveau**. Dissertação (mestrado em Educação Física) – Facultad de deporte y educación física, Universidad de Orleans, Orleans, 2001.

BALLAT, C. (Fotógrafo). **Daniele Hypólito** (Fotografia). 2000. Disponível em: <<http://www.gymbbox.net/Daniele%20Hypolito.htm>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

BARBOSA, J. **Instagram:** Jade Barbosa. 2012. Disponível em: <http://instagram.com/jade_barbosa>. Acesso em: 06 abr. 2014.

BARKER-RUCHTI N. They must be working hard: an (auto-)ethnographic account of women's artistic gymnastics. **Cultural Studies - Critical Methodologies**, v. 8, n. 3, p. 372-380, 2008.

BARKER-RUCHTI, N. Ballerinas and pixies: a genealogy of the changing female gymnastics body. **International Journal of the History of Sport**, v. 26, n. 1, p. 45-62, 2009.

BARKER-RUCHTI, N.; TINNING, R. Foucault in leotards: corporeal discipline in women's artistic gymnastics. **Sociology of Sport Journal**, v. 27, n. 3, p. 229-250, 2010.

BARKER-RUCHTI, N. **Women's artistic gymnastics:** an (auto-)ethnographic journey . Basel: Gesowip, 2011.

BAROSH, M. (Fotógrafo). 1972. Cathy Mason? Cathy Rigby 1972 Olympian will have a new - name when she marries football player Tommy Mason in January (Fotografia). *Gymnast*, v. 15, n. 11, p. 7, nov. 1972.

BARRY, J. E. Overseas tour report. **Australian Gymnast**, v. 5, n. 4, p. 5, dez. 1975.

BENN, T.; BENN, B. After Olga: developments in women's artistic gymnastics following the 1972 'Olga Korbut phenomenon'. In DUNNING, E.; MALCOLM, D.; WADDINGTON, I. **Sport histories:** figurational studies in the development of modern sports. Londres: Routledge, 2004. p. 224.

BERGH, G.; OHLANDER, S. Free kicks, dribblers and WAGs. Exploring the language of "the people's game". **Moderna Språk**, v. 106, n. 1. p. 11-46, 2012.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística:** teoria lexical e linguística computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 356.

BLACK, D. (Fotógrafo). Betty Okino na trave de equilíbrio no Campeonato Mundial de 1991 (Fotografia). 1991. **USA Gymnastics**, v. 20, n. 6, p. 28, nov./dez. 1991.

BLANCHARD, K. The anthropology of sport. In COAKLEY, J.; DUNNING, E. (Ed.) **Handbook of Sports Studies**. Londres: SAGE, 2002.

BLOOM, G. A.; DURAND-BUSH, N.; SCHINKE, R.; SALMELA, J. H. The importance of mentoring in the development of coaches and athletes. **International Journal of Sport Psychology**, v. 29, p. 267-281, 1998.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOMPA, T. **Total training for young champions**. Champaign: Human Kinetics, 2000.

BONFIM, M. **Pensar e dizer**: estudo do símbolo no pensamento e na linguagem. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

BORRMANN, G. **Ginástica de aparelhos**. Lisboa: Estampa, 1980.

BORTOLETO, M. A. C. **La lógica interna de la gimnasia artística masculina (GAM) y estudio etnográfico de un gimnasio de alto rendimiento**. 2004. 667f. Tese (Doutorado em Educação Física) – INEFC Lleida, Universitat Lleida, Lleida, 2004.

BORTOLETO, M. A. C. A ginástica artística masculina (GAM) de alto rendimento: observando a cultura de treinamento desde dentro. **Revista Motricidade**, v. 3, n. 1, p. 323-336, 2007.

BORTOLETO, M. A. C.; FERREIRA, M. C.; RODRIGUES, R. G. S. A. A influência da mídia impressa sobre a prática da ginástica artística na cidade de Campinas, SP. **Lecturas Educación Física y Deportes**, v. 16, n. 156, p. 1-10, 2011.

BRASIL. Secretaria de educação física e desportos. Confederação Brasileira de Ginástica. **Código de pontuação feminino**. Brasília: SEED, s/d.

BRUEGGEMANN, G.; HUME, P. A. Biomechanics related to injury. In CAINE, D.; RUSSELL, K.; LIM, L. **Gymnastics**: handbook of sports medicine and science. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 63-74.

BURKE, M. Obeying until it hurts: coach-athlete relationships. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 28, n. 2, p. 227-240, 2001.

CAINE, D. J.; HARRINGE, M. L. Epidemiology of injury in gymnastics. In CAINE, D.; RUSSELL, K.; LIM, L. **Gymnastics**: handbook of sports medicine and science. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 111-124.

CALHOUN, D. W. **Sport, culture, and personality**. 2. ed. Champaign: Human Kinetics Publishers, 1981.

CARBALLO JUNIOR, J. A family affair. In LANGSLEY, E. **Gymnastics in perspective**. Montier: FIG, 2000.

CARRON, A. V. Role behavior and coach-athlete interaction. **International Review of Sport Sociology**, v. 13, n. 1, p. 51-56, 1978.

CASSIDY, T; JONES, R. L.; POTRAC, P. **Understanding sports coaching**: the social, cultural and pedagogical foundations of coaching practice. London: Routledge, 2004.

CHENCINSKI, L. East German invitational. **Gymnastics News**, v. 8, n. 3, p. 17, mai./jun. 1979.

COAKLEY, J. **Sport in society**: issues & controversies. 7. ed. New York: McGraw-Hill, 2001.

COBB, L. Report from Ljubljana. **Mademoiselle Gymnast**, v. 5, n. 4, p. 10-13, mar./abr., 1971.

COGAN, K. D.; VIDMAR, P. **Gymnastics**. Morgantown: Fitness Information Technology, 2000.

COMANECI, N. **Letters to a young gymnast**. Nova York: Basic Books, 2004.

COMITÉ OLÍMPICO INTERNACIONAL (COI). Within the international federations. **Olympic review**, n. 155, p. 518, set. 1980.

COOKE, J. (Fotógrafo). **Czechoslovakia Vera Caslavka**, 1968 Summer Olympics (Fotografia). Disponível em: <<http://www.gettyimages.com/detail/news-photo/summer-olympics-cze-vera-caslavska-in-action-during-uneven-news-photo/81453300>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

CORDIOLI, C. **Luana Piovani chama presidente Dilma de pau-mandado**. 2013. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/napontadalingua/2013/04/26/luana-piovani-chama-presidente-dilma-de-pau-mandado/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

CÔTÉ, J.; SALMELA, J. H.; RUSSELL, S. The knowledge of high performance gymnastic coaches: competition and training considerations. **The Sport Psychologist**, v. 9, p. 76-95, 1995.

COULON, A. Etnometodologia e educação. Petrópolis: Vozes, 1995 apud MARTUCCI, E. M. Estudo de caso etnográfico. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 25, n. 2, p. 167-180, 2001.

DADDARIO, G. Chilly scenes of the 1992 Winter Games: the mass media and the marginalization of female athletes. **Sociology of Sport Journal**, v. 11, n. 3, p. 275-288, 1994.

DAMSGAARD, R. **Children in competitive sports**: clinical implications. FIS Medical Committee Educational Series. 2001. Disponível em: <<http://www.fis-ski.com/data/document/children-competiton-damsgaard.pdf>>. Acesso em: 20 ago. de 2008.

DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DAY, L. (Fotógrafo). **Doris Brause** (Fotografia). 1967. *Mademoiselle Gymnast*, v. 2, n. 2, p. 18, set./out. 1967.

DELANEY, T, MADIGAN T. **The sociology of sport**: an introduction. Jefferson: McFarland Press, 2009.

DEMO, P. **Metodologia em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DONNELLY, P. Child labour, sport labour: applying child labour laws to sport. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 32, n. 4, p. 389-406, 1997.

DOYLE, E. A. (Ed.) **The official report of the organizing committee for the games XVI olympiad Melbourne 1956**. Melbourne: W. M. Houston Government Printer, 1958.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. In **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, março/2002.

DUFF, T. (Fotógrafo). **Dominique Moceanu of the USA performs on the balance beam during the 1996 Centennial Olympic Games at the Georgia Dome in Atlanta, Georgia** (Fotografia). 1996. Disponível em: <<http://www.gettyimages.com/detail/news-photo/dominique-moceanu-of-the-usa-performs-on-the-balance-beam-news-photo/360878>>. Acesso em: 30 mar. 2014

DUQUIN, M. The body snatchers and Dr. Frankenstein revised: social construction of bodies and sport. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 18, p. 268-281, 1994.

DYCK, N. Games, bodies, celebrations and boundaries: anthropological perspective on sport. In DYCK, N. **Games, sports and cultures**. Oxford: Berg, 2000.

EAGLEMAN, A. N.; RODENBERG, R. M.; LEE, S. From 'hollow-eyed pixies' to 'team of adults': media portrayals of Olympic women's gymnastics before and after an increased minimum age policy. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, ahead of print, 2014.

ENDO, F. Interview with Mr. Takashi Kondo, FIG vice president, in Varna. **Gymnast**, v. 16, n. 12, p. 16, dez. 1974.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (FIG). **Código de pontuação**. Montier: FIG, 1977.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (FIG). **Code of points 2006-2008**. Montier: FIG, 2006.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (FIG). **79th FIG congress**: official news. 2012. Disponível em: <<https://www.fig-gymnastics.com/site/figNews/view?id=189>>. Acesso em: 27 out. 2012.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (FIG). **About artistic gymnastics: what everyone should know!** 2013. Disponível em:

<<http://www.sportcentric.com/vsite/vfile/page/fileurl/0,11040,5261-207090-224313-179765-0-file,00.pdf>>. Acesso em: 08/12/2013a.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (FIG). **News letter n. 34**. 2013. Disponível em: <<http://www.sportcentric.com/vsite/vnavsite/page/directory/0,10853,5187-191694-208917-nav-list,00.html>>. Acesso em: 09 mar. 2013b.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (FIG). **Thirteen new women's elements submitted**. 2013. Disponível em: <<http://antwerp2013.fig-gymnastics.com/vsite/vcontent/content/news/0,10869,5261-206663-223886-49508-318782-news-item,00.html#>>. Acesso em: 20 out. 2013d.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (FIG). **Artistic gymnastics competition description**. Disponível em: <<http://www.sportcentric.com/vsite/vcontent/page/custom/0,8510,5187-188426-205648-44682-282889-custom-item,00.html>>. Acesso em: 08 mar. 2014a.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (FIG). **Chusovitina, Oksana/UZB**. 2013. Disponível em: <www.fig-photos.com>. Acesso em: 09 mar. 2014b.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (FIG). **FIG apparatus norms**. 2014. Disponível em: <<http://www.fedintgym.com/site/rules>>. Acesso em: 09 mar. 2014c.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (FIG). **Code of points 2013-2016**. 2014. Disponível em: <<http://www.fedintgym.com/site/rules>>. Acesso em: 09 mar. 2014d.

FERRATER, J. Dicionario de filosofia. Buenos Aires: Suramericana, 1975 apud SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 2009.

FIE, J. Woman's technical assembly Rotterdam. **Modern Gymnast**, v. 16, n. 1, jan. 1973.

FIE, J. FIG Code of points '74'75. **Gymnast**, v. 16, n. 12, p. 29-31, dez. 1974.

FILHO, A. (Fotógrafo). **Daiane dos Santos** (Fotografia). Disponível: <www.cob.org.br>. Acesso em: 31 mar. 2014.

FIRESTONE, W. A. Meaning in method: the rhetoric of quantitative and qualitative research. *Educational Researcher*, v. 16, n. 7, p. 16-21, 1987 apud SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 2009.

FLANSAAS, D. 1968 Olympic report: women's gymnastics. **Mademoiselle Gymnast**, v. 3, n. 2, p. 8-25, nov./dez. 1968.

FORBES, K. Gymnastics: changing for the better? **British Journal of Sports Medicine**, v. 31, n. 2, p. 94, jun.1997.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Trad. de Raquel Ramalhete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANCESCHINI, G.; ALMEIDA, P. **Daiane pede maturidade às ginastas e diz não aguentar mais ouvir "Brasileirinho"**. 2012. Disponível em: <<http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2012/02/23/daiane-dos-santos-explica-racha-na-ginastica-e-diz-nao-aguentar-brasileirinho.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

FREDERICK, A. B. The extreme range of a fluctuating quality... the Dortmund uneven bar exercise of Doris Brause. **Mademoiselle Gymnast**, v. 2, n. 2, p. 18-21, set./out. 1967.

FRIEDRICH, K. Flip-flap on the 4-inch beam. **Mademoiselle Gymnast**, v. 5, n. 2, p. 22-23, nov./dez. 1970.

GALISTEU, R. **A cultura da sua empresa estava preparada para o imediatismo?** 2012. Disponível em: <<http://crn.itweb.com.br/blogs/a-cultura-da-sua-empresa-estava-preparada-para-o-imediatismo/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

GATON, M. **Gimnasia artística femenina: eliminadas las dos españolas**. 2007. Disponível em: <<http://www.juegosyolimpicos.com/gimnasia-artistica-femenina-eliminadas-las-dos-espanolas/>>. Acesso em: 02 abr. 2014.

GIBSON ATHLETIC. **Gibson bar straps**. 2012. Disponível em: <http://www.gibsonathletic.com/inventoryD.asp?item_no=BR-10050&CatId={7849A7A9-C812-41B1-81BC-AFAB7C9AE94E}>. Acesso em: 06 abr. 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GMELCH, G. Baseball magic. In SANDS, R. R. (Ed.) **Anthropology, sport, and culture**. Westport: Bergin & Garvey, 1999.

GOHLER, J. Nadia the wonder child. **Gymnast**, v. 17, n. 6, jun. 1975.

Gonzalez, I. (Fotógrafo). **Olimpíadas 2008** - treino de pódio da ginástica feminina no National Indoor Stadium. Daniele Hipólito no solo (Fotografia). 2008. Disponível em: <<http://banco.agenciaoglobo.com.br/Pages/DetalheDalmagem/?idimagem=22798>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

GRANDI, B. **Oh, that code!** 2011. Disponível em: <<http://www.sportcentric.com/vsite/vfile/page/fileurl/0,11040,5187-204570-221793-172566-0-file,00.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2011.

GROSSFELD, A. Observations of world championships. **Gymnast**, v. 17, n. 2, fev. 1975.

GUEST, L. **The nickel can speak**: here comes Brandy. 1988. Disponível em: <http://articles.orlandosentinel.com/1988-09-21/sports/0070120098_1_brandy-karolyi-johnson>. Acesso em: 12 de jan. 2013.

GUTMAN, D. **Gymnastics**: the trials, the triumphs, the truth. New York: Puffin Books, 1996.

GUTTMANN, A. **From ritual to record**: the nature of modern sports. Nova York: Columbia University Press, 2004.

GYM MASTER. What`s new. **Mademoiselle Gymnast**, v. 1, n. 3, p. 31, summer 1996.

HARGREAVES, J. **Sporting females**: critical issues in the history and sociology of women's sports. Londres: Routledge, 1994

HARRINGE, M. L.; CAINE, D. J. Gymnastics injury prevention. CAINE, D.; RUSSELL, K.; LIM, L. **Gymnastics**: handbook of sports medicine and science. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 170-178.

HASEGAWA, H.; DZIADOS, J.; NEWTON R. U.; FRY, A. C.; KRAEMER, W. J.; HÄKKINEN, K. Periodized training programmes for athletes. In KRAEMER, W. J.; HÄKKINEN, K. (Ed.) **Strength training for sport**. Malden: Blackwell Science, 2002.

HENDERSHOTT, R. Judging notes. **Gymnast**, v. 14, n.1, p. 34-35, jan. 1972.

HILLMAN, S. K. **Avaliação, prevenção e tratamento imediato das lesões esportivas**. Barueri: Manole, 2002.

HISTÓRIAS do esporte: sem limites. Reportagem de Ronaldo Kotscho. Direção de José Trajano. Brasil: ESPN Brasil, 2008.

IKEDA, K. (Fotógrafo). **Daniele Hypólito** (Fotografia). 2004. Disponível em: <http://www.worldgymart.com/gallery/2004/athens/img_w1/wq4/at04HyD5534BBq.jpg>. Acesso em: 01 abr. 2014.

INTERNATIONAL GYMNASTICS MAGAZINE. **FIG clears Chinese champions**. 2008. Disponível em: <http://www.intlgymnast.com/index.php?option=com_content&view=article&id=641&catid=2:news&Itemid=53>. Acesso em: 02 out. 2008.

JOHN Hancock U.S. gymnastics championships 1998. USA Gymnastics. Nova York: NBC Sports Network, 1998.

JOHNSON, S.; FRENCH, N. **Winning balance**: what I've learned so far about love, and living your dreams. Carol Stream: Tyndale House Publishers, 2012.

JOWETT, S. When the "honeymoon" is over: a case study of a coach-athlete dyad in crisis. **Sport Psychologist**, v.17, n.4, p. 444-460, 2003.

JOWETT, S.; NTOUMANIS, N. The coach-athlete relationship questionnaire (CART-Q): development and initial validation. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, v. 14, n. 4, p. 245-257, 2004.

KERR, G. A.; STIRLING, A. E. Parents' reflections on their child's experiences of emotionally abusive coaching practices. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 24, n. 2, p. 191-206, abr./jun. 2012.

KERR, R. **The evolution of women's artistic gymnastics since 1952**. 392 f. Dissertação (mestrado em educação), University of Sydney, Sydney, Austrália, 2003.

KERR, R. The impact of Nadia Comaneci on the sport of women's artistic gymnastics. **Sporting Traditions**, v. 23, n. 1, p. 87-102, nov. 2006.

KEYSTONE/STRINGER (Fotógrafo). **Soviet gymnast Larissa Latynina of the Ukraine in action during the women's compulsory exercises at the Tokyo Olympics**. 1964. Disponível em: <<http://www.gettyimages.com/detail/news-photo/soviet-gymnast-larissa-latynina-of-the-ukraine-in-action-news-photo/50942168>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

KINSMAN, T. Understanding the Vulnerability of Power. **The Global Coach**, International Council for Coach Education, 1, 1999.

KLUETMEIER, H, (Fotógrafo). **ROM Nadia Comaneci, 1980 Summer Olympics** (Fotografia). 1980. Disponível em: <<http://www.gettyimages.com/detail/news-photo/summer-olympics-rom-nadia-comaneci-during-competition-news-photo/81458017>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

KOLKKA, S. (Ed.). **The official report of the organising committee for the games of the XV olympiad Helsinki 1952**. Porvoo: Werner Söderström Osakeyhtiö, 1955.

KOLT, G. S.; CAINE, D. J. Gymnastics. In CAINE, D. J.; HARMER, P.; SCHIFF, M. (Org.) **Epidemiology of injury in olympic sports**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010. p. 144-160.

KOWALIKOWA, J. Language of sport in the context of communication and culture. **Studies in Physical Culture and Tourism**, v. 16, n. 1, p. 63-67, 2009.

KRANE, V.; GREENLEAF, C. A.; SNOW, J. Reaching for gold and the price of glory: a motivational case study of an elite gymnast. **The Sport Psychologist**, v. 11, p. 53-71, 1997.

LAHAM, N. (Fotógrafo). **2008 U.S. Olympic team trials - gymnastics day 4** (Fotografia). 2008. Disponível em: <<http://www.gettyimages.com/detail/news->

photo/chellsie-memmel-reacts-after-competing-in-the-floor-news-photo/81667045>.
Acesso em: 08 mar. 2014.

LANGE, S. (Fotógrafo). **Liu Xuan (China) performs a sky-high Shushunova on floor at the Sydney Olympics** (Fotografia). 2000. Disponível em: <<http://0.tqn.com/d/gymnastics/1/0/C/0/-/-/LiuXuan-CHN-Sydney2000SteveLange.JPG>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

LANGLADE, A.; LANGLADE, N. R. **Teoria general de la gimnasia**. Buenos Aires: Stadium, 1986.

LANNING, W. Coach and athlete personality interaction: a critical variable in athletic success. **Journal of Sport Psychology**, v. 1, n. 4, p. 262-267, 1979.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LÉGLISE, M.; BINDER, M. **Gymnastics injuries**. Disponível em: <<http://fig-docs.com/Medical%20Docs%20for%20Website/Laccidentologie%20en%20gymnastique-f.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

LEIFER, N. (Fotógrafo). **Mary Lou Retton competes on the balance beam during the 1984 Summer Olympics at Pauley Pavilion in Los Angeles** (Fotografia). 1984. Disponível em: <<http://siphotos.tumblr.com/post/28578714705/mary-lou-retton-competes-on-the-balance-beam>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

LIPONSKI, W. "Hey, ref! Go, milk the canaries!" On the distinctiveness of the language of sport. **Studies in Physical Culture and Tourism**, v. 16, n. 1, p. 19-36, 2009.

LOPES, P. **Motivação e ginástica artística formativa no contexto extracurricular**. 2009. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

LYLE, J. **Sports coaching concepts**: a framework for coaches' behavior. Nova York: Routledge, 2002.

MADemoiselle GYMNAST. Tahoe training camp action. **Mademoiselle Gymnast**, v. 3, n. 1, p. 11-14, sep./out. 1968.

MARCONI, M. A.; PRESOTTO, Z. M. N. **Antropologia**: uma introdução. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARINI, M., MIRCA M.; SGAMBATI, E.; ELEONORA, S.; BARNI E.; EDY, B.; PIAZZA M.; MARINA, P.; MONACI M.; MARCO, M. Pain syndromes in competitive elite level female artistic gymnasts. Role of specific preventive-compensative activity. **Italian Journal of Anatomy and Embryology**, v. 113, n. 1, p. 47-54, 2008.

MARKULA, P.; PRINGLE, R. **Foucault, sport and exercise**: power, knowledge and transforming the self. Londres: Routledge, 2006.

MARTENS, R. **Successful coaching**. 3 ed. Champaign: Human Kinetics, 2004.

MARTINEZ, R. (Fotógrafo). **Olympics Day 2 - Gymnastics – Artistic**. 2012. Disponível em: <<http://www.gettyimages.com/detail/news-photo/daniele-matias-hypolito-of-brazil-puts-chalk-on-the-bar-in-news-photo/149468145>>. Acesso em: 01 abr. 2014.

MARTUCCI, E. M. Estudo de caso etnográfico. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 25, n. 2, p. 167-180, 2001.

MASSIMO, J.; MASSIMO, S. **Gymnastics psychology**: the ultimate guide for coaches, gymnasts and parents. Nova York: Morgan James Publishing, 2013.

MAZURKIEWICZ, M. Some observations about ritual in sport. **Studies in Physical Culture and Tourism**, Poznań, v.18, n. 4, p. 317-327, 2011.

MEAD, G. H. **On Social Psychology**. Chicago: University of Chicago Press, 1956.

MEDINA, F. X.; SÁNCHEZ, R. **Culturas en juego**: ensayos de antropología del deporte en España. Barcelona: Icaria Editorial, 2003.

MENDEL, J. A. A resume of the judging course. **Australian Gymnast**, v. 6, n. 2, p. 8-9, jun. 1976.

MIAH, A. The dream gene for the posthuman athlete: reducing exercise-induced pain sensations using gene transfer. In SANDS, R. R.; SANDS, L. R. (Ed.) **The**

anthropology of sport and human movement: a biocultural perspective. Lanham: Lexington Books, 2010.

MILLAN, M. (Fotógrafo). **USA Shannon Miller, 1992 Summer Olympics** (Fotografia). 1992. Disponível em: <<http://www.gettyimages.com/detail/news-photo/summer-olympics-usa-shannon-miller-in-balance-beam-action-news-photo/81397274>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

MILLER, C. **Shannon Miller: my child, my hero.** Norman: University of Oklahoma, 1999.

MINAYO, M. C. de S.; GOMES, S. F. D. R. (Org) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

MOCEANU, D.; WILLIAMS, P.; WILLIAMS, T. **Off balance: a memoir.** Nova York: Touchstone, 2012.

MOORE, K. Balance of power. **Sports Illustrated**, v. 73, n. 6, p. 28-30, ago. 1990.

MOSSTON, M. **Teaching Physical Education.** 2. ed. Columbus: Merrill, 1981.

MOTTRAM, D. R. Stimulants. In MOTTRAM, D. R. (Ed.). **Drugs in sport.** 5. ed. Oxon: Routledge, 2010.

NAURIGHT, J.; PARRISH, C. **Sports around the world: history, culture, practice.** 4 vols. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2012.

NASSAR, L. Treatment and rehabilitation of common spine/trunk/head injuries. In CAINE, D.; RUSSELL, K.; LIM, L. **Gymnastics: handbook of sports medicine and science.** Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 154-169.

NEFF, C. Hardly tiny in talent: 80-pound Phoebe Mills stole the American Cup. **Sports Illustrated**, New York, v. 68, n. 11, p. 73, mar. 1988.

NOGI, K. (Fotógrafo). **Number one ranked overall Mo Huilan of China performs the gaylord on the uneven bars at the 1995 World Gymnastics Championships in Sabae** (Fotografia). 1995. Disponível em: <<http://www.gettyimages.com/detail/news-photo/number-one-ranked-overall-mo-huilan-of-china-performs-the-news-photo/51992837>>. Acesso em: 05 abr. 2014.

NORMILE, D. **Stretching out**: the opposing forces of difficulty and age limits. 2010. Disponível em: <http://www.internationalgymnast.com/index.php?option=com_content&view=article&id=1386:stretching-out-the-opposing-forces-of-difficulty-and-age-limits&catid=8:stretching-out&Itemid=130>. Acesso em: 30 mar. 2014.

NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M. H. C. Análise e ensino da ginástica olímpica. In TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. de S. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

NUNOMURA, M. **Ginástica artística**. São Paulo: Odysseus, 2008.

NUNOMURA, M.; FERREIRA-FILHO, R. A.; DUARTE, L. H.; TANABE, A. M. Fundamentos da ginástica artística. In NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M. H. C. **Fundamentos das ginásticas**. Jundiaí: Fontoura, 2009. p. 201-239.

NUNOMURA, M.; PIRES, F. R.; CARRARA, P. Análise do treinamento na ginástica artística brasileira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 25-40, 2009.

NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S.; TSUKAMOTO, M. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão! **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 305-14, 2010.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S.; ROBLE, O. J.; CARBINATTO, M. Ginástica artística competitiva e a filosofia dos técnicos. **Motriz**, v. 18, n. 4, p. 678-689, 2012.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. A participação dos pais na carreira das atletas femininas de ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 125-134, 2014.

OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C. O código de pontuação da ginástica artística masculina ao longo dos tempos. **Revista da Educação física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 1, p. 97-107, 2009.

OLIVEIRA, M. S.; BORTOLETO, M. A. C. Apontamentos sobre a evolução histórica, material e morfológica dos aparelhos da ginástica artística masculina. **Revista da Educação física/UEM**, Maringá, v. 22, n. 2, p. 283-295, 2. trim. 2011.

OLIVEIRA, M. S. **O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008**. 2010. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ORGANISATIONSKOMITEE FÜR DIE XI OLYMPIADE. **Official report v. 2**. Berlim: Wilhelm Limpert, 1937.

ORGANIZING COMMITTEE OF THE GAMES OF THE XIX OLYMPIAD. **1968 Official Olympic Report**. Cidade do México: COJO, 1969.

OTTUM, B. A vault without a fault. **Sport Illustrated**, v. 61, n. 8, p. 42-59, 1984.

PALAZZO-MARTINI, R. **Caiado agora fala pelo PSB e quer o DEM com Eduardo**. 2013. Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/247/goias247/112768/>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

PALFRAMAN, D. Expert deplores emotional abuse in sports. **Coaches Report**, v. 1, n. 2, p. 3-5, 1994.

PEDERSEN, H. **Daiane dos Santos diz que teve "premonição" da vitória**. 2003. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/ultimas/reuters/2003/08/25/ult28u25053.jhtm>>. Acesso em: 29 jun. 2014.

PEIRANO, M. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PENSINGER, D. (Fotógrafo). **US Gym Borden** (Fotografia). 1996. Disponível em: <<http://www.gettyimages.com/detail/news-photo/amanda-borden-performs-on-the-balance-beam-during-the-news-photo/226878>>. Acesso em: 30/03/2014.

PESZEK, L. Soviet spectacular! **USA GYMNASTICS**, v. 19, n. 1, p. 18-21, jan./fev. 1990.

PESZEK, L. Bronze in Barcelona: closest finish in history. **USA Gymnastics**, v. 21, n. 2, p. 20-25, set./out., 1992.

PHILIPPE, R. A.; SEILER, R. Closeness, co-orientation and complementarity in coach-athlete relationships: what male swimmers say about their male coaches. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 7, p. 159–171, 2006.

PIERCE, C. S. **Semiótica**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PLAYBOY RUSSIA. ИскушениеЗолотом. **PLAYBOY RUSSIA**, v. 3, n. 11, nov. 2007.

POCZWARDOWSKI, A.; BAROTT, J. E.; HENSCHEN, K. P. The athlete and coach: their relationship and its meaning, results of an interpretive study. **International Journal of Sport Psychology**, v. 33, n. 1, p. 116-140, jan./mar. 2002.

PRESTIDGE, J.; PRESTIDGE, P. World games report. **Mademoiselle Gymnast**, v. 5, n. 3, p. 06-07, jan./fev. 1971.

PÚBLIO, N. S. **Evolução histórica da ginástica olímpica**. São Paulo: Phorte, 1998.

PÚBLIO, N. S. Origem da ginástica olímpica. In NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. **Compreendendo a ginástica artística**. São Paulo: Phorte, 2005. p. 15-26.

RABOIN, S. Bela is back on U.S. team. **USA Today**, p. 1a–2a, nov.1999.

RADUCAN, A. **The other side of the medal**. Bucaresti: Wiseman, 2012.

REPORTER special: gimnastele. Reportagem de Ioana Răduca. Romênia: Antena 3, 2008.

RHIND, D. J. A.; JOWETT, S. Relationship maintenance strategies in the coach-athlete relationship: the development of the COMPASS model. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 22, n. 1, p.106-121, jan/mar, 2010.

RIORDAN, James. **Sport in soviet society**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

ROBERTS, T. J.; HEMPHILL, D. A. **Banning drugs in sport: ethical inconsistencies**. Submission to the senate standing committee on environment, recreation and the arts, Australia, 1988.

RODENBERG, R. M.; EAGLEMAN, A. N. Uneven bars: age rules, antitrust, and amateurism in women's gymnastics. **University of Baltimore Law Review**, Baltimore, v. 40, n. 4, p. 587-606, jul. 2011.

ROOK, D. W. The ritual dimension of consumer behavior. **Journal of Consumer Research**, Chicago, v. 12, n. 3, p. 251-264, dez. 1985.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

RUBIO, K. **Atletas do Brasil olímpico**. São Paulo: Kuzuá, 2013.

RYAN, J. **Little girls in pretty boxes: the making and breaking of elite gymnasts and figure skaters**. New York: Doubleday, 1995.

SAKAMOTO, M. The 1970 world gymnastic championship report. **The Modern Gymnast**, v. 10, n. 12, p. 14, dez. 1970.

SALMELA, J. H. OMSAT-3 mental skills assessment of gymnasts. In JEMNI, M. **The science of gymnastics**. Nova York: Routledge, 2012. p. 132-160.

SANDS, R. R. **GutCheck!** An anthropologist's wild ride into the heart of college football. Carpinteria: Rincon Hill Books, 1999a.

SANDS, R. R. **Sport and culture: at play in the fields of anthropology**. Needham Heights: Simon & Schuster, 1999b.

SANDS, R. R. **Sport ethnography**. Champaign: Human Kinetics, 2002.

SANDS, W. A. Injury prevention in women's gymnastics. **Sports Medicine**, v. 30, n. 5, p. 359-373, nov. 2000.

SANDS, W. A. Introduction. In SANDS, B.; CAINE, D. J.; BORMS, J. **Scientific aspects of women's gymnastics**. Basel: Karger, 2003. p. 1-7.

SANDS, W. A.; SLATER, C.; MCNEAL, J. R.; MURRAY, S. R.; STONE, M. H. Historical trends in the size of US Olympic female artistic gymnasts. **International Journal of Sports Physiology and Performance**, v. 7, n. 4, p. 350-356, dez. 2012.

SANSONE, D. **Greek athletics & the genesis of sport**. Berkeley: University of California Press, 1992.

SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thomson Learning, 2002.

SAPIR, E. **Culture, language and personality**: selected essays. Berkeley: University of California Press, 1949.

SAPORTA, S. A note on language, sports, and society. **Language in Society**, v. 19, n. 1, p. 145-146, 1990.

SCHARENBERG, S. Uneven bars revolution: a matter of one idea and Gender? In ICOHTEC, 2008, Victoria, **Anais eletrônico**. Disponível em: <<http://icohtec.uvic.ca/abstracts.php>>. Acesso em: 12 dez. 2008.

SCHENEWARK, J. D. **Work-family conflict and enrichment**: a study of college coaches. 2008. Tese (doutorado em filosofia) – Universidade do Texas, Austin, 2008.

SCHIAVON, L. M. **Ginástica artística feminina e história oral**: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004). 2009. 379 f. Tese (Doutorado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2009.

SCHMID-SORG, F. **From upswing to somersaults: artistic gymnastics on the horizontal bar**. 2003. Disponível em: <http://www.gymmedia.com/ag/history/appa/highbar/history_hb.htm>. Acesso em: 25 out. 2007.

SCHWALL, B. (Fotógrafo). **Andreea Grigore (ROU) (Fotografia)**. 2007. Disponível em: <<http://www.gymfan.de/2007/images/wm2007/wm2007-114916.jpg>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

SCHWARTZ, H. E. **Gymnastics**: science behind sports. Farming Hills: Gale, 2011.

SEDLACZEK, P. History, cultural context and terminology of wind surfing. **Studies in Physical Culture and Tourism**, v. 16, n. 1, p. 115-123, 2009.

SEY, J. **Chalked up**: inside elite gymnastics' merciless coaching, overzealous parents, eating disorders, and elusive Olympic dreams. Nova York: HarperCollins, 2008.

SILBY, C.; SMITH, S. **Games girls play**: understanding and guiding young female athletes. Nova York: St. Martin`s Press, 2000.

SMOLEUSKIY, V.; GAVERDOUSKIY, I. **Tratado general de gimnasia artística deportiva**. Barcelona: Editorial Paidotribo, 1996.

SOARES, C. L. **Educação física**: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 2004.

SPIETH ANDERSON LTD. Original Reuther gymnastics apparatus. **Modern Gymnast**, v. 15, n. 11, p. 3, nov. 1972.

SPIETH GYMNASTICS. **Catalogue**. 2013. Disponível em: <<http://www.spieth-gymnastics.com/>>. Acesso em: 28 nov. 2013.

SPORTS ILLUSTRATED. From Russia with charm: Olga Korbut tours the US. **Sport Illustrated**, v. 38, n. 11, p. (capa), mar. 1973.

SPORTS ILLUSTRATED. **Romanian gymnasts 'lied about age'**. 2002. Disponível em: <http://sportsillustrated.cnn.com/more/news/2002/04/18/romania_ap/>. Acesso em: 18 abr. 2002.

SPORTV.COM. **No Brasil, Laís Souza tenta superar a dor do corte da seleção de ginástica**. 2012. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/ta-na-area/noticia/2012/07/no-brasil-lais-souza-tenta-superar-dor-do-corte-da-selecao-de-ginastica.html>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

STIRLING, A. E.; KERR, G. A. Abused athletes' perceptions of the coach-athlete relationship. **Sport in society: cultures, commerce, media, politics**, v. 12, n. 2, p. 227-239, 2009.

STIRLING, A. E.; KERR, G. A. Defining and categorizing emotional abuse in sport. **European Journal of Sport Science**, v. 8, n. 4, p. 173-181, 2008.

STRUG, K.; LOPEZ, J. **Landing on my feet: a diary of dreams**. Kansas: Andrews McMeel, 1998.

STUMP, S. **U.S. gymnast's lucky towel gains fans, helps him take bronze**. 2012. Disponível em: <http://todayinlondonblog.today.com/_news/2012/08/02/13085361-us-gymnasts-lucky-towel-gains-fans-helps-him-take-bronze?lite> Acesso em: 12 jan. 2013.

SULLIVAN, P. A.; WILSON, D. J. The coach's role. In COHEN, G. L. **Women in sport: issues and controversies**. Newbury Park: SAGE, 1993.

SWEENEY, J. M. **Ginástica olímpica**. São Paulo: Difel, 1975.

TENTEROVA, A. Judging clinic note. **Mademoiselle Gymnast**, v. 2, n. 1, p. 19-23, maio/jun.1967.

THE ORGANIZING COMMITTEE FOR THE XIV OLYMPIAD. **The official report of the organizing committee for the XIV Olympiad**. Londres: McCorquodale & Co. Ltd., 1948.

THE ORGANIZING COMMITTEE OF THE XIITH OLYMPIAD TOKYO. **Report of the organizing committee on its work for the XIIth Olympic Games of 1940 in Tokyo until the relinquishment**. Tóquio: Isshiki, 1940.

THE USGF WOMEN'S COMMITTEE. Summary of lecture series given by madame Berthe Villancher. **Mademoiselle Gymnast**, v. 2, n. 5, p. 19-23, mai./jun.1968.

THEOBALD, T. (Fotógrafo). **Maria Filatova** (Fotografia). Disponível em: <<http://www.tomtheobald.com/>>. Acesso em 15 mar. 2014.

THOMAS, K. HANNON, K. **Kurt Thomas on gymnastics**. Nova York: Fireside, 1980.

THOMPSON, F. New rules for women's gymnastics. **The Australian Gymnast**, jul. 1974.

THYS, J. (Fotógrafo). **Romania's Catalina Ponor competes on the floor** (Fotografia). 2012. Disponível em: <<http://www.gettyimages.com/detail/news-photo/romanias-catalina-ponor-competes-on-the-floor-during-the-news-photo/144305272>> .Acesso em: 08 mar. 2014.

TIELEMANS, A. (Fotógrafo). **USA Kerri Strug**, 1996 Summer Olympics (Fotografia). Disponível em: <http://sportsillustrated.cnn.com/vault/edb/reader.html?magID=SI&issueDate=19960805&mode=reader_vault>. Acesso em: 30/04/2014.

TOFLER, I. R. et al. Physical and emotional problems of elite female gymnasts. **New England Journal of Medicine**, v. 335, n. 4, p. 281-3, 1996.

TOKAREV, S. **A real coaching talent**. 1985. Disponível em: <<http://www.gymn-forum.net/Articles/SL-Rast.html>>. Acesso em: 24/04/2013.

TOMLINSON, A.; YORGANCI, I. Male coach/female athlete relations: gender and power relations in competitive sport. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 21, n. 2, p. 134-155, 1997.

TONRY, D. Basic horizontal bar. **Modern Gymnast**, v. 15, n. 2, p. 23, fev. 1973.

TRAVESSIA do ar. Direção de Dorrit Harazim. Produção de Raquel Zangrandi. Rio de Janeiro: Vídeo Filmes, 2004.

TURKINGTON, C.; DOVER, J. S. The encyclopedia of skin and skin disorders. New York: Infobase Publishing, 2009.

TURNER, A. **Yelena Mukhina dies**. 2006. Disponível em: <http://www.intlgymnast.com/index.php?option=com_content&view=article&id=38:yelena-mukhina-dies&catid=2:news&Itemid=53>. Acesso em: 24 dez. 2006.

TUROFF, F. **Artistic gymnastics**: a comprehensive guide to performing and teaching skills for beginners and advanced beginners. Dubuque: WCB, 1991.

UKRAN, M. L. **Gimnasia deportiva**. Zaragoza: Editorial Acribia, 1978.

ULLMANN, R. A. **Antropologia**: o homem e a cultura. Petrópolis: Vozes, 1991.

UPHUES, J. K. USGF women's report. **Mademoiselle Gymnast**, v. 3, n. 1, p. 24, set./out. 1968.

USA GYMNASTICS. USA men & women win medals at worlds championship. **USA Gymnastics**, v. 31, n. 1, p. 22-26, jan./fev. 2002.

VAN ROSSEM, G. (Ed.). **Official report of the Olympic Games of 1928 celebrated at Amsterdam**. Amsterdam: Amsterdam J. H. de Bussy Ltd., 1928.

VIEIRA, S.; FREITAS, A. **O que é ginástica artística**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

VISHWANAT, D. (Fotógrafo). **2012 Visa Championships - day 4** (Fotografia). 2012. Disponível em: <<http://www.gettyimages.com/detail/news-photo/alicia-sacramone-competes-on-the-beam-during-the-senior-news-photo/146129381>>. Acesso em: 08 mar. 2014.

VOGLER, C. C.; SCHWARTZ, S. E. **The sociology of sport: an introduction**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1993.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WALTER, M. T. Dos ideogramas nipônicos aos poemas ideogrâmicos. **Eletras**, vol. 22, n. 22, p. 24-40, 2011.

WEIS, K. Religion and sport: the social connection. In LANDRY, F.; LANDRY, M.; YERLES, M. **Sport... the third millennium: proceedings of the international symposium**, Quebec, Canadá. Sainte-Foy: Presses de L'Université Laval, 1991.

WEISS, M. S. Culture, context and content analysis: an exploration of elite women gymnasts in the high school world. In DYCK, N. **Games, sports and cultures**. Oxford: Berg, 2000.

WINTERS, G. (Fotógrafo). **Tourischeva** (Fotografia). **Modern Gymnast**, v. 15, n. 10, p. 36, out. 1972.

WOMACK, M. **The Anthropology of Health and Healing**. Rowman & Littlefield, 2010

WOMACK, M. Why athletes need a ritual: a study of magic among professional athletes. In HOFFMAN, S. (Ed.). **Sport and religion**. Champaign: Human Kinetics, 1992.

XUAN, L. A test of will. In LANGSLEY, E. **Gymnastics in perspective**. FIG: Montier, 2000. p. 26.

YANG, S. X.; JOWETT, S. Psychometric properties of the coach-athlete relationship questionnaire (CART-Q) in seven countries. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 13, n. 1, p. 36-43, 2012.

YIN, R. K. **Case study research: design and methods**. 4. ed. Thousand Oaks: SAGE, 2009.

ZACCARDI, N. **With her all-time record set to fall, little-known Latynina looks back**. 2012. Disponível em: <<http://sportsillustrated.cnn.com/2012/olympics/2012/07/10/larisa-latynina-michael-phelps-olympic-medals-record/>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

ZAGLADA, V. **One coach's journey from east to west: how the fall of the iron curtain changed the world of gymnastics**. Bloomington: Author House, 2010.

ZULAIKA, J. Chivos y soldados: la mili como ritual de iniciación. Madri: La Primitiva Casa Baroja, 1989 apud BORTOLETO, M. A. C. A ginástica artística masculina (GAM) de alto rendimento: observando a cultura de treinamento desde dentro. **Revista Motricidade**, v. 3, n.1, p. 323-336, 2007.